

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MEMÓRIA SOCIAL
MESTRADO EM MEMÓRIA SOCIAL**

PEDRO JORGE LO DUCA VASCONCELLOS

**O FUTEBOL PELA VISÃO DOS GRAFITES:
OS CASOS DE BUENOS AIRES E RIO DE JANEIRO**

Rio de Janeiro
2014

PEDRO JORGE LO DUCA VASCONCELLOS

**O FUTEBOL PELA VISÃO DOS GRAFITES:
OS CASOS DE BUENOS AIRES E RIO DE JANEIRO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Memória Social da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro como requisito parcial para a obtenção do grau de mestre em Memória Social.

Linha de pesquisa: Memória e Espaço

Orientadora: Professora Dra. Andréa Lopes da Costa Vieira

Rio de Janeiro
2014

PEDRO JORGE LO DUCA VASCONCELLOS

**O FUTEBOL PELA VISÃO DOS GRAFITES:
OS CASOS DE BUENOS AIRES E RIO DE JANEIRO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Memória Social da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro como requisito parcial para a obtenção do grau de mestre em Memória Social.

Aprovada em _____ de _____ de _____.

BANCA EXAMINADORA

Professora Dra. Andréa Lopes da Costa Vieira
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)

Professora Dr. Amir Geiger
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)

Professor Dr. José Jairo Vieira
Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

Professor Dra. Leila Ribeiro
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)

V331 Vasconcellos, Pedro Jorge Lo Duca.
O futebol pela visão dos grafites: os casos de Buenos Aires e Rio de Janeiro / Pedro Jorge Lo Duca Vasconcellos, 2014.
147 f. : il. ; 30 cm

Orientadora: Andréa Lopes da Costa Vieira.
Dissertação (Mestrado em Memória Social) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 20147.

1. Grafitos. 2. Futebol. 3. Grafitos - Buenos Aires (Argentina).
4. Grafitos - Brasil. 5. Identidade social na arte. 6. Arte de rua.
7. Memória - Aspectos sociais. I. Vieira, Andréa Lopes da Costa.
II. Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Centro de Ciências Humanas e Sociais. Programa de Pós-Graduação em Memória Social.
III. Título.

CDD – 080

“Em futebol, o pior cego é o que só vê a bola”
Nelson Rodrigues

*Dedico este trabalho a todos aqueles que
saem de campo vencidos; a história é
também contada por vocês.*

AGRADECIMENTOS

Não poderia começar sem deixar de agradecer a todos aqueles que deram ao futebol esse estatuto de importância que hoje ele carrega;

À minha mãe, Maria Rosa, que desde sempre lutou por mim com a mesma força e vitalidade dos grandes ídolos que fazem os torcedores guardarem na memória seus feitos e sentirem amor e idolatria por toda uma vida;

A meu pai, Jorge Luiz, e meu avô, Jorge Almeida, que, seguindo a tradição vascaína do amor pelo clube pela herança consanguínea, me fizeram um cruzmaltino visceral;

A meu tio Arthur Fernandes, que com sua invejável memória me fez viajar e sonhar com escalões e histórias de um futebol em preto e branco que não pude alcançar;

A meu avô, Pietrantonio Lo Duca, que, mesmo sem ser um apaixonado pelo futebol, foi aquele que me trouxe a primeira grande certeza de que o futebol não resumia-se aos 90 minutos de uma partida, após o choro ambíguo de alegria e tristeza na final da Copa do Mundo de 1994. Alegria pela pátria que abraçou; tristeza pela pátria que deixou pra trás após o maior conflito do século XX.

À minha vó, Elza Lo Duca, pelo seu sorriso sereno que acalenta minhas angústias mais profundas;

À minha tia, Rosa Lo Duca, pelo entusiasmo dos mais fanáticos com cada conquista do sobrinho;

A meu primo, Vicente Lo Duca, pelo orgulho que me dá em saber que o inspirei em muitas coisas escolhidas na vida, sobretudo aquela em ser vascaíno;

A meus amigos de empreitada, Júlio Bizarria e Leonardo Perdigão, pelas trocas de conhecimento e pelo apoio mútuo nessa fase acadêmica;

À Priscila Marques, companheira que tive nos momentos mais difíceis desse período;

Ao Programa de Pós-Graduação em Memória Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro, por acolher o projeto de pesquisa de que resulta este estudo e, como programa inovador e transdisciplinar, por ter me dado a oportunidade de mergulhar numa viagem em que temas outrora excluídos pela academia pudessem se unir

À orientadora professora Dr^a. Andréa Lopes Vieira, pela relação sempre honesta e horizontal que estabeleceu comigo, pelos conselhos sempre cuidadosos e pelas

indicações, nunca impositivas, de leituras que me eram até pouco tempo inalcançáveis;

À professora Dr^a. Leila Ribeiro, que aceitou o convite de participar da minha banca com muita atenção e com muitas dicas preciosas, mesmo estando desobrigada desta formalidade;

Ao professor Dr. José Jairo Vieira, pela força e incentivo no caminho que trilhei e pelas observações preciosas que ofereceu no exame de qualificação;

Ao professor Dr. Amir Geiger, pela disponibilidade, pelas conversas de corredor, pelas intervenções brilhantes na disciplina Memória Social I e pelas palavras instigantes no processo qualificatório;

Às professoras Dr^a. Vera Dodebei e Dr^a. Evelyn Dill Orrico, que ajudaram-me a publicar um artigo ao lado do amigo Júlio Bizarria, após a apresentação de um trabalho elogiado pelas professoras no curso Memória Social e Instituição;

Ao professor Dr. Javier Alejandro Lifschitz, pelos conselhos instigantes sobre o trabalho e as dicas aproveitadas ao máximo sobre o cenário de sua Buenos Aires;

À querida amiga e professora na Museologia Avelina Addor, pela atenção sempre carinhosa, pelas sugestões intelectuais e pelo laço de respeito e amizade criado entre nós dois;

À Iracema Magalhães, pela presteza e ajuda nos momentos decisivos da finalização deste trabalho;

A todos os companheiros portenhos que me ajudaram no trabalho de exploração da dinâmica do futebol naquelas terras e da localização dos grafites;

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior do Governo Federal (CAPES) pela bolsa de estudos que me foi concedida para a realização deste estudo e por seu relevante papel na promoção das atividades de pesquisa no Brasil.

A todos os meus amigos que jogaram ao meu lado ao longo da vida: Patrick Dias, Paolo Gagliano, Fernanda Veiga, Hugo Didier, Luiz Martins, Diogo Goulart, Victor Cristiano, Leonardo Perdigão, Luiza Machado, Júlio Bizarria, Carolina Bezerra, Rosane Watacabe, Giselle Santos.

O FUTEBOL NA VISÃO DOS GRAFITES: OS CASOS DE BUENOS AIRES E RIO DE JANEIRO

RESUMO

O futebol tem, para as metrópoles de Buenos Aires e do Rio de Janeiro, a força das grandes representações culturais. Embora ubíquo nas duas cidades, o esporte se manifesta de modo bastante distinto em cada uma delas, e permite articulações igualmente díspares com outros domínios do social. O grafite, como manifestação simbólica capaz de materializar no espaço as particularidades de cada cidade, permite vislumbrar relevantes aspectos da formação histórica e identitária do esporte nas duas cidades latino-americanas: enquanto a capital argentina privilegia elementos localistas, ao ponto de cada clube representar especificamente seu bairro, a urbe fluminense, sob o signo da neutralidade hiperbólica do Estádio Jornalista Mário Filho, vulgo Maracanã, é palco dos amplos projetos de (re)construção de uma identidade nacional. Portanto, se no caso portenho é possível identificar nos grafites com motivos futebolísticos um caráter fragmentário, nos quais o fator prevalecente é a demarcação e apropriação simbólica de um determinado território entendido como particular, no caso carioca, o aspecto fundamental dessas manifestações imagéticas e discursivas é o de unificação, sobretudo nas representações referentes à seleção nacional. Dessa forma, as implicações sobre os usos do espaço, os deslocamentos populacionais, as formas de vida associativa e a coesão social em sentido mais amplo estão profundamente ligadas às noções de memória, identidade e território.

Palavras-chave: Futebol; Grafite; Identidade; Memória; Território.

**FOOTBALL SEEN THROUGH GRAFFITI:
THE CASES OF BUENOS AIRES AND RIO DE JANEIRO**

ABSTRACT

Football has the strength of great cultural representations in the cities of Buenos Aires and Rio de Janeiro. Although ubiquitous in both cities, its manifestations are quite distinct in each one, allowing equally diverse articulations with other social domains. Graffiti, here considered as a symbolic manifestation which is able to materialize the particularities of each city in space, allows us to have a glimpse of relevant aspects of the construction of the history and of the identity of said sport in both Latin American cities: while Buenos Aires privileges local elements in such level that clubs actually represent their neighbourhood, in Rio de Janeiro – due to the hyperbolic neutrality of the Jornalista Mário Filho Stadium, also known as Maracanã – it is the stage for ample projects for the (re)construction of a national identity. Therefore, while it is possible to identify a fragmentary characteristic in the football graffiti of Buenos Aires, in which the prevailing factors are the demarcation and the symbolic appropriation of a given territory the is perceived as private; in Rio de Janeiro the fundamental aspect of these imagetic and discursive manifestations is unification, especially in those representations that refer to the National Football Team. Thus, these have implications for the use of space, population displacements, forms of organized social life, and social cohesion in a broader sense that are deeply connected to the notions of memory, identity and territory.

Key words: Football; Graffiti; Identity; Memory; Territory.

SUMÁRIO

1. PONTAPÉ INICIAL: COM O SPRAY NAS MÃOS, A BOLA NOS PÉS E AS IDEIAS CONFUSAS NA CABEÇA	13
2. FUTEBOL E GRAFITE: ENTRE O GLOBAL E O LOCAL	31
2.1. O FUTEBOL COMO PRODUTO MODERNO DE EXPANSÃO GLOBAL	31
2.2. O GRAFITE E AS VOZES DA SOCIEDADE PÓS-MODERNA	45
3. FIDELIDADES TERRITORIAIS: FUTEBOL E GRAFITE EM BUENOS AIRES	54
3.1. BUENOS AIRES: A CAPITAL RACIONALIZADA	54
3.2. OS ESTÁDIOS PORTENHOS COMO MATERIALIZAÇÃO DAS RIVALIDADES	61
3.3. SAN LORENZO E BOEDO: A FORÇA DO LUGAR COMO LAÇO SOCIAL	70
3.4. GRAFITES COMO MANIFESTAÇÃO EXTRAMUROS DE IDENTIDADES LOCAIS	79
3.5. O FUTEBOL PORTENHO E A CONSTELAÇÃO DE COMUNIDADES AFETIVAS	92
4. RIO DE JANEIRO: A SÍNTESE DO FUTEBOL NUM GIGANTE DE CONCRETO	96
4.1. O FUTEBOL CARIOCA COMO ELEMENTO DE DISTINÇÃO SOCIAL	99
4.2. O MAIOR PALCO DO MUNDO CENTRALIZA O FUTEBOL CARIOCA	111
4.3. UM NOVO MARACANÃ?	125
4.4. O FUTEBOL CARIOCA E A SÍNTESE MARACANÃ	130
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS: A SÍNTESE E OS FRAGMENTOS	134
6. REFERÊNCIAS	140
6.1. SITES CONSULTADOS	145
6.2. JORNAIS IMPRESSOS	147

TABELA DE IMAGENS

1	Provocação ao rival	73
2	San Lorenzo e o bairro histórico	75
3	Palavras de ordem	76
4	Voltaremos	76
5	All Boys na Floresta	82
6	Caballito é verde	82
7	Boca Juniors e sua república	83
8	Atlanta, Villa Crespo e os judeus	84
9	Huracán e Parque Patricios	84
10	Tradição eclesiástica	85
11	Festa e murga em Boedo	86
12	Os donos do pedaço	88
13	Esquina ocupada	88
14	A esquina como espaço identiário	90
15	Território invadido	92
16	Marcas registradas da cidade	113
17-18	Presença e ausência	114
19-20	Clubes justapostos	118
21-22	Conquistas mundiais	122
23	Pelé santista	123
24-25	Discursos opostos	125
26	Revolta e vazio	129
27-28	Inspiração portenha	132

1. PONTAPÉ INICIAL: COM O SPRAY NAS MÃOS, A BOLA NOS PÉS E AS IDEIAS CONFUSAS NA CABEÇA

No começo do ano de 2013, antes do exame de qualificação e ainda com muitas dúvidas sobre o recorte a ser feito para o prosseguimento deste trabalho, estive em Buenos Aires com o intuito de conhecer os clubes locais e seus estádios, quase sempre localizados fisicamente no mesmo bairro. Como já imaginava, percebi como a característica localista era forte no futebol portenho e como, de fato, cada clube representava um determinado espaço geográfico da cidade (o bairro). No entanto, um aspecto marcante me saltou aos olhos quando visitava os bairros em que estes clubes estavam localizados: o uso abundante de marcações nas paredes com motivos clubísticos. Referências a símbolos dos clubes, suas cores, ídolos históricos, momentos marcantes, representação da torcida (ou *hinchada*, como os torcedores portenhos chamam) e o nome do bairro daquele clube são elementos comuns utilizados nos vários grafites espalhados por toda a cidade. Embora se perceba muitas vezes uma busca estética, essas representações imagéticas capilarizadas por toda capital portenha poderia dizer algo mais do que mera fruição estética. Esses grafites poderiam servir como importante linguagem que revelaria aspectos mais profundos e complexos da formação histórica do futebol portenho, das relações socioculturais entre os grupos sociais com o futebol e seus bairros e a disposição geográfica dos clubes no espaço urbano. Portanto, aquelas imagens e palavras que pareciam tão banais aos olhos cotidianos, carregariam outras significações, mais amplas e com potencial explicativo.

De volta ao Rio, comecei a me atentar mais detidamente para as intervenções no espaço urbano com a temática do futebol. Aqui, ao contrário de Buenos Aires, a prevalência não se refere ao clube em relação com seu bairro, mas tem como prioridade dois modelos referenciais: sendo a primeira delas a justaposição das referências ligadas aos grandes clubes da cidade (jogadores, símbolos) num único enquadramento; e a segunda o uso abundante de referenciais que se ligam com os motivos nacionais – como o uso das cores

verde e amarela, imagem de grandes jogadores da história do futebol nacional, e a ligação do futebol com outros símbolos nacionais, tais como o samba.

Dessa forma, unindo os usos do espaço urbano, em que os muros das cidades servem de suporte às histórias e memórias dos grupos, e as referências particulares a cada cidade, essas intervenções podem de fato servir a pretensões mais audaciosas – e cursar um mestrado tão interdisciplinar, numa linha de pesquisa dedicada ao espaço, me deu a coragem necessária para alçar voos mais arriscados. Por meio dessas intervenções territoriais, é possível compreender o futebol e suas especificidades com aspectos conjunturais, tais como: a disposição desse esporte e seus clubes na relação com o espaço geográfico, a sua formação histórica e seu envolvimento com questões políticas e socioculturais em cada cidade.

No entanto, e esse ponto vale ser ressaltado, as explicações nem sempre estarão naquilo que é visível. O *não-dito*, numa expressão de Michael Pollak (1989), cumpre aqui papel de suma relevância. Portanto, aquilo que se encontra ausente, não visível, pode também querer dizer algo. Assim como Pollak demonstrou que o silêncio das vítimas de grandes acontecimentos era uma forma de explicar algo mais complexo, aqui os grafites e seu jogo de visibilidade e não visibilidade pode também clarificar questões pouco acessíveis na cotidianidade, expondo as memórias urbanas de seus grupos sociais.

Quanto ao instrumento de análise aqui utilizado, é preciso deixar claro alguns pontos. O primeiro se refere ao uso terminológico que será abordada neste trabalho. Será aqui utilizado o termo “grafite” em sua forma aportuguesada. Adota-se o termo em português para facilitar a compreensão das manifestações utilizadas nas duas cidades estudadas aqui, pois, na Argentina, os grafites também podem ser compreendidos como *pintadas*. Portanto, procura-se aqui uma padronização terminológica que evite confusões quanto ao objeto.

A palavra tem origem no termo italiano *graffito*, que deriva do latim *graphium* (em português, inscrição, gravar). Inicialmente, designou um estilete utilizado para escrever sobre placas de cera. Posteriormente, sua forma plural, *graffiti*, nomeou as inscrições gravadas na pré-história e na antiga Roma (em

especial na Pompéia). Na contemporaneidade, a ideia de grafite liga-se intimamente à rebeldia juvenil, sobretudo por ter se tornado uma prática de protesto social do movimento *hip-hop* e da cultura negra americana nos bairros periféricos de Nova Iorque, a partir década de 1960, além dos efervescentes movimentos estudantis que tomaram a Europa no mesmo período, onde o uso de frases de efeito e palavras de ordem eram a tônica nas cidades (cf. GANDARÁ, 2004; GANZ, 2011).

A intenção não é fazer uma discussão rígida acerca das diversas formas de grafite contemporâneo, nem de aprofundar suas diferenças e semelhanças com outras manifestações de arte urbana que utilizam outros materiais, assim como aspectos formais e técnicos. O foco central desse estudo é apresentar o grafite como uma ferramenta de comunicação e de expressão identitária que se utiliza dos espaços públicos para estabelecer diversos tipos de diálogos, tais como reivindicações, sentimento de pertencimento, críticas, exaltações, etc. Dessa forma, o grafite serve para compreender o comportamento dos grupos em comunhão com as cidades, ou seja, é um instrumento comunicativo e, por meio dessas mensagens entre emissor e receptor em cada sociedade, *“se essas representações são compreendidas por outras pessoas além das que as fabricam, é porque existe entre elas um mínimo de convenção sociocultural”* (JOULY, 2012, p. 40).

No Brasil, há uma divisão entre os conceitos grafite e pichação. Celso Gitahy (1999), por exemplo, entende que o grafite é uma expressão visual que tem estreita ligação com as artes, privilegiando a imagem à escrita. Para o autor, *“uma das diferenças entre o graffiti e a pichação é que o primeiro advém das artes plásticas e o segundo da escrita, ou seja, o graffiti privilegia a imagem; a pichação, a palavra e/ou a letra”* (GITAHY, 1999, p. 19).

Hoje, inclusive, muitos grafiteiros estão inseridos no cenário cultural oficial, como nas galerias e museus. Essa institucionalização seria uma maneira de chancelar o grafite e, ao mesmo tempo, o distinguir da chamada pichação, que, para o autor, seria uma linguagem diversa, pois, ao privilegiar a escrita, não estaria preocupado com a estética plástica figurativa e abstrata dos grafites.

Essa divisão remete àquilo que Pierre Bourdieu (2008) definiu como formas de distinção que reforçariam os discursos e o poder de determinados grupos sociais diante de outros no interior de um campo cultural. A marginalização da pichação e o reforço do grafite como arte formal reforçaria a tese de que a primeira estaria ligada a uma zona marginal e, portanto, condenável, utilizada de maneira aleatória e sem qualquer preocupação com o gosto refinado da arte. Na contramão disso, o grafite, que um dia já foi condenado da mesma forma, hoje encontra espaço nos meios culturais e deve ser apreciado como manifestação urbana que, passando pelo crivo de instituições e seus especialistas, estaria apto a frequentar a zona central do campo cultural.

Por outro lado, Leila Gandará (2004) entende que o grafite é toda representação visual que tem como elementos principais o aspecto pictórico – cores, formas, estilos – e as escrituras. Desse modo, a autora argentina diz que

el graffiti puede contener o no material escrito, así como puede contener o no material icónico, pero desde el punto de vista semiótico, conserva la impronta de esa doble cualidad expresiva: la del mensaje verbal escrito y la de lo pictórico, el dibujo, el color y la forma¹ (GANDARÁ, 2004, p. 12)

Ou seja, assim como em várias partes do mundo, não existe uma diferenciação entre o que seria grafite (estético e imagético) e pichação (popular e escrito). Ambas as formas de utilização do espaço urbano estariam dentro da mesma categoria.

Outro ponto de discussão é a distinção entre os grafites e os murais. Embora tragam temáticas e tenha uma estética semelhante com a do grafite, sua produção é mais elaborada, por dispor de tempo e do apoio logístico dos órgãos públicos e/ou privados. Os murais, portanto, seriam grandes grafites produzidos em espaços garantidos mediante aviso prévio. Por esse ponto de vista, estaria na contramão da espontaneidade, transgressão e improvisação dos grafites comuns. Assim, a diferença fundamental estaria mais na logística do

¹ Tradução livre: “o grafite pode ou conter material escrito, assim como pode ou não conter material icônico, mas do ponto de vista semiótico, conserva a marca dessa dupla qualidade expressiva: a da mensagem verbal escrita e a do pictórico, o desenho, a cor e a forma”.

que na estética, o que permite colocar as duas manifestações sob a ótica do grafite. Dessa forma, para os propósitos deste trabalho, o termo grafite englobaria todas aquelas representações pictóricas e escritas com a temática do futebol que estariam expostas no espaço público, com ou sem permissão para sua execução.

O grafite aqui será entendido nessa linha de abordagem de Gandará, sem rejeitar outros pontos levantados por Gitahy, como a importância dos grafites como meio de diálogo, denúncia e contestação das temáticas que permeiam as sociedades. Isto é, se enquadra em todas aquelas representações visuais – escritura e pintura – que sejam cognoscíveis e que permitam uma leitura mais ampla da relação do futebol com as cidades estudadas.

Desse modo, cabe aqui salientar essa relação entre emissor e receptor para fazer um recorte metodológico. A única exceção que merece ressalva é que as manifestações que não serão consideradas para os propósitos deste estudo são aquelas que se caracterizam pela rubrica ou assinatura monocromática utilizada, por exemplo, por torcidas organizadas, fato que é muito latente no Rio de Janeiro. Não há nenhum tipo de preconceito quanto a esta forma discursiva, até porque este trabalho não tem a pretensão de fazer quaisquer julgamentos de valor quanto a esta expressão, mas estes são códigos muito específicos – dada a sua linguagem quase ininteligível – e, por isto, dominados e legíveis basicamente por aqueles que militam no interior desses agrupamentos.

Assim, por exemplo, torcedores do Vasco ligados à torcida organizada Força Jovem utilizam termos que se referem à “Família”, enquanto torcedores organizados do Flamengo referem-se ao termo “Pelotão”; do Botafogo, “Canil”. Esses traços distintivos fazem parte de um código interno restrito. O reconhecimento das mensagens e, por conseguinte, a apreensão de seu significado e sentido só será possível para aqueles que militam nesse meio e, portanto, compartilham das mesmas experiências nesse microcosmo do futebol que são as torcidas organizadas e seus códigos.

Diante do que se pretende apresentar de maneira mais geral na relação do futebol com a sociedade, o foco privilegiado é aquele que possibilite uma

leitura mais ampla dos grafites e suas representações com a temática do futebol.

A partir desse ponto é importante então adentrar naquilo que se convencionou denominar pelo termo *signo*, que designa a representação de uma coisa – um referente – durante a sua ausência. Uma palavra, número, imagem, gesto, cores, tudo isto pode ser considerado como signos que, codificados, representam de forma indireta um referente – uma forma – por meio de uma referência – a ideia que se tem dessa forma²:

são artefatos ou atos-objetos que são interpretados não de acordo com aqueles esquemas interpretativos que são adequados a eles enquanto objetos do mundo exterior, mas conforme esquemas não adequados a ele, que a pertencem a outros objetos (SCHUTZ, 2012, p. 117).

Para Schutz, qualquer forma que tomem esses objetos, a sua aparência física torna-se relevante apenas no momento em que seu significado for atribuído por um determinado grupo. Ou seja, só no momento em que se intenciona expressar e comunicar algo referente àquele grupo, sugerindo que alguém leia e apreenda a mensagem, é o que o signo torna-se visível.

No caso do futebol, podemos exemplificar isso na figura das seleções nacionais. Por meios simbólicos, cada selecionado seria uma espécie de representação do seu Estado nacional e sua comunidade de torcedores. Utilizando cores e símbolos particulares daquela entidade organizada para uma disputa simbólica que seria uma partida contra um rival igualmente organizado e representando o outro, os onze jogadores formariam um conjunto que traria a ideia de nação e pátria. No caso do clubismo a lógica seria a mesma, com a diferença de que, em vez de uma comunidade inteira de torcedores irmanando-se numa totalidade nacional e pretensamente coesa, as comunidades afetivas estariam fragmentadas em rivalidades no interior de um mesmo território. Dessa

² O signo pode ser dividido em diferentes categorias: signos *icônicos* (imagens que, por analogia, metáfora, se assemelham a aquilo que se quer comunicar), signos *plásticos* (que transmitem a mensagem por meio de cores, formas, texturas) e signos *linguísticos* (que se utilizam de uma linguagem verbal para transmitir algo que está além das palavras), signos *indiciais* (está conectado fisicamente com o objeto e direciona a um lugar específico nas cercanias), signo simbólico (que não tem quaisquer vínculos com o objeto representado, sua conexão se estabelece apenas pelos hábitos coletivos) (cf. GANDARA, 2004; JOLY, 2012).

maneira, para os torcedores do Vasco, as cores vermelha e preta e o símbolo do urubu seriam o signo da rivalidade (e até mesmo hostilidade) centenária com o Flamengo. Em São Paulo, a cor verde faz imediata referência ao clube Palmeiras, assim como na Argentina, mais especificamente em Buenos Aires, o mesmo verde se liga ao clube Ferro Carril Oeste. No Rio Grande do Sul, jogadores do Grêmio não podem usar nada que remeta ao vermelho do rival Internacional, assim como este é reticente quanto ao uso do azul, cor que caracteriza os gremistas.

Dessa forma, o signo só é compreendido de fato no momento em que se apreende (decodifica) o seu significado. Esse é um processo que não ocorre do dia para a noite, mas que se acumula ao longo dos tempos numa bagagem de conhecimento. Portanto, a intenção principal é a de expressar e comunicar algo de quem o utiliza, mas que só terá validade se o destinatário (o outro) possuir a capacidade de leitura e apreender a mensagem intencionada. É assim que o reconhecimento de um signo só será concretizado se um mesmo sistema objetivo de unidades significativas for utilizado por ambas as partes: emissor e receptor. Essas formas de linguagem não são compreendidas em sua totalidade por todos os indivíduos, mas apenas por aqueles que estão inseridos num dado contexto social que os permite decodificar a mensagem que se deseja transmitir.

O futebol vem ganhando cada mais atenção por parte da academia como assunto relevante, depois de anos relegado como manifestação de pouco valor intelectual. Para Pablo Alabarces,

aunque los primeros textos de antropología del deporte habían sido publicados por el brasileño Roberto Da Matta y el argentino Eduardo Archetti a comienzos de los años 80, hacia fines de siglo poco más había sido producido, salvo por algunos entusiastas sociólogos, antropólogos e historiadores que no podían entender el silencio “deportivo” que mantenían nuestras ciencias sociales³ (ALABARCES, 2014, p.3).

³ Tradução livre: “ainda que os primeiros textos de antropologia do esporte tenham sido publicados pelo brasileiro Roberto Da Matta e pelo argentino Eduardo Archetti no começo dos anos 80, até o final do século pouco mais tinha produzido, salvo por alguns entusiastas sociólogos, antropólogos e historiadores que não podiam entender o 'silêncio esportivo' que mantinham nossas ciências sociais”.

Esse, porém, é ainda um processo que encontra dificuldades por conta de uma visão resistente do esporte (como ópio do povo), mas que já conta com uma relevante produção bibliográfica sobre essa temática, como poderá ser visto neste trabalho. Sobre o desprezo de ambos os posicionamentos ideológicos em relação ao esporte bretão, Gilberto Velho foi preciso em afirmar que:

O futebol seria, para uns, o ópio do povo, assim como a umbanda e o carnaval. Outros, menos preocupados, indiferentes ou até hostis à consciência popular, encaravam-no como mais uma demonstração de ignorância e atraso [...]. Misturavam-se, nessas visões, preconceitos de raça, classe e outros mais (VELHO, 2002, p. 177).

Ainda que essa visão venha se arrefecendo, muitas barreiras precisam ser ultrapassadas para que o futebol seja de fato reconhecido, tanto por intelectuais quanto pelo senso comum, como um fenômeno de relevância para a compreensão de particularidades nos processos socioculturais de cada sociedade. Contudo, há décadas que alguns autores clássicos e renomados já procuravam compreender o futebol.

Em *A busca da excitação* (1992), livro que Eric Dunning e Norbert Elias escreveram em parceria, é demonstrado pelos autores que o desprezo em relação ao futebol e a outros esportes como objeto de estudos investigativos vem de uma relação dicotômica que imputa ao esporte como algo vulgar. Dessa forma, o esporte estaria sempre na oposição simétrica de questões pretensamente mais sérias da sociedade, como o trabalho. Vinculado ao uso do corpo, o esporte não poderia ser compreendido como uma atividade de exercício da mente e do espírito. Como consequência desse pensamento reducionista, *“o desporto não é considerado como um fenômeno que levante problemas sociológicos de significado equivalente aos que habitualmente estão associados com os negócios ‘sérios’ da vida econômica e política”* (DUNNING & ELIAS, 1992, p. 17).

E o que estes autores pensam do futebol? Elias e Dunning seguem,

nesse ponto, uma linha weberiana⁴, pois demonstram como ao longo dos séculos os esportes em geral e o futebol em particular deixaram de ser um evento ligado estritamente aos rituais sagrados para tornar-se um fenômeno racionalizado, quantificado, organizado por regras universais e burocratizado. O futebol, como outros esportes, seria a difusão de um modo de ser moderno, seria um dos produtos surgidos no mesmo período da formação dos Estados nacionais e que, portanto, ajudaria a cancelar a sua legitimidade no imaginário social. Dessa forma, o surgimento do futebol na sua faceta moderna – na Inglaterra em 1863, oficialmente – reflete um período em que a sociedade industrial se caracteriza por uma racionalização progressiva que transforma a vida cotidiana das pessoas. A existência social seria pautada especialmente por intermédio do cálculo, controle das emoções e da rotinização das atividades humanas. Ademais, utilizando a teoria elisiana de processo civilizatório, os autores apontam como a prática do futebol deixou de ser um evento caracterizado pela violência física sem limites (como no *Calcio* florentino do século XVI) para, após sua regulação e sua apropriação burguesa no século XIX, tornar-se limitado por regras e um mediador (o árbitro neutro) que evitariam a violência desenfreada.

Seguindo as ideias de que as sociedades e suas instituições tornam-se evolutivamente mais civilizadas e que, portanto, sublimariam os impulsos de violência física (ou barbárie), Elias afirmaria que:

a investigação sobre o desenvolvimento do desporto mostrou que existia uma transformação global do código de conduta e de sensibilidade na mesma direção. Se compararmos os jogos populares realizados com bola nos finais da Idade Média, ou até nos inícios dos

⁴ Max Weber, figura central na história da sociologia desse período, demonstra isso com muita clareza, ao apontar que a racionalização das ações sociais em todos os aspectos da vida – baseado no cálculo estabelecido na relação entre meios e fins – minaria os fundamentos dos valores, em particular os da religião: “O destino de nosso tempo, que se caracteriza pela racionalização, pela intelectualização e, sobretudo, pelo ‘desencantamento do mundo’ levou os homens a banirem da vida pública os valores supremos e mais sublimes” (WEBER, 1968, p. 51). Para Weber, calcular e observar, para só então agir, são as marcas características da modernidade. Pela racionalidade instrumental seria possível, por meio de um cálculo minucioso de todas as ações, controlar o mundo natural e cultural: domesticar a natureza, tornar os trabalhadores figuras dóceis, implantar a precisão militar.

tempos modernos, com o futebol e o rúgbi, os dois ramos do futebol inglês que emergiram no século XIX, pode notar-se que existe um aumento da sensibilidade em relação à violência (ELIAS, 1992, pp. 41-42).

As teses de Elias são de muita valia para a compreensão dos esportes em geral e do futebol em particular, ao demonstrar como se deu sua organização moderna numa maneira que se insere numa sociedade não mais guerreira mas parlamentarizada – isto é, numa sociedade que cada vez mais repele seus impulsos agressivos e os canalizam para as disputas simbólicas e argumentativas. No entanto, sua visão utilitarista (a de que o futebol e os esportes serviriam como espaços de controle dos traços de conflitos violentos na sociedade civilizada) e determinista (em que as sociedades mais civilizadas se comportariam de maneira menos violenta, pelo processo civilizatório ser mais acentuado) não corresponde à complexidade da cultura do futebol em cada sociedade. A pretensa linearidade em todo esse processo civilizador e sua diferenciação de acordo com graus de civilização escorregam em momentos de sobressaltos e retorno de comportamentos tidos como incivilizados – como nos casos de violência extremada entre os torcedores (hooliganismo) e o racismo manifestado nas arquibancadas dos estádios, sobretudo na Europa, continente que seria entendido por Elias como aquele em que alguns países seriam a expressão da civilidade, como Inglaterra e França.

No período pós-II Guerra, uma corrente liderada pelos pensadores da Escola de Frankfurt tenderia a ler o esporte como uma manifestação capitalista superficial que apenas reforçaria a condição do torcedor como um indivíduo alienado que não conseguiria perceber sua posição de subjugado, por encontrar-se numa espécie de entorpecimento e “falsa consciência”, reproduzindo as teses alienantes e elitistas daqueles que estudaram os comportamentos da massa na virada dos séculos XIX e XX.

O futebol, assim como outros elementos da cultura de massa, apenas serviria para impressionar o povo consumista de modo que este fosse apenas visto como receptor de informações e produtos. Nesse sentido, o filósofo alemão Theodor Adorno, analisando a ocupação do tempo livre capitalista, chegaria

mesmo a afirmar que seria insensato esperar algo de produtivo das pessoas nessas condições⁵. É dessa forma que o futebol seria pejorativamente denominado, parafraseando a imputação que Marx aplicaria à religião, de *ópio do povo*, onde as relações entre o poder público e a sociedade capitalista reproduziriam a tese romana do *pão e circo*. Dessa forma, mal visto pelas esquerdas, o futebol seria um dos *aparelhos ideológicos do Estado* – numa expressão do filósofo marxista Louis Althusser⁶ – que impediriam as forças de mudança social e política. Assim, tal desporto serviria apenas de instrumento para instaurar uma docilidade nacional sobre uma massa passiva.

Os casos dos países aqui estudados, nesse âmbito, seriam emblemáticos dessa visão supostamente alienante do futebol como instrumento de manobra de uma massa entorpecida pelas vitórias e conquistas dos países. Em 1970 e 1978, respectivamente, Brasil e Argentina seriam campeões mundiais de futebol. Esta última seria campeã como anfitriã em meio a das mais sangrentas ditaduras militares da América Latina, enquanto que o primeiro seria campeão no México no momento mais tenso e coercitivo da ditadura brasileira. Essas duas conquistas foram apontadas como meros instrumentos de uso político desses governos autocráticos para perpetuarem suas condutas restritivas contra

⁵ A crítica que Adorno faz à seriação da indústria cultural do período pós-guerra está impregnada de elitismo. Negando qualquer forma estética que se refira ao entretenimento popular, sua caracterização de uma indústria cultural monolítica e uma produção homogeneizada e racional que procura apenas sujeitar o indivíduo demonstra sua posição radical e limitada quanto à posição dos indivíduos diante desses produtos culturais. Para Adorno, a massificação cultural está diametralmente ligada com sua vulgarização, a perda da aura que encobriria a cultura pura ou de elite de outros tempos. Em sua posição quanto ao *hobby*, – utilização do tempo livre muito difundida a partir do processo de industrialização e crescimento das cidades – Adorno é enfático ao apontar que esta manifestação apenas reflete o estado de submissão em que se encontra o indivíduo, de modo que não consegue mais distinguir ocupações sérias daquelas que se assemelham à barbárie. É dessa forma que o autor vocifera que “sob as condições vigentes, seria inoportuno e insensato esperar ou exigir das pessoas que realizem algo produtivo em seu tempo livre, uma vez que se destruiu nelas justamente a produtividade, a capacidade criativa [...]. O que produzem tem algo de supérfluo” (ADORNO, 2011, p.111). Por outro lado, numa posição contrária, Edgar Morin é claro e taxativo ao afirmar que, se a indústria cultural de fato se baseia na busca do lucro, “também precisa de originalidade e criatividade” para que tenha boa recepção diante do público, que não se limita à imagem de uma massa alienada que apenas funciona como, na imagem de uma folha em branco, receptora de produções medíocres. Cf. Edgar Morin, *Cultura e barbárie europeias*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009, 108p.

⁶ Althusser (1980) utiliza esse termo para designar instituições que, diferentemente dos aparelhos repressivos do Estado, não se utilizam por meio da violência para se impor, mas pela ideologia. O autor distingue os Aparelhos Ideológicos do Estado em categorias. O futebol, para o autor, se enquadraria nos Aparelhos Ideológicos Culturais.

uma população embevecida pelos títulos. Contudo, ambas as ditaduras caíram, seus atos, sobretudo na Argentina, foram condenados e as conquistas do futebol, assim como de quaisquer outras manifestações que levem em conta o aspecto nacional, continuaram a ser exaltadas por outros regimes políticos, incluindo os democráticos. Assim, essas teses perderam força com o passar dos anos. Para o estudioso do futebol Hugo Lovisolo:

Há duas ou três décadas, os cientistas pouco se ocupavam com o futebol que era, isso sim, preocupação do jornalismo esportivo, dos políticos e das pessoas da rua. Mais ainda, a corrente principal das ciências sociais considerava o futebol como uma coisa que distanciava o povo das “preocupações verdadeiras”. O futebol era visto como formando parte dos processos de alienação das massas. Os ventos mudaram os rumos da prosa. Hoje, talvez sob o furacão do culturalismo e da importância concedida à identidade, a crítica da alienação foi varrida e as folhas da valorização da cultural e identidade local formam o piso sobre o qual andamos” (LOVISOLO, 2001, p.9).

Apesar de o futebol ser uma manifestação que preserve certa autonomia estrutural em relação a aspectos mais amplos da sociedade, pois, como demonstra Pierre Bourdieu (2003), o futebol, tal qual outros esportes, “tem seu próprio tempo, suas próprias leis de evolução, suas crises, em síntese, sua cronologia específica” (BOURDIEU, 2003, p.183), é indispensável pensar que existe uma ligação fundamental dos esportes com processos conjunturais mais amplos. Embora tenham de fato seu próprio tempo (um tempo fixo das atividades) e seu próprio espaço (estádios, ginásios, quadras, etc) de atuação, a linha que se segue aqui é a de que o futebol não é um fenômeno nem isolado do seu meio e nem totalmente dependente deste, mas sim, faz um jogo dialógico em que influência e é ao mesmo tempo influenciado pelo seu meio específico. Conforme aponta Simoni Lahud Guedes,

suspender o tempo não significa suspender a história e, muito menos, deixar de debater no campo desportivo, através de metáforas ou explicitamente, as questões que atravessam a vida cotidiana (GUEDES, 2006, p. 75)

Assim, utilizando a perspectiva dualística de Roberto Da Matta (1989;

2006), em que o futebol consegue mesclar num único evento aspectos antagônicos: racional e mítico, simples e complexo, universal e local, individual e coletivo, o futebol seria a expressão de como *“uma modalidade esportiva inventada por britânicos na Inglaterra pode ser apropriada e usada em diferentes formas por sociedades diferentes”* (DAMATTA, 1989, p.62). Da Matta, desse modo, pretende entender o futebol como uma modalidade expressiva inserida e com significações específicas nas respectivas sociedades, e não como fenômeno separado delas numa oposição vazia entre esporte/sociedade, como se fosse algo menor diante de questões básicas da vida. Desse modo, *“o que fascina no caso de uma sociologia do esporte é precisamente a constatação de como um mesmo jogo universal [...] permite apropriações sociais específicas em sociedades diferentes”* (DAMATTA, 2006 p. 183).

O futebol tem suas regras próprias, suas táticas determinadas, seus uniformes padronizados, seu tempo específico durante uma partida, mas não se restringe apenas a isso. É um evento em que cada sociedade encontra meios de expressar, é uma maneira em que cada indivíduo se mistura à coletividade num turbilhão de emoções (paixão, ódio, fúria, euforia, choro, felicidade, tristeza etc) e acontecimentos (vitória, derrota, festa, violência, encontros) que estreitam a relação entre o jogo de futebol e o jogo da vida. Da Matta acredita que este ponto de vista sociológico acerca do futebol *“demonstra como uma certa atividade social com características universais foi apropriada e adaptada de forma diversa em diferentes sociedades”* (DAMATTA, 1989, p. 62).

Portanto, os eventos vividos intramuros de um estádio seguem de fato regras universais e com poucas alterações ao longo das décadas (um árbitro neutro que cumpre as leis do jogo, dois times com seus uniformes, bandeiras e torcidas); por outro lado, os efeitos extramuros produzidos pelo futebol são absorvidos e experimentados de maneiras diversas em cada sociedade.

Até este ponto falou-se dos termos técnicos e metodológicos que envolvem os grafites e futebol nesse trabalho. Agora, tentar-se-á mostrar como essas manifestações expressivas operam como instrumentos contemporâneos na constituição da memória e da identidade. Dispersos pelas ruas, pertencendo

a vários grupos, representando vozes oficiais ou marginalizadas, os grafites servem a muitos propósitos: reivindicação, propaganda, visibilidade de grupos, estetização de um local, disputas simbólicas e espaciais. etc. Dessa forma, podemos compreender o grafite como uma ferramenta que serve a propósitos da memória e da identidade.

A memória é um tema que, até chegar ao século XX e os estudos de Maurice Halbwachs, estava preso a uma concepção unicamente individualista e pertencente a áreas como a psicologia e filosofia. Com Halbwachs, herdeiro direto da Emílie Durkheim, a memória passou a ser vista como um fato social concreto que servia como um fenômeno capaz de aglutinar pessoas dentro de enquadramentos sociais específicos e bem delimitados, com seu tempo e espaço específicos⁷. O indivíduo, no seu entender, seria formado pela sociedade e suas relações com outros (a imagem da sociedade halbwachiana é a de uma orquestra em perfeita harmonia). No caso da memória, mesmo que estas sejam individuais, ela só será integralmente apreendida se compartilhada e com os outros. Dessa forma, para Halbwachs

em realidade, nunca estamos sós. Não é necessário que outros homens estejam lá, que se distingam materialmente de nós: porque temos sempre conosco e em nós uma quantidade de pessoas que não se confundem (HALBWACHS, 1990, p.26).

Apesar de seu pensamento estar defasado em detrimento das novas configurações contemporâneas – instabilidade identitária, novas ferramentas comunicativas, fluxos migratórios que colocam em xeque uma imagem de nação bem delimitada, emergência de vários grupos sociais que desafiam o tradicionalismo –, Halbwachs, de maneira pertinente a memória é sempre constituída dentro dos grupos. Contudo, levar seu pensamento a cabo nos dias atuais é uma tarefa problemática e foi revista e criticada por alguns autores,

⁷ Os fatos sociais, numa definição durkheimiana, seriam elementos concretos, objetivos e coercitivos do mundo físico que, encarados como coisas exteriores ao indivíduo, seriam capazes de reger o mundo e a relação social entre os homens. Dito de outra forma, todos os fenômenos existentes no mundo existiriam para estabelecer relações de harmonia e equilíbrio entre os indivíduos. A moral, a ética, a economia, o poder, todos esses elementos estariam no mundo como forças estabilizadoras dos papéis sociais dos homens e sua posição no universo.

dentre eles aquele que melhor se afina ao tema proposto nesse trabalho: Michael Pollak (1989; 1992).

Seguindo aqui sua linha de pensamento, a memória, numa visão construtivista, é um ininterrupto processo de seleção e construção de narrativas passadas no presente que visam assegurar o sentimento de pertencimento e, portanto, a identidade social dos indivíduos que fazem parte dos mais variados grupos sociais (família, igreja, trabalho e grupos menos tradicionais, tais como os grafiteiros e torcedores). Esses grupos, todavia, nem sempre convivem de maneira harmônica, resultando em disputas de memórias e a manutenção das identidades grupais, isto é, a memória social se constituiria por meio de um intenso processo dialógico, de negociação e teria uma natureza conflitual.

Essa abordagem compreende que a manutenção da identidade e da memória do grupo visariam dois objetivos principais: manter a coesão interna e defender as fronteiras simbólicas e físicas do grupo. Portanto, a memória é ininterrupto processo de enquadramento coerente e aceitável, por meio de negociação, daquilo que se pretende narrar e deixar guardado na memória coletiva do grupo:

A construção de identidade é um fenômeno que se produz em referência aos outros, em referência aos critérios de aceitabilidade, de admissibilidade, de credibilidade, e que se faz por meio da negociação com outros. Vale dizer que memória e identidade podem ser negociadas, e não são fenômenos que devam ser compreendidos como essência de uma pessoa ou grupo (POLLAK, 1992, p. 204)

Por este prisma, rompendo com a visão funcionalista de Maurice Halbwachs⁸ (2006), Pollak coloca a memória e o esquecimento como fenômenos que se inserem num campo de lutas de poder e disputas pela memória e identidade entre grupos sociais (memórias oficiais e memórias subterrâneas). Nesse ponto, rompe claramente com o pensamento de um

⁸ Seguindo o pensamento durkheimiano, Halbwachs entende que a memória seria um daqueles elementos capazes de estabilizar e criar uma harmonia nas relações sociais entre as pessoas. Dessa maneira, o funcionalismo seria uma corrente sociológica que, mais bem apreensível em Talcott Parsons, tem como premissa a ideia de que todas as instituições sociais existiriam com o único fim de manter em equilíbrio a estrutura social.

mundo delimitado por fronteiras bem definidas e um socialmente bem organizado e harmônico, donde a memória nacional seria a memória coletiva por excelência. Para o autor, esse pensamento não corresponde mais às expectativas do mundo contemporâneo, em que as fronteiras territoriais e os grupos sociais estão em constante movimento e inseridos em disputas e relações de poder.

Dessa maneira é que podemos explorar com maior propriedade os grafites, vistos que são manifestações fragmentárias, instáveis e que servem basicamente como instrumento de reivindicação identitária dos grupos e a disputa com outros (sejam estes oficiais ou igualmente “marginalizados”). A seleção daquilo que será grafitado é ponto crucial no mundo dos grafites, visto que os grupos procuram estabelecer de maneira coerente aquilo que será visualizado por outros. Além disso, os grafites são manifestações conhecidas por sua efemeridade, isto é, nem tudo fica registrado de maneira perene, por isso os grupos estão sempre em processo de criação e disputa para manter seus discursos visíveis. Portanto, o esquecimento também é um elemento importante nesse meio, visto que o tema central de hoje pode, com o tempo ou de maneira abrupta, desaparecer. Só o contexto atual é que dirá se aquele tema retornará aos muros ou será substituído por outros em voga no momento.

Se de fato os grafites e o futebol possuem suas regras de atuação disseminadas e padronizadas universalmente, suas especificidades são moldadas de acordo com a sociedade em que estão inseridos – influenciando e sendo influenciados por esta. Desse modo, o ponto central deste trabalho é conjugar esses dois elementos e compreender, de maneira comparativa, as particularidades de cada cidade. A análise comparativa tem aqui a pretensão não de buscar aquilo que seja apenas comum a cada configuração histórica, mas sobretudo revelar o que é peculiar a cada uma delas. Aqui,

Portanto, no capítulo II explorar-se-á o futebol e o grafite como manifestações simultaneamente locais e globais e como dialogam com os eventos que estão conectados ao cotidiano. Embora sejam manifestações difundidas e praticadas globalmente de maneira semelhante, sobretudo nos

cenários urbanos, é possível apreender e explorar as especificidades locais por meio delas. Longe de serem manifestações autônomas e distantes dos fenômenos sociais mais amplos, o futebol e o grafite influenciam e são influenciados pela sociedade em que estão inseridos (resultado de um diálogo permanente entre fatores estruturais e conjunturais), exibindo seus traços locais mesmo num mundo cada mais vez conectado e em comunicação instantânea.

No capítulo III, o foco centra-se nessas manifestações em Buenos Aires. Na capital portenha, como supracitado, há uma prevalência de grafites que remetem aos aspectos bairristas dos clubes. Esse cenário vincula-se à disposição morfológica e apropriação cultural do futebol numa cidade que se expandiu geometricamente na virada do século XIX para o XX. Esse traço geográfico característico da capital portenha, que se enquadra nas observações de Sergio Buarque de Holanda (2006) acerca da formação racional das cidades de colonização hispânica, ressonou decisivamente na maneira como o futebol foi apropriado pelos grupos sociais. Numa cidade geométrica e racional, semelhante a um tabuleiro de xadrez, o futebol e seus clubes funcionaram como elementos de diferenciação identitária e espaço de laços sociais em meio às transformações urbanas e a intensa imigração de vários grupos sociais. Dessa forma, os vários clubes portenhos formam uma teia de relações de rivalidade em todo seu território, tendo como espaço privilegiado os estádios particulares. O resultado é que, ao longo de mais de um século, há uma intensa disputa intra e extramuros entre mandantes e visitantes, entre o espaço do *nós* e do *outro*.

No capítulo IV é a vez de compreendermos a relação da temática e da localização dos grafites cariocas com o futebol da cidade. No Rio de Janeiro, o futebol chegou anos mais tarde de seu desembarque em Buenos Aires. No entanto, a popularização do futebol se deu em momentos semelhantes (anos 1910-20). O futebol carioca viveu muitas rupturas, como aquela promovida pelo Vasco da Gama em 1923, quando sagrou-se campeão carioca de maneira avassaladora com jogadores negros e pobres em seu elenco. Esse fato foi de suma importância, pois o futebol no Rio de Janeiro desde seu início foi apropriado como reforço de status de uma elite privilegiada que procurava

adotar o estilo de vida dos europeus, tendo na prática do futebol um desses elementos. O futebol carioca, na primeira metade do século XX, viu seus clubes, aos poucos, ocupando seus espaços sociais pelos cantos da cidade. Contudo, a grande questão que envolvia as rivalidades, como no caso do Vasco, se baseava mais em aspectos de classe e raça e menos territorial, embora este estivesse também presente. Contudo, a grande ruptura na dinâmica do futebol carioca se deu exatamente na virada da primeira para a segunda metade do século: a construção do gigante Maracanã, em 1950. A partir desse evento, toda a dinâmica do futebol carioca se altera. O Maracanã, a partir de sua construção, concentraria todas as rivalidades do futebol do Rio de Janeiro em um único ponto. O estádio também seria a confirmação de que o futebol não se tratava mais de um esporte elitista, mas de uma manifestação popular – a imagem de um estádio com mais de 150 mil torcedores naquele gigante de concreto cinzento é a que melhor define essa política de aglutinação de todas as camadas e cores clubísticas num único lugar. Erguido como forma de materializar a força de uma identidade nacional que vinha sendo gestada desde os anos 1930, o estádio ofuscava, portanto, a maioria dos outros equipamentos da cidade (com exceção de São Januário, que continuaria a hospedar partidas do Vasco).

2. FUTEBOL E GRAFITE: ENTRE O GLOBAL E O LOCAL

Como tentar-se-á mostrar neste capítulo, futebol e grafite são manifestações urbanas que, embora disseminadas pelos vários cantos do globo, em particular nas grandes metrópoles, não são homogeneizantes, isto é, em cada região do planeta é ainda possível perceber diferenças nas práticas, usos e conteúdos desses dois elementos, por estarem conectados com aspectos mais amplos da sociedade. As maneiras de jogar, de torcer, ainda que haja intensas trocas e interações entre os torcedores, clubes e seleções, ainda encontram traços particulares em cada parte onde o futebol possui uma raiz social mais profunda. O mesmo acontece com o grafite. Um grafite de protesto em Paris não é o mesmo que em Pequim, a começar pelo uso da língua nativa e as questões a serem contestadas em cada cidade.

2.1. O FUTEBOL COMO PRODUTO MODERNO DE EXPANSÃO GLOBAL

Como foi demonstrando na introdução, o futebol na sua expressão moderna originou-se na Inglaterra e, por meio das trocas mercantis entre os países, se solidificou em vários pontos do planeta, sobretudo Europa e América Latina. Diante deste panorama, devemos ter em mente que, em fins do século XIX e início do XX, os Estados nacionais eram as maiores expressões político/administrativas que procuravam estabelecer um território bem delimitado para abrigar o contingente de pessoas que se instalavam nas cidades em construção e modernização. Dessa forma, as nações modernas que emergiam procuravam de todas as formas consolidarem identidades nacionais que procurassem trazer uma aparente harmonia entre os cidadãos em cada país.

Para que fosse estabelecida a criação e unificação dessas coletividades abstratas chamadas nações, era preciso instituir elementos culturais que potencializassem um sentimento de pertencimento comum e de identidade nacional entre os indivíduos, originando aquilo que Benedict Anderson (1993)

denominou como *comunidade política imaginada*.

As identidades nacionais, assim, deveriam se sobrepor àquelas outras formas de identificação mais particularistas, com o Estado-nação forjando elementos – eventos, hinos, símbolos, mapas cartográficos, censo, personagens heroicos, lugares, mitos fundacionais, histórias particulares – que tivessem a força capaz de criar uma unidade nacional sem grandes questionamentos por parte de seus cidadãos. Para designar essas construções simbólicas e ritualísticas, com claras funções políticas e sociais, é que o Eric Hobsbawn consagrou a expressão *invenção das tradições*⁹:

“tradição inventada” entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácitas ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado (HOBSBAWN; RANGER, 2012, p. 12)

Uma dessas instituições culturais que deveriam forjar uma unidade nacional foi, sem dúvida, o futebol. Cada país, por meio desse esporte, procurava instituir seu próprio caráter e estilo jogo, diferenciando-se dos outros ao mesmo tempo em que representaria sua a nação – uma comunidade de cidadãos envolvidos afetivamente por um selecionado nacional com cores e símbolos distintivos. Se na primeira parte desse trabalho fora apontado como o futebol moderno reteve traços característicos da racionalidade instrumental, nos termos weberianos e elisianos, é impossível deixar de levar em questão que a sua popularização, além de tudo o que já fora citado, deve-se concomitantemente à consolidação dos Estados nacionais modernos. Hobsbawn indica que o futebol é identificado como uma entre muitas formas de expressão e símbolo da nacionalidade, como mais um modo de coesão necessário à nação

⁹ Dentre as tantas tradições inventadas citadas por Hobsbawn e Ranger estão os *kilt* escoceses, que são, na verdade, um produto da revolução industrial. Os uniformes militares dos indianos – turbantes, faixas e túnicas – foram uma ordenação dos britânicos, por volta da década de 1860. O que se apreende disso é que muitas tradições e costumes que tomamos como genuínos e de séculos de existência – tempos imemoriais – são fabricados e datados do período pós-revolução industrial. São elementos usados como meios de poder.

moderna. Ao tratar da força do esporte na Inglaterra no final do século XIX (a partir do final da década de 1870), quando o esporte se popularizava e profissionalizava, o historiador britânico aponta que no período entreguerras, aquele de maior tensão bélica entre as nações, o futebol consolidou-se como:

meio único, em eficácia, para inculcar sentimentos nacionalistas, de todo modo só para homens [...]. A imaginária comunidade de milhões parece mais real na forma de um time de onze pessoas com nome. O indivíduo, mesmo aquele que apenas torce, torna-se o próprio símbolo de sua nação (HOBSBAWN, 1990, p. 171)¹⁰

É, portanto, nesse período de afirmação de identidades nacionais e de competições militares entre os países, especialmente na Europa, que será instituída a Copa do Mundo de Futebol, a partir de 1930. Nesse evento, cada seleção se apresentaria como uma bandeira nacional, uma forma de propagar os feitos e as glórias dos países em disputas simbólicas. É assim que “*a princípio, os campeonatos internacionais serviam para sublinhar a unidades das nações ou impérios da mesma forma que os campeonatos interregionais*” (HOBSBAWN, 2012, p. 372).

Esse cenário de formação das rivalidades no futebol exigia o estabelecimento de formas particulares da prática do jogo que, ao mesmo tempo em que criava uma identidade própria, servia para distanciar-se do outro. Nesse tocante, o antropólogo argentino Eduardo Archetti (2003) mostra como, para se diferenciar dos ingleses, o estilo de jogo argentino, denominado *criollo*, começa a operar no imaginário coletivo a partir dos anos 1910 com o Racing Club de Avellaneda, um estilo de jogo baseado no toque de bola e na habilidade dos seus jogadores, ao contrário do futebol-força e mecanizado dos ingleses, o famoso *kick and rush* (de forma vulgar: chutão pra frente e correria).

No caso do Brasil, sobretudo após a aceitação de jogadores negros e de origem humilde nos clubes, a partir dos anos 1920, o futebol brasileiro começou

¹⁰ Hobsbawn se lembra, ainda na sua infância, de uma partida entre Inglaterra e Áustria, em 1929. Aquela seria a primeira partida entre as duas seleções e Hobsbawn, único inglês no grupo de amigos austríacos, lembra com alívio que a partida terminou empatada e não seria submetido às brincadeiras dos amigos.

forjar uma identidade, um estilo, chancelado pelos intelectuais da época, como Gilberto Freyre (2003), que entendia que o futebol seria um reflexo da democracia racial, onde a miscigenação nos campos brasileiros teria criado um estilo único de jogo – recheado de gingas e dribles, de uma individualidade sem igual – entendido pelo autor como uma “*instituição brasileira*”. É nesse período que o governo getulista, a partir de 1930, procurava criar e solidificar uma identidade nacional:

Assim, a identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento. Existe sempre algo “imaginário ou fantasiado sobre sua unidade. Ela permanece sempre incompleta, está sempre “em processo”, sempre “sendo formada” (HALL, 2011, p. 39)

Diante desse quadro, ficava expresso que a vitória de uma seleção nacional seria a vitória da nação e de seus cidadãos; de um estilo, um caráter único e particular de jogar. Num momento de intensas rivalidades bélicas e expansionistas – em que menos de uma década depois resultariam na mais sangrenta batalha entre os países –, a Copa do Mundo funcionaria como uma espécie de batalha sem armas, da exibição de nacionalismos:

Mais do que qualquer outro esporte, o futebol carrega consigo grande capital simbólico de representação da nação. E é justamente este caráter simbólico do esporte que permite despertar tamanha comoção entre os movimentos nacionalistas [...]. As vitórias no campo esportivo, especialmente no âmbito internacional, são encaradas como triunfos da nação. (DRUMOND, 2008, p. 12).

Por outro lado, a derrota de uma seleção seria encarada como a derrota de uma nação, sua desvalorização enquanto potência. O caso mais emblemático, já falado aqui, seria a derrota do Brasil em 1950. O dramaturgo e cronista Nelson Rodrigues, por exemplo, alega que esse espírito de *vira-latas* que tomou conta da nação, tornando-se um complexo de inferioridade, seria quebrado com a vitória da seleção nacional na Copa de 1958. Antes deste evento, realizando na Suécia, Nelson afirmava que:

Desde 1950 que o nosso futebol tem pudor de acreditar em si mesmo. A derrota frente aos uruguaios, na última batalha, ainda faz sofrer, na cara e na alma, qualquer brasileiro. Foi uma humilhação nacional que nada, absolutamente nada, pode curar (manchete esportiva, 31/5/1958).

Após a Copa do Mundo de 1958, com o triunfo conquistado diante dos donos da casa pelo placar de 5 a 2, o cronista afirmava que “já ninguém tem mais vergonha de sua condição nacional [...]. O povo já não se julga mais um vira-latas” (manchete esportiva, 12/7/1958).

Por mais hiperbólico que fosse o cronista torcedor do Fluminense, é possível retirar dessas passagens como os resultados da seleção nacional de alguma forma influenciavam nas aspirações e comportamentos nacionais, transformando o imaginário coletivo. Para os brasileiros, o país deixava de ser complexado pelas derrotas traumáticas e se solidificava de fato no país do futebol.

Apesar de as seleções, nesse período, atraírem as atenções do público, não somente elas representavam suas nações, mas também os grandes clubes. As melhores equipes de futebol de cada país costumavam viajar para torneios internacionais com a intenção de propagar o nome do país mundo afora. É o caso emblemático, por exemplo, do Vasco da Gama, que em 1948, com o famoso time chamado *Expresso da Vitória*, foi até o Chile para a disputa do primeiro torneio internacional entre clubes sulamericanos. O Vasco, ao bater o também famoso time argentino do River Plate, à época conhecido como *La Maquina*, que também excursionava pelo mundo com nomes de peso como Alfredo Di Stefano, foi o primeiro clube brasileiro a ganhar um torneio internacional fora do país, antes mesmo da seleção nacional, que seria campeã no exterior em 1949. A vitória do Vasco foi tratada como a vitória do futebol brasileiro, com ares de Copa de Mundo (MESQUITA, 2010)¹¹.

¹¹ O jornal do Brasil de 16 de março de 1948, logo após a conquista do título, ressaltava como a conquista do Vasco era uma “conquista do foot-ball brasileiro”, “uma verdadeira página de ouro nos anais do esporte nacional”. Na mesma página do jornal, numa nota oficial do clube, a diretoria convida para a festa do título “autoridades da Capital, entidades e clubes co-irmãos”. Quarenta anos depois, o Vasco conquistava de novo a América, mas dessa vez a Libertadores;

No entanto, no período pós-guerra, especialmente a partir dos anos 1960, acompanhando as revoluções tecnológicas e comunicacionais, sobretudo com a massificação da televisão, a facilidade de interligação dos meios de transporte e, mais tarde, com o desenvolvimento da informática e o surgimento da internet, o futebol sofreria sensíveis mudanças. A radicalidade e velocidade dessas mudanças inauguram o fenômeno denominado como globalização, definida por Anthony Giddens como *“a intensificação das relações sociais em escala mundial, que ligam localidades distantes de tal maneira que acontecimentos locais são modelados por eventos ocorrendo a muitas milhas de distância e vice-versa”* (GIDDENS, 1991, p. 76).

O sociólogo britânico aponta que as interações cotidianas tornam-se cada vez menos restritas às antigas comunidades fixas e estáveis das unidades territoriais e identidades nacionais, estendendo-se para outras regiões e não tão dependentes da presença de outros indivíduos:

O advento da modernidade arranca o espaço do tempo fomentando relações entre outros “ausentes”, localmente distantes de qualquer situação dada ou interação face a face [...]. O que estrutura o local não é simplesmente o que está presente na cena; a “forma visível do local oculta as relações distanciadas que determinam sua natureza (GIDDENS, 1991, p. 29).

A compressão espaço-temporal resultante do desenvolvimento tecnológico, comunicacional e dos transportes permite que haja uma descentralização das forças políticas, econômicas, religiosas, culturais. Disso tudo resulta um ponto fundamental: se antes o Ocidente, sobretudo Europa e Estados Unidos, era o centro que influenciava o mundo, agora não mais. Ainda que seja um núcleo importante, o Ocidente agora se vê dividindo seu poderio com outras partes do mundo, cada vez mais conectado. E o futebol, mais uma vez, não foge a isso.

contudo, o mesmo jornal (do dia 28 de agosto de 1998) ressalta as intensas provocações dos vascaínos aos flamenguistas e a réplica destes últimos. Esses exemplos, mesmo que se caia num erro genérico, é o de demonstrar como o clima agregador do primeiro reflete um momento em que a construção do futebol nacional estava acima das rivalidades particulares, que de fato sempre existiram, mas em escalas variáveis.

Esse processo de globalização aproximou e colocou em contatos mais diretos aqueles países que antes se encontravam esporadicamente para a realização de partidas. A intensificação desse fenômeno permite que cada vez mais haja circulação de ideias, jogadores, produtos dos clubes. A televisão passou a transmitir para vários cantos do globo as ligas de diversos países; os grandes clubes do mundo passaram a importar jogadores, formando verdadeiras constelações; a internet permite que torcedores de todo o mundo se ponham em contato uns com os outros por meio de fóruns e redes sociais, resultando numa maior facilidade ao conhecimento da história de outros clubes espalhados pelo mundo. Esses fatores ligados à globalização colaboram para que o cultivo de um nacionalismo belicista identificado ao Estado-nação dentro de campo arrefeça.

Se antes a unidade nacional era o aspecto prevalecente, onde as disputas entre países, especialmente nas Copas do Mundo, eram o ponto máximo do futebol, hoje essa questão cede espaço para outras formas de estrutura de sentimento. É inegável que as Copas do Mundo, realizadas de quatro em quatro anos, ainda atraem muita atenção e criam muitas expectativas do público, sobretudo pela sua crescente espetacularização e midiatização, mas seu caráter de guerra simbólica entre nações e sua supremacia no gosto popular arrefecem diante de um cenário menos bélico e com a emergência de outros campeonatos envolvendo clubes de todo o mundo que atraem a atenção de torcedores em todos os cantos do planeta. Dessa forma, por mais que o torneio mundial de seleções ainda seja um evento de grande apelo, outros campeonatos repercutem com intensidade na vida dos torcedores – por exemplo, a UEFA Champions League, torneio europeu que tem uma audiência imensa e é transmitida para todos os continentes do globo. Na mesma proporção em que a nação é questionada quanto a sua legitimidade em regular a vida dos indivíduos e dos grupos sociais, a representatividade das seleções nacionais também é colocada em discussão pelos torcedores, que em muitos casos torcem até mesmo por outras seleções nacionais, pautando suas escolhas por motivos que não apenas aqueles ligados ao território em que nasceu.

Outro ponto a ser destacado como consequência dos intensos fluxos e

trocas decorrentes da globalização, está o rearranjo nos estilos de jogo e nas formas de torcer que outrora eram mais exclusivistas e que diferenciavam de mais clara e fixa o “eu” e o “outro”. Essas novas combinações resultam naquilo que o antropólogo Nestor Garcia Canclini definiu como *culturas híbridas*: “processos socioculturais nos quais estruturas ou práticas discretas, que existiam de forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas” (CANCLINI, 2013, p. XIX). Jogadores africanos e sulamericanos de fato são absorvidos pelo mercado europeu, mais rico e organizado. Por outro lado, esses mesmos jogadores contribuem para que o estilo de jogo desses países importadores sofra mudanças. Ainda, a internet permite que torcedores de todos os cantos entrem em contato e troquem informações. Desse modo, cânticos, símbolos, materiais usados etc. são apropriados e influenciam nas formas de torcer por seus clubes. Além disso, o contato cada vez mais estreito com clubes de todos os cantos do mundo, permitindo o acesso a suas histórias, ídolos, partidas ao vivo, abre um novo leque em que torcedores sentem-se atraídos a adotarem tais clubes também como seus, pela proximidade de interesse.

Barcelona, Real Madri, Manchester United, Milan, Bayern de Munique são exemplos de clubes globais que despertam simpatias e até mesmo paixões por todo o mundo, devido ao seu forte apelo mercadológico e midiático em todos os cantos do globo. Uma partida entre Inter de Milão e Lazio, em 2009, no recém-inaugurado estádio chinês Ninho do Pássaro, lotou de torcedores e era possível ver milhares de camisetas dos clubes pelo estádio¹²; vários clubes europeus fazem pré-temporada em outros continentes para, além de expandir a marca, estreitar a relação com os torcedores que pouco tem acesso *in loco* com o clube. Um caso mais recente chama muito a atenção pela reação extremada daqueles que não estão na base territorial do clube, quando um grupo de palestinos realizou uma partida simbólica entre os rivais espanhóis Barcelona e Real Madri

¹² Cf. La Gazzetta dello Sport. *Inter-Lazio profuma di dollari*. 07 de agosto de 2009. A matéria como o mercado consumidor chinês é importante para os clubes italianos. O jornal, ainda, destaca como os chineses são “loucos” pelos clubes italianos, rendendo bons negócios para estes, já que, como aponta o jornal, o mercado italiano está defasado em relação ao chinês.

como forma de protesto à visita de um ex-presos israelense ao clube catalão¹³.

Esses exemplos poderiam sugerir que há um processo em curso de solapamento dos clubes mais fracos economicamente e a criação de uma espécie de homogeneização na cultura do futebol. De fato o expansionismo dos clubes mais ricos e a diluição das fronteiras nacionais resultantes da globalização criam a sensação de que essas grandes marcas do futebol varreriam do mapa os clubes locais, mormente aqueles que ainda são ligados a regiões outrora de forte vulto industrial (segmento que se desestruturou nas últimas décadas), no entanto, na prática não é o que se vê. Stuart Hall (2011) indica que, em relação à globalização, uma das consequências possíveis é que *“as identidades locais ou particularistas estão sendo reforçadas pela resistência à globalização”* (HALL, 2011, p. 69). O caso do Athletic Bilbao é emblemático. Ainda hoje, o clube aceita apenas em seus quadros esportivos jogadores que tenham nascido na região basca. Por mais que isso resulte na ausência de competitividade com as grandes equipes mundiais, o clube é visto por seus torcedores não como uma equipe de futebol que busca vitórias e conquistas, mas que opere como uma bandeira de visibilidade das aspirações separatistas dos bascos. Portanto, ao contrário das antigas formas de exposição dos clubes que, com suas vitórias, colocavam em voga o país do qual provinham, o Athletic Bilbao não privilegia apenas a vitória. Sua existência já é uma vitória para os torcedores, independente do resultado. Suas aspirações podem ser disseminadas não mais por meio de vitórias e conquistas, que em tempos remotos eram a forma mais eficiente de propagação dos clubes e seus feitos. A internet e a televisão, que transmitem e noticiam os jogos das ligas estrangeiras, fazem esse papel de mensageiro desses clubes.

Um exemplo de como um estádio se impregna de caráter simbólico – afetivamente denominado por muitos como “lar” - na comunidade local é do clube inglês Tottenham. De acordo com uma matéria do site do jornal londrino *The Guardian* de 14 de jan. 2011, os dirigentes do clube localizado no norte de

¹³ Cf. O Estado de São Paulo. *Moradores de Gaza protestam por visita de israelense ao Barcelona*. 07 de outubro de 2012. O Barcelona prontamente respondeu às manifestações dos torcedores em Gaza convidando um ex-presos palestino para visitar o clube e assistir uma partida.

Londres, cogitaram o arrendamento do Estádio Olímpico de Londres após as Olimpíadas na capital inglesa. No entanto, por se localizar no nordeste da cidade e, inevitavelmente, esse deslocamento significar uma desvinculação do clube com seu território e a inutilidade do centenário Estádio White Heart Lane, fundado em 1899, os torcedores organizaram protestos que resultaram na desistência dos dirigentes em arrendar o Estádio Olímpico. O grupo We Are N17, em alusão ao local de origem do clube, no norte de Londres, organizou um abaixo-assinado e exigiu que a presença dos torcedores na decisão final do clube. Mesmo com o argumento de maior visibilidade para o clube no cenário global, os torcedores relutaram quanto à troca de estádio e, em consequência, de território. Após essas manifestações, ficou definido que será o West Ham, clube também de Londres, que arrendará o estádio¹⁴.

Esses exemplos exibem um quadro que permite observar dois sintomas que, intencionais ou não, aparecem na esteira globalização: a acentuação do território local e a expressão de identidades particularistas. Nesses dois casos, percebe-se que as formas de expressar as identidades coletivas em relação ao espaço reforçam o sentimento de pertencimento e de unidade do grupo, em meio à diversidade da globalização. A globalização, dessa forma, não deve ser compreendida como uma via unilateral, onde as forças de pressão são invariavelmente de cima para baixo. No tocante a isso as palavras de Giddens são precisas ao afirmar que

a globalização não é portanto um processo singular, mas um conjunto complexo de processos. E estes operam de uma maneira contraditória ou antagônica. A maioria das pessoas pensa que a globalização está simplesmente “retirando” poder ou influência de comunidades locais e nações para transferi-lo para a arena global. E realmente esta é uma de suas consequências. As nações perdem de fato parte do poder econômico que antes possuíam. Contudo, ela tem também o efeito oposto. A globalização não somente puxa pra cima, mas também para baixo, criando novas pressões por autonomia local (GIDDENS, 2011, p. 23).

¹⁴ Cf. The Guardian. *Tottenham fans plan match-day protest against Olympic Stadium move*. 14 de janeiro de 2011.

Nesse ponto é conveniente apontar para aquilo que a geógrafa Dorren Massey (2000) define como “*geometria de poder*”, isto é, as formas diferenciadas pelas quais os lugares em todo o globo são atingidos pelo fenômeno da globalização. Por mais que ela esteja presente em alguma escala, o seu impacto sobre um determinado lugar varia de intensidade. A globalização, dessa maneira, é um processo desigual, e não distribuído de maneira homogênea. Assim, em vez de pensar no global suprimindo o local, o cenário atual demonstra como o global e local se articulam de maneira mais intensa.

Esse cenário contemporâneo do futebol, portanto, cede espaço para a coexistência de duas formas de vínculo com os clubes e as seleções: por mais que as mudanças vividas pelos fãs do futebol nos últimos anos sejam intensas, percebe-se ainda com muita vitalidade a presença de identidade sociais fixas e estáveis no futebol como resultado de um processo de construção histórica e cultural, caso daqueles que torcem exclusivamente por seu time sem nunca mudarem de posição e daqueles que sentem-se ligados com sua seleção nacional por uma questão patriótica. Por outro lado, esses novos tempos dão margem àquilo que o Michel Maffesoli (2010) entende não mais como um processo de identidade, nos moldes modernos, mas de identificação, isto é, formas mais fluidas e passageiras de se identificar com algo. Tem menos a relação com o “ser” do que com o “estar” ligado a algo por um período de tempo. Portanto, não são definidas pela estabilidade e rigidez das identidades sociais mais complexas, mas podem aparecer e desaparecer quando os torcedores bem entenderem, como no caso dos fóruns de clubes internacionais. Na sua visão, as intuições acerca de um alarmante e preocupante individualismo que definiriam nossa época não encontram força, pois as pessoas têm a necessidade de identificação com um grupo, aspecto que pode ser visto nos vários agrupamentos urbanos contemporâneos, denominados pelo autor como *neotribalismo*:

o cotidiano e seus rituais, as emoções e paixões coletivas, simbolizadas pelo hedonismo de Dionísio, a importância do corpo em espetáculo e do gozo contemplativo, a revivescência do nomadismo

contemporâneo, eis tudo o que o acompanha o tribalismo pós-moderno (MAFFESOLI, 2010, p. 3).

Não que a identidade fixa esteja em vias de extinção – e o futebol talvez seja um dos exemplos em que muitas pessoas nascem e morrem torcendo por um mesmo clube –, contudo, o sociólogo francês afirma que essas formas tradicionais de se identificar convivem com as novas formas de identificação. No futebol, essa coexistência é facilmente captada. Muitos invariavelmente possuem um clube de futebol, mas também se identificam por outros clubes no mundo – facilitado pelo desenvolvimento tecnológico que permite acessar a história de outros clubes pelo mundo: pode-se identificar por um clube pelas suas cores, sua história, por ser o mais fraco, o que possui melhores jogadores, os símbolos que o cercam.

Para o autor, todas as manifestações – aglomerações esportivas, musicais, religiosas, políticas – exprimem as metáforas desse vínculo social pautado pela proximidade de vizinhança, acomodação em novos territórios, o não lógico e o não racional – o que não significa dizer irracional, mas que estaria ligado apenas a um estar-junto sem qualquer planejamento de um projeto futuro, consciente, uma fusão que não leva tanto em conta o seu porquê. É assim que Maffesoli enuncia que as identificações dos tempos atuais são pautadas por “*pessoas plurais e tribos emocionais*”. (MAFFESOLI, 2012, p. 43).

Embora as seleções nacionais ainda operem com uma força agregativa capaz de despertar identidades nacionais mais profundas, sobretudo em períodos de Copa do Mundo, o fator mais relevante nesses novos tempos é como, ao mesmo tempo, a expansão e o enraizamento nas formas de torcer se intensificaram. As formas tradicionais de torcer devem conviver agora com outros meios de participação. É comum um clube ter torcedores locais – que vivem o seu dia-a-dia *in loco* – e torcedores globais – aqueles que têm outros meios de acesso para participação na vida dos clubes: por exemplo, consumindo produtos, acessando a internet, tornando-se sócio-torcedor e adquirindo jogos pagos.

O deslocamento torna-se uma das marcas do mundo atual, permitindo

que o global e o local se relacionem de maneira mais íntima. Dessa forma, as relações sociais nos contextos de interação primária, ou face a face, não são exclusivas, como fora em tempos remotos. Por outro lado, na atualidade também são produzidos os sistemas de *reencaixe*, que se refere a “*processos por meio dos quais compromissos sem rosto são mantidos ou transformados por presença de rosto*” (GIDDENS, 1991, p. 100). O desenvolvimento dos sistemas de transporte e de comunicação, por exemplo, são fatores que, ao mesmo tempo em que foram determinantes na dissolução das relações tradicionais de proximidade e parentesco, agora permitem a aproximação, seja de corpo presente ou não, entre pessoas que se encontram em pontos distantes. Dessa forma, o autor aponta que “este [desencaixe] retira a atividade social dos contextos localizados, reorganizando as relações sociais através de grandes distâncias tempo-espaciais” (GIDDENS, 1991, p.58).

Enfim, esta breve tentativa de situar o leitor acerca dos fenômenos associados ao futebol é uma maneira de mostrar como esse esporte é multifacetado e complexo; ele é a síntese das mais variadas dicotomias que nos cercam: uma intensa mescla ente sagrado e profano; provincianismo e cosmopolitismo; espaços de identidades estáveis e identificações fluídas. Como afirma Canclini, se as identidades modernas eram “*territoriais e quase sempre monolíngüísticas*”, as identidades contemporâneas [ou identificações] são “*transterritoriais e multilíngüísticas*”, estruturado menos pela lógica dos Estados do que pela dos mercados (CANCLINI, 2010, pp. 45-46).

Esse fenômeno é percebido no futebol: cada vez mais os clubes (sobretudo aqueles com marcas mais fortes e visíveis) estão difundidos por todo o globo, atraindo a atenção de torcedores de todas as nacionalidades, crenças, étnicas, religiões, classes e gênero (haja vista a maior participação das mulheres no mundo do futebol). Os selecionados nacionais nos moldes de outrora, como uma representação simbólica de uma nação homogeneamente bem delimitada e com um estilo de jogar radicalmente diverso dos seus rivais, já não são tão claros¹⁵.

¹⁵ Em uma recente pesquisa realizada pela Unicarioca no primeiro semestre de 2014, somente

Nessa esteira é que, no que se refere ao território, é possível seguir o pensamento do geógrafo Rogério Haesbaert (2012), em que aponta a emergência de múltiplos territórios nas sociedades contemporâneas, expresso pelo termo “*territórios-rede*”, isto é, aqueles espaços sociais que se entrecruzam e se definem pelo movimento, substituindo (ou convivendo) o mosaico de “*territórios-zona*” que caracterizou a modernidade, ou seja, os territórios nacionais bem delimitados por fronteiras numa “*lógica político-territorial zonal mais exclusivista*” (HAESBAERT, 2012, pp. 97-98).

Para finalizar esta seção, vale ressaltar que, embora se tenha dado destaque ao papel do Estado na formulação de elementos que procurassem construir um sentimento de nacionalismo e de destino comum a todos os cidadãos, tendo no futebol como um dos principais produtos, não é de todo certo afirmar que esses produtos culturais são resultados de uma imposição de cima para baixo, sem qualquer tipo de reinterpretação. O mesmo vale para a lógica do mercado e lucro, quando se supõe que o futebol tornou-se um espetáculo que capta o consumidor por seu poder de sedução mercantil, de estilos, gostos e imagens que têm por objetivo apenas criar novos ídolos e marcas para que as pessoas se deslumbrem por meio do consumo. A história do futebol tem notáveis exemplos de que como, a partir de sua popularização, ele ganha novos contornos e significados em várias sociedades. É assim que esse processo se intensifica nos dias hoje, pelas inúmeras trocas possíveis pelos meios de comunicação e de transporte, o que permite novas combinações em vários

55% dos entrevistados na cidade do Rio de Janeiro torceriam pela seleção brasileira na Copa do Mundo do Brasil. Os outros 45% se dividiam entre aqueles que não gostam de futebol e aqueles que acreditam haver coisas mais importantes na sociedade do que a copa. Essa pesquisa foi divulgada pelo jornal O Globo e tem uma opinião de Ronaldo Helal que corrobora com as ideias aqui colocadas. Para ele, “*não é só pelo fato de a Copa ser no Brasil. Imagino que o percentual daqueles que não torcem pela seleção era parecido em 2010. Dos anos 1980 para cá, os torcedores se identificaram muito mais com seus clubes [...] A Copa de 1950 foi sentida como uma derrota de todo o país porque naquela época ainda era forte a idéia de Estado Nação que vigorou dos anos 1930 ao 1970. Com a globalização, a ligação com os ídolos se descola cada vez mais do território e da questão nacional*”. Portanto, seguindo o pensamento de Helal, o processo de desinteresse em relação à seleção nacional se dá num período de ascensão do contato com outros campeonatos, clubes, jogadores, arrefecendo as hostilidades históricas entre os torcedores de países adversários. C.f. O Globo. *Seleção não terá torcida de 45% dos entrevistados em pesquisa no Rio*. Esportes, 09 mai. 2014. <<<http://oglobo.globo.com/esportes/selecao-nao-tera-torcida-de-45-dos-entrevistados-em-pesquisa-no-rio-12425856#ixzz379iQTIJE>>>

cantos do planeta. Como tão lucidamente afirmou Eduardo Archetti (2001):

La globalización temprana del deporte no debe verse como un proceso necesario de homogeneización, sino como un espacio en donde producir imaginarios, símbolos y héroes que establezcan discontinuidades. La reglas universales y las prácticas son uniformes pero los resultados impulsan no solo las diferencias sino a pensarlas como tales¹⁶ (ARCHETTI, 2001, p. 14)

2.2. O GRAFITE E AS VOZES DA SOCIEDADE PÓS-MODERNA

“Hoy en día, el graffiti es una forma de comunicación ya incorporada al paisaje”
Leila Gándara

Utilizar uma linguagem específica nos muros das cidades para expressar e comunicar, revelando a cultura de uma sociedade, não é fato recente. Desde as pinturas rupestres nas cavernas de Lascaux que o homem se apropria do espaço para comunicar algo; é portanto uma ação muito primitiva. Desde então, a humanidade não parou de deixar seus rastros nas paredes.

Dos túmulos dos faraós egípcios, quando nestes eram narradas histórias numa mistura de imagens e textos dessa grande civilização; passando pelas inscrições dos povos de Pompéia, deixando um testemunho importante dos hábitos e costumes dessa população dizimada por eventos naturais; e desembocando, já no século XX, com os muralistas mexicanos, que decoravam edifícios públicos, o homem sempre deu vida a representações simbólicas que permitiram uma leitura do seu tempo histórico e do imaginário coletivo de cada agrupamento humano num determinado espaço. Todas as civilizações nasceram e se perpetuaram pelo uso da linguagem visual. Esse tipo de ferramenta discursiva, portanto, é uma forma de compreender a cultura das civilizações que já se fincaram no planeta.

¹⁶ Tradução nossa: “A globalização precoce do esporte não deve ser visto como um processo necessário de homogeneização, mas sim como um espaço de produção de imaginários, símbolos e heróis que estabelecem discontinuidades. As regras universais e as práticas são uniformes, mas os resultados impulsionam não apenas as diferenças mas a pensa-las como tais”.

Pois bem, se o futebol, como fora dito no início deste capítulo, pode ser entendido como um produto do período moderno, é possível afirmar que o grafite urbano é um produto do período pós-moderno que se alastra por todos os cantos do globo, com predominância evidente nas grandes cidades. Ainda hoje marginalizado, esse tipo de linguagem visual é uma expressão que reflete as marcas da contemporaneidade. Mais uma vez, é preciso fazer uma avaliação do objeto num contexto mais amplo. Se a modernidade foi vista como período em que a ordem e o progresso prevaleceram, baseados na razão instrumental das ciências, a partir do período pós-guerra há uma reviravolta na até então ordem estabelecida e rígida da sociedade industrial.

No final dos anos 1970, num livro chamado *A condição pós-moderna* (2011), o filósofo francês Jean François Lyotard apontou que os tempos contemporâneos são marcados pela “*incredulidade em relação aos metarrelatos*” (LYOTARD, 2011, p.XVIII), ou seja, uma descrença em relação àqueles grandes discursos estáveis que possuem pretensões atemporais e universalizantes e que, em sua totalidade, nos situavam no passado e prediziam o futuro por meio de um saber absoluto legitimado pela ciência moderna, sobretudo pelos discursos filosóficos. O ideal de verdade, emancipação do homem, crescimento da riqueza são alguns apontamentos que entram em crise na sociedade contemporânea. Dessa forma, Lyotard aponta que, sobretudo após a Segunda Guerra Mundial, certos conceitos basilares ao pensamento moderno entram crise e perdem sua validade, tais como “verdade”, “totalidade”, “razão”, “verdade” e “progresso”. Para o autor, os grandes discursos do pensamento moderno resultaram apenas em catástrofes totalitárias e violentas de Estado, representados pelo nazismo e pelo stalinismo.

Após a guerra, sobretudo com a informatização da sociedade, as regras do jogo se alteram. Essas tecnologias, para o autor, acabaram por deslegitimar, por sua intensa circulação de conhecimento e o acesso imediato de cada indivíduo, os saberes totalizantes e um ideal de verdade absoluto. A ciência passa a ser percebida como mais uma modalidade de conhecimento que tem como tarefa organizar, estocar e distribuir certas informações, ao contrário da

atividade suprema que tinha como objetivo o desenvolvimento moral e espiritual da nação. Portanto, essa mudança tecnológica acelerada, envolvendo as telecomunicações e o vertiginoso poder da informática, colocam em xeque a visão de que a ciência está construída sobre uma base sólida de fatos observáveis. Sem sua suposta unidade, a ciência não pode mais tirar partido da coerência lógica ou da descoberta da verdade. O resultado é que há uma reorganização e quebra de barreiras entre áreas distintas no campo científico, rompendo com as delimitações clássicas.

No âmbito cultural, Lyotard aponta que, a partir dos anos 1950, o impacto dessa desordem e o intenso fluxo comunicacional é o de que múltiplas histórias se disseminam sem a necessidade do selo legitimador dos catedráticos; não vive-se mais num mundo em que a cultura funciona como um sistema universalizante e coerente da explicação de todas as coisas, mas num mundo de colagens culturais. Como inevitável corolário desse fenômeno há um colapso das estáveis e sólidas hierarquias do conhecimento e da cultura de elite.

Enfim, sem a validade universal que pretendiam ter antes, os discursos universalizantes e emancipatórios cedem lugar a uma “*atomização*’ do social em *flexíveis redes de jogos de linguagem*”¹⁷, imagem que, para Lyotard, “pode parecer bem afastada de uma realidade moderna que se representa antes bloqueada pela artrose burocrática” (LYOTARD, 2011, p. 31). Com isso, as divisões entre alta cultura e baixa cultura, se não estão superadas, colocam-se em novas bases que não aquelas pautadas pela fixidez dos gostos classistas. A partir de então, sob o impacto dessa atomização social e dos saberes, cada grupo carrega consigo suas histórias e ideologias.

¹⁷ O termo *flexíveis redes de jogos de linguagem* remonta à segunda fase do pensamento do filósofo austríaco Ludwig Wittgenstein (1889-1951), quando, partindo do zero em relação à primeira fase – busca da unificação de uma linguagem capaz de enunciar todas as coisas –, entende que o discurso é feito por diversos tipos de enunciados, cada qual determinado por regras que especifiquem suas propriedades e o uso que dela se pode fazer. Dessa forma, Wittgenstein tenta demonstrar que em cada setor de nossas vidas há uma forma de linguagem com suas próprias regras. Por exemplo, Lyotard aponta que a segunda fase do pensamento wittgensteiniano poderia se assemelhar a um jogo de xadrez, onde cada peça é regida por uma determinada regra. Alongando esse exemplo, poder-se-ia intuir que a primeira fase do autor seria definida pela imagem do jogo de damas, onde todas as peças são regidas pelas mesmas regras, sem qualquer diferenciação no seu uso.

Nesse contexto de fragmentação é que Gianni Vattimo (1992) afirma que a sociedade contemporânea é caracterizada principalmente pela comunicação generalizada – a tão propalada Babel –, permitindo que as outrora subculturas, até então marginalizadas, tenham acesso para tomar a palavra. Ao contrário das teses apocalípticas de homogeneização e novas formas de dominação pelos meios de massificação cultural, Vattimo entende que os meios de comunicação de massa, tais o rádio, a televisão, os jornais, e mais recentemente a internet “se tornaram os elementos de uma grande explosão e multiplicação de [...] visões de mundo” (VATTIMO, 1992, p. 11). É só assim que a expansão contínua das comunicações produz aquilo que o autor entende como uma pluralização aparentemente irresistível.

Refutada a ideia de uma realidade central da história, com um passado e um futuro definidos linearmente, o mundo da comunicação generalizada e transversal explode com uma multiplicidade de “*racionalidades locais*”; ou seja, reivindicações referentes às minorias étnicas, sexuais, religiosas, culturais e estéticas se apresentam, não sendo mais silenciadas e reprimidas pelas ideias defasadas de uma verdadeira humanidade vindoura e de um homem ideal. Essa reviravolta nas esferas sociais e culturais é descrita por Gilles Lipovetsky:

Ao mundo de ontem, no qual a cultura era um sistema de signos comandados pelas lutas simbólicas entre grupos sociais e organizava-se em torno de pontos de referência sagrada, criadores de um universo estável e particular, sucede o da economia política da cultura, da produção cultural proliferante, indefinidamente renovada. Não mais o cosmo fixo da unidade, do sentido último, das classificações hierarquizadas, mas o das redes, dos fluxos, da moda, do mercado sem limites nem centro de referência (LIPOVETSKY, 2011, p.8)

Nesse cenário é que o grafite se apresenta na forma como o conhecemos hoje. Essa é uma expressão que, sobretudo a partir da segunda metade do século XX com o movimento *hip-hop* norte-americano – em que os jovens dos guetos deixavam suas marcas como forma de demonstrar sua existência e, ao mesmo tempo, definir seu espaço físico e simbólico de influência – e as manifestações juvenis na Europa – sobretudo após os protestos do maio de

1968 em Paris, quando muitas paredes da cidade serviram de panfletos reivindicativos –, ganha força nas grandes metrópoles. Sua forma de expressão revela o aspecto crítico, reivindicatório e explorador do espaço em que se encontra cada grupo. Não existe lugar específico para manifestações – a cidade sem centro de referência, marca dos tempos contemporâneos. Toda a urbe passa a ser o suporte para as formas de expressão das já citadas *tribos urbanas* de Michel Maffesoli.

Sem um passado e um futuro, como afirmado anteriormente, o que nos resta é o eterno presente que, para Maffesoli, obriga os grupos a estarem em forte sintonia com seu território afetivo. O mundo que vivemos hoje não é prospectivo, mas vivido no instante, no aqui e agora. É dessa forma que o território local, seja qual for sua dimensão, podendo ser um bairro, um conjunto habitacional, as ruas vizinhas, uma esquina se configuram como tantos territórios que os grupos se colocam a partilhar. É essa ligação afetiva imediata com o território que serve de base para a formação da memória coletiva, pois a emergência de uma multiplicidade de pequenas ideologias – resultante da dispersão das narrativas modernas – afeta diretamente as formas de viver em grupo, com suas participações coletivas que se cristalizam no presente:

A proximia simbólica e espacial privilegia o cuidado de deixar seus rastros, quer dizer, de testemunhar sua perenidade. Esta é a verdade dimensão estética de tal ou tal inscrição espacial: servir de memória coletiva, servir à memória da coletividade que a elaborou. A partir daí, é verdade, essas inscrições podem sofrer análises estéticas *stricto sensu*, e, nesse sentido, se tornam obras da cultura. Mas é preciso não esquecer que elas ultrapassam, e de muito, o que frequentemente é apenas uma redução abstrata e intelectual. Dentro dessa perspectiva a catedral não vale mais do que a decoração kitsch de um loteamento de periferia, e os *graffiti* ou pichações urbanas podem ser comparados às pinturas das cavernas pré-históricas. (MAFFESOLI, 2010, p. 220).

Sem as grandes referências, cada grupo passa a portar consigo suas ideologias, escolhas, gostos, estilos de vida, formando um imenso mosaico de ajuntamentos que estão vinculados por questões que ultrapassam a racionalidade instrumental. O fim da história totalizante deu margem a inúmeras

histórias e memórias particulares que são reivindicadas e materializadas de diversas formas, como o grafite. A ênfase que Lyotard concede para a dissolução das hierarquias no campo da legitimação do saber Maffesoli transfere para o social e suas transformações; dessa forma, o seu entendimento é o de que, enquanto a modernidade privilegiou a verticalidade nas relações sociais, o período contemporâneo é o marcado pela horizontalidade das mesmas.

Assim como as tribos se configuram na imagem de um mosaico, o grafite é uma manifestação que reflete essa fragmentação, pois é pautada pela ausência de hierarquia, é uma arte horizontal e mais democrática do que aquelas tradicionais. Nesse tocando é que Canclini pensa o grafite como uma manifestação híbrida, ao mesclar palavras e imagens, que desestrutura as formas artísticas tradicionais – aquelas ligadas ao colecionismo de bens selecionados que remetiam a uma totalidade coletiva. Assim, afirma o autor que estas são *“práticas que desde seu nascimento abandonaram o conceito de coleção patrimonial”* (CANCLINI, 2013, p. 336).

Para outro pensador da pós-modernidade, Zygmunt Bauman (2003), esse período em que vivemos é denominado como *líquido*, em oposição à estabilidade, segurança e fixidez da modernidade. Inspirado na frase célebre do marxista de que *“tudo que é sólido se desmancha no ar”*, as ideias de Bauman, embora muitas vezes divergentes com as de seus pares nos estudos dessa época, podem ser aplicadas ao fenômeno do grafite como reflexo da sociedade e do campo cultural na atualidade, haja vista sua fluidez, instabilidade e permanentes alterações que tomam conta do espaço urbano, em contraste com os duradouros monumentos que remetem a histórias englobantes e totalizantes, muitas vezes distantes da realidade de grupos sociais que não sentem-se representados por essas obras e suas histórias. Bauman afirma que

no mundo em que vivemos no limiar do século XXI, as muralhas estão longe de ser sólidas e com certeza não estão fixadas de uma vez por todas; parecem aos passantes divisórias de papelão ou telas destinadas a serem reposicionadas mais e mais vezes segundo mudanças sucessivas de necessidades e caprichos (BAUMAN, 2003, p. 45).

De acordo com o sociólogo polonês, radicado na Inglaterra, essa flexibilização no modelo social intensifica o processo de hiperindividualização e fragmentação social sob o reino das imagens e dos objetos que controlam a sociedade de consumo, enfraquecendo o poder de decisão dos mecanismos públicos e de cidadania. Para Maffesoli, Lipovetsky e, em parte, para Canclini, estes elementos, ao contrário, podem servir como novas formas de coesão social, laços simbólicos, comunicabilidade e até mesmo uma nova cidadania. Independentemente dos diferentes ângulos como o social é aqui entendido, o ponto central entre todos os autores que pensam esse período é o que existe uma presentificação e fragmentação (em grupos e/ou indivíduos) que tornam cada vez mais difícil pensar a sociedade nos moldes antigos (totalizante e linear). E os grafites são de fato uma marca dessa época.

Nicholas Ganz (2010), estudioso dos grafites, aponta que a forma do atual do grafite começou a se desenvolver no final da década de 1970, em Nova Iorque e Filadélfia, quando artistas pintavam nomes em muros ou nas estações de metrô ao redor de Manhattan. Para o autor, a configuração singular de Nova Iorque, onde suas ruas sujas e partes nobres mesclando-se, foi um território fértil para o crescimento dessa arte. Ganz ainda aponta que o desenvolvimento tecnológico – o computador, televisão e outros meios de comunicação – foi fundamental para que esse fenômeno cultural fosse disseminado nas metrópoles contemporânea, colocando em contato vários grafiteiros e seus trabalhos. O resultado disso é que

antes da revolução da internet, diferentes continentes, cidades e até mesmo bairros possuíam suas próprias culturas de grafite. Essas diferenças locais, de certa forma, existem até hoje, mas têm sido inspiradas por estilos de todo o mundo (GANZ, 2010, p. 10).

Embora essas trocas permitam que as técnicas e materiais do grafite se disseminem por todo o globo, influenciando vários grupos de grafiteiros, é ainda em consonância com o local onde a criatividade e espontaneidade se manifestam, com reivindicações endêmicas, críticas sociais, representações que estejam ligadas àquela sociedade e as demarcações territoriais entre os vários

grupos se encontram num mesmo espaço. As mensagens grafitadas nos muros da cidade estão, na maior parte das vezes, vinculadas material e simbolicamente a um local particular e suas histórias.

Na mesma linha de raciocínio de Maffesoli, Nelson Brissac (2004) aponta que os grafites produzidos pelos grupos contemporâneos se definem como

uma operação de reconquista do território urbano, movido contra as regulamentações administrativas e a urbanização excludente do capital. São manobras de guerrilha urbana: avançam a noite para recuar durante o dia, desviam de obstáculos para penetrar por outras frestas, reinventam constantemente novas economias e táticas de ocupação. Seus ataques consistem em sitiar e invadir espaços, cortar as vias de comunicação e estabelecer linhas de fuga (BRISSAC, 2004, p. 426).

Os grupos, portanto, possuem estreita relação com sua base territorial, e o grafite é uma das expressões que materializam esse vínculo afetivo e sentimento de pertencimento a um território. Ao se expressar, o grupo delimita seu território e, assim, confirma sua existência.

Aqui fica evidente a disputa pelo território que envolve a manifestação grafiteira e a ajuda mútua entre os seus membros, que contribuem para o mosaico de tribos urbanas. Geralmente, ao contrário da pichação (assinatura individual), o grafite demanda um determinado número de pessoas para que sua ação seja construída de forma mais rápida e, ao mesmo tempo, funcione como um mecanismo de identidade coletiva na luta cotidiana por expressar livremente suas manifestações num determinado espaço.

Como elemento que reflete os tempos contemporâneos, o grafite carrega uma outra marca dos tempos atuais: a efemeridade. Se, como foi falado, não vivemos mais numa sociedade prospectiva que sonha um futuro ideal, mas numa sociedade que se desenrola num eterno presente, no aqui e agora, o grafite espelha esse efêmero e suas manifestações presentes, no aqui e agora, isto é, uma manifestação dinâmica e ativa como a sociedade, sempre em constante mutação. É uma forma de linguagem fluída, espontânea, que acaba por sintetizar as modificações das cidades, pois ela mesma se modifica junto com o espaço público, ajudando a revelar a história e o comportamento de cada

sociedade.

Na difusão e hibridização das culturas, na mistura que provoca um abalo dos sistemas fechados e fixos entre erudição e folclore, a cultura é apropriada e evidenciada por múltiplos grupos que não mais se sentem representados por uma cultura inabalável e totalizante, que seleciona eventos marcantes do passado para dar sentido ao presente e predizer o futuro. Os museus não são mais os lugares privilegiados para que a cultura de uma nação seja exibida e mitificada no imaginário coletivo de maneira inequívoca e inquestionável, contada pela visão-de-mundo das classes dominantes. Não mais os grandes acontecimentos de interesse comum, mas aqueles eventos presentes e efêmeros ligados aos pequenos grupos no seu cotidiano ordinário. A história não mais contada de maneira linear, mas várias visões se inter cruzando num mosaico de acontecimentos e novos significados. O grafite, dessa forma, é uma manifestação expressiva que reflete esse momento social.

Embora esse cenário da diluição das fronteiras rígidas dos Estados nacionais carregue no seu corolário a ideia da perda de autonomia das tradições culturais locais, percebe-se tanto no grafite como no futebol, dois produtos culturais de expressão global, o rearranjo de novas formas de preservação de seus dialetos locais.

3. FIDELIDADES TERRITORIAIS: FUTEBOL E GRAFITE EM BUENOS AIRES

Os grafites relacionados aos clubes de futebol em Buenos Aires estão por toda a parte da cidade. Cores, símbolos, personagens trazem um colorido para os bairros em que os clubes e torcedores locais construíram laços de afeto. Contudo, essa estreita relação triádica clube-bairro-torcedores não nasceu de um evento natural, imediatamente após a fundação e fixação dos clubes nos territórios em que hoje se encontram. Houve, neste longo tempo, um árduo processo de construção desta relação identitária hoje tão visível. E, como veremos, os estádios carregam um papel decisivo nesse processo, uma vez que são equipamentos que, pela formação do futebol na cidade, atualizam rotineiramente o antagonismo “mandante” *versus* “visitante”, demarcando o território próprio e o território alheio. Ademais, funcionam como importante espaço público para a construção de identidades coletivas de várias gerações de torcedores locais.

Desta forma, este capítulo pretende fazer o percurso histórico da relação futebol e cidade, que se reflete e é atualizado, pelos traços do grafite com motivos clubísticos, forma de reforço e diferenciação tão capilarizada por toda a capital portenha.

3.1. BUENOS AIRES: A CAPITAL RACIONALIZADA

Para começarmos a traçar o percurso do futebol e seus grafites na cidade de Buenos Aires é preciso, antes de tudo, uma breve digressão que destaque o papel da morfologia e da arquitetura na capital portenha, pois este processo liga-se de maneira umbilical com os acontecimentos envolvendo as várias representações do futebol e as identificações territoriais de seus torcedores.

Como cidade de colonização hispânica, fundada no século XVI, Buenos Aires tem como uma de suas características elementares um traçado demasiadamente cartesiano – racional e organizado – que procura de todas as formas a homogeneização do espaço urbano, criando condições para que a

administração colonial fosse mais eficiente, rígida e, portanto, assegura-se maior controle sobre o espaço urbano e sua população (BUARQUE, 2006; SANTOS, 1982). Esta preocupação, como havia mostrado Sérgio Buarque de Holanda no clássico *Raízes do Brasil*, relaciona-se com a constante ameaça e instabilidade identitária sofrida pelos espanhóis em seu próprio território, invadido pelos mouros e, como consequência, a ausência de uma unidade territorial e étnica¹⁸. Acerca desta tentativa de organizar o espaço das colônias, de modo a garantir a unidade perdida em sua própria matriz, o autor asseverava que

já à primeira vista, o próprio traçado nos centros urbanos na América espanhola denuncia o esforço determinado de vencer a fantasia caprichosa da paisagem agreste: é um ato definido da vontade humana. As ruas não se deixam modelar pela sinuosidade e pelas asperezas do solo; impõem-lhes antes o acento voluntário da linha reta [...]. O traço retilíneo, em que se exprime a direção da vontade a um fim previsto e eleito, manifesta bem essa deliberação. E não é por acaso que ele impera decididamente em todas essas cidades espanholas, as primeiras cidades “abstratas” que edificaram europeus em nosso continente (HOLANDA, 2006, p. 96).

Dessa forma, Buenos Aires funcionava como uma fortaleza labiríntica em que o ordenamento era a sua função principal diante de instabilidades identitárias. No entanto, o século XIX, sobretudo após a independência argentina, em 1816, a cidade sofreria mudanças urbanísticas que provocariam grande impacto. Adrian Gorelik (1999;2013) aponta que estes elementos arquitetônicos de coesão social e homogeneização intensificaram-se no processo de modernização e racionalização do espaço urbano sofrido pela cidade a partir do século XIX, sobretudo a partir das reformas implantadas pelo presidente Bernadino Rivadavia, que acompanhou de perto as reformas de Napoleão Bonaparte em Paris. Portanto, para o autor, embora haja uma identificação

¹⁸ Embora Sergio Buarque de Holanda faça referência às formações morfológicas das cidades latino-americanas se utilizando de tipos ideais, generalistas, a interpretação das duas cidades em foco no trabalho exprime nos pontos principais o que se pretende explorar nesse trabalho. Mesmo que nem toda cidade de colonização espanhola se aferiu numa forma de construção geometricamente e que esta característica também seja encontrada em cidades portuguesas, as observações do autor são pertinentes para esse trabalho.

desse processo com o modelo parisiense do prefeito Georges-Eugène Haussman, já na segunda metade do século XIX, a inspiração europeia de Buenos Aires vem antes disso.

Dessa forma, Buenos Aires procurava sair do atraso das ruas estreitas de herança espanhola para a construção de grandes e largas avenidas, cujos objetivos seriam dar conta das novas necessidades impostas pelo capitalismo e, assim, estabelecer uma regularidade que permitisse *“la circulación veloz de personas y mercancías (los rápidos boulevards), la separación de funciones (la creación de distritos federales) y la higiene (la creación de parques rodeando la ciudad tradicional como una cintura salubre)”*¹⁹ (GORELIK, 2013, pp.81-82).

Aliás, esse processo ganhava novos horizontes a partir do momento em que a cidade se expandia tal ideal de modernização ordenadora para regiões praticamente inóspitas e pouco habitadas, conhecidas como os Pampas. Para Gorelik, as longas e largas ruas retilíneas *“la moderna ciudad de cuadrícula surge como parte del proceso modernizador que clausura aquella experiencia circular y nada mejor que la grilla, homogênea en todas direcciones para graficar la ruptura”*²⁰ (GORELIK, 1999, p. 38). Como se vê, embora procurasse se afastar da herança espanhola, a modernização pela qual passou a cidade ao longo de todo o século XIX até meados do século XX não conseguiu apagar a imagem da monotonia e da homogeneização arquitetônica, marcas da capital desde sua origem. Pelo contrário, a quadrícula, com sua forma se assemelhando a um tabuleiro, se expandia.

Com a ampliação deste projeto, Buenos Aires tornava-se uma espécie de grande tabuleiro de xadrez, onde todas as partes da cidade e seus quadrantes assemelhavam-se, dando uma nítida sensação de infinita homogeneidade. Gorelik (1998) afirma ainda que os dois elementos fundamentais no estabelecimento desta sensação regular foram *la grilla* (o formato morfológico

¹⁹ Tradução livre: “a circulação veloz de pessoas e mercadorias (os rápidos boulevards), a separação de funções (a criação de distritos federais) e a higiene (a criação de parques circundando a cidade tradição como uma cintura salubre”.

²⁰ Tradução livre: “a moderna cidade quadriculada surge como parte do processo modernizador que encerra aquela experiência circular e nada melhor que a 'grelha' homogênea em todas as direções para marcar a ruptura”.

que se assemelha a uma grelha, com suas retilíneas avenidas e ruas) y el *parque* (os parques espalhados pela cidade, rompendo com a sensação vertiginosa de similitude arquitetônica e um espaço comum de encontro da população cada vez mais plural). Dessa forma, suas longas e entrecruzadas ruas retilíneas, que invariavelmente desembocariam em grandes praças, criavam um sentimento de que todos que percorressem tal espaço urbano partilhariam de algo em comum, sem grandes diferenças zonais que pudessem ameaçar a estabilidade e a harmonia de uma cidade que recebia, neste período, imensos contingentes de estrangeiros com suas variadas identidades étnicas²¹. A arquitetura da cidade, assim, funcionaria como um bloqueio às possíveis vertigens causadas pela modernização e composição demográfica variada.

Estas transformações que atingiam a cidade alcançaram seu auge nas primeiras décadas do século XX, sobretudo nos anos 1920 e 1930, em um período denominado pela intelectual Beatriz Sarlo como *modernidade periférica*. A imagem que melhor define o impacto que estas mudanças exerceram sobre a vida das pessoas em Buenos Aires desse período é relatada pela ensaísta portenha:

vive-se a cidade numa velocidade sem precedentes e os deslocamentos rápidos não provocam consequências apenas funcionais. A experiência da velocidade e a experiência da luz moldam um novo elenco de imagens e percepções: quem tinha pouco mais de vinte anos em 1925 podia se lembrar da cidade da virada do século e comprovar as diferenças (SARLO, 2010, pp 36-37).

Contudo, seria impossível fechar a cidade numa redoma onde toda a sua vida pública pudesse ser congelada de uma maneira idêntica em todos os seus perímetros. Seria natural que, diante dessa intensa busca por controle e organização dos espaços, surgisse uma reação contrária, proporcionando o surgimento de elementos que procurassem trazer vida e cor para os diferentes

²¹ Utilizando cadernos de censo de imigração, Sarlo mostra, entre a metade do século XIX e metade do século XX, Buenos Aires foi o segundo país que mais recebeu contingente de europeus. Em 1936, por exemplo, a população estrangeira em Buenos Aires era de aproximadamente 36%, sobretudo de imigrantes espanhóis e italianos.

grupos que se assentavam pela capital portenha. É por meio desse processo reverso que o território passa por um *“complejo proceso de formación de instituciones y producción de una moderna cultura popular, que dio a la aparición de un espacio publico local”*²² (GORELIK, Op.cit, p.40).

O resultado mais evidente destas mudanças no cenário homogeneizador de Buenos Aires seria o surgimento dos bairros. A partir deste momento todos os quadrantes semelhantes dispunham de meios institucionais para criar mecanismos de diferenciação no espaço público. E, dentre estas instituições – que contribuiriam decisivamente na fomentação de uma cultura localista –, os clubes de futebol, que já se espalhavam pela cidade desde a década de 1870, teriam papel fundamental nesse processo de constituição de identidade e diferenças.

Assim como os cafés, os clubes sociais e de dança, os clubes esportivos – que muitas vezes também acomodavam atividades e encontros sociais, mas, sobretudo, por meio da prática do futebol – estariam entres as instituições que trariam para os bairros nascentes uma nova forma de sociabilidade democrática. Estes funcionavam como espaços para desenvolvimento de práticas sociais, que ajudaram a formatar uma relação umbilical entre o bairro e sua população local, despertando um sentimento de compartilhamento comum em um microterritório numa Buenos Aires que não parava de se expandir e de receber pessoas de várias partes do mundo. Sobre esse ponto Néstor Canclini aponta que

os estudos sobre a formação de bairros populares em Buenos Aires, na primeira metade do século, registraram que as estruturas microssociais da urbanidade – o clube, o café, a associação de vizinhos, a biblioteca, o comitê político – organizavam a identidade dos migrantes e dos criollos, interligando a vida imediata com as transformações globais que se buscavam na sociedade e no Estado. A leitura e o esporte, a militância e a sociabilidade suburbana uniam-se em uma continuidade utópica com os movimentos políticos nacionais (CANCLINI, 2013, p. 286-287)

Muitas equipes de futebol que surgiram no período de transformação da

²² Tradução livre: “complexo processo de formação de instituições e produção de uma moderna cultura popular, que culminou na aparição de um espaço público local”.

cidade, na virada do século XIX para o XX, ainda hoje estão em atividade e, com o passar dos anos, consolidaram uma forte relação identitária pautada por questões territoriais com seus torcedores. Os primeiros clubes surgidos em Buenos Aires eram predominantemente compostos por alunos de escolas britânicas, dada a estreita relação comercial entre os dois países (ARCHETTI, 2003; FRYDENBERG, 1999). No entanto, com o passar do tempo, o futebol passava a se popularizar entre as camadas menos abastadas e, assim, a prática do jogo demandava novos espaços para a realização das partidas, alcançando cada vez mais outros grupos sociais.

Julio Frydenberg (1999) explica que na virada do século XIX para o século XX, conforme a cidade se expandia e os espaços públicos ganhavam novos atores sociais, os principais clubes da capital portenha eram fundados, mas nem sempre se estabeleciam no mesmo local da fundação. Com a ocupação de zonas até então pouco habitadas na cidade, os clubes muitas vezes precisavam mudar de local, pois não dispunham da quantia suficiente para o pagamento do aluguel de terrenos, recentemente valorizados. Com isso, o espírito nômade foi uma constante nesse processo inicial de afirmação do futebol na capital portenha que crescia vertiginosamente.

Sobre esses deslocamentos, Frydenberg fez um levantamento mostrando as peregrinações feitas pelos clubes no início do século passado, sobretudo entre 1900-1915. O River Plate, por exemplo, que nasceu em 1901 em La Boca, bairro hoje fortemente associado ao clube Boca Juniors, rodou por vários cantos da cidade até se fixar no extremo oposto aonde havia nascido, na região que fica entre Belgrano e Nuñez, zona mais nobre e até então menos povoada. Foi nesta parte da cidade que o clube construiu seu gigantesco estádio, o maior da Argentina, Monumental de Nuñez. O San Lorenzo é outro exemplo de clube que peregrinou, mas que nunca se distanciou das imediações do seu local de origem, diferentemente do River Plate.

Esse momento de insurgente popularização do futebol assiste a uma intensa proliferação e movimentação de clubes de futebol por toda Buenos Aires. De acordo com o historiador argentino, *“en 1907 existían alrededor de 350*

equipos-clubes, los dos tercios de ellos no tenían cancha propia”²³ (FRYDENBERG, 1999, p.3).

Dessa forma, diante de um quadro em que vários clubes surgiam pelos bairros, aqueles que conseguissem permanecer ativos mediante as intensas mudanças por toda cidade e as cobranças de aluguel por terreno, estaria apto a representar o bairro de origem ou talvez outro bairro, próximo ou distante, como atesta o caso do River Plate. Nesta etapa inicial, cabe ressaltar, o mais importante era conseguir sobreviver, para só então, com um lugar já definido, iniciar um processo de construção de laços identitários do clube com seus torcedores locais e sua sedimentação como centralidade física e simbólica para o bairro.

Com seu lugar garantido na vida do bairro e da população local, o passo mais importante para a afirmação dos clubes como elementos de sociabilidade e representatividade de seus respectivos microterritórios seria, sem dúvida, a edificação dos seus próprios estádios, estabelecendo assim uma nova forma de enxergar o esporte que se popularizava e, ao mesmo tempo, permitir que um número considerável de pessoas das diversas partes da cidade pudessem se encontrar naqueles equipamentos que seriam parte central para os torcedores locais. Essa nova fase do futebol portenho seria decisiva para compreensão da disposição do futebol e do imaginário do torcedor portenho. Como tão bem apontou o antropólogo argentino Eduardo Archetti, em seu livro *Masculinidades* (2003), até a década de 1920 *“la cultura de los barrios se vio reforzada por la consolidación del futbol organizado, ya que los clubes representaban a los diferentes barrios”*²⁴ (ARCHETTI, 2003, p. 27).

A difusão e consolidação da prática do futebol, dessa maneira, trazia em seu bojo a construção de estádios por toda a cidade, criando desde cedo no imaginário coletivo portenho uma disputa territorial que se relacionava entre os “mandantes” – aqueles que jogavam em seus próprios estádios – e os “visitantes”

²³ Tradução livre: “em 1907 existiam em torno de 350 equipes-clubes, dois terços destes não tinham um estádio próprio”.

²⁴ Tradução livre: “a cultura dos bairros viu-se reforçada pela consolidação do futebol organizado, já que os clubes representavam os diferentes bairros”.

– aqueles que saíam de seus bairros para visitar o rival.

Os estádios, portanto, seriam a materialização dessa forma de diferenciação entre os grupos locais por meio do futebol. E essa característica peculiar de enfrentamentos entre várias equipes/bairros numa mesma cidade está diretamente ligada ao formato quadricular que faz parte da identidade histórica de Buenos Aires. Por sua arquitetura funcionalista e indiferenciada, o futebol portenho funcionou como um importante mecanismo de diferenciação entre os grupos no espaço público. E, como tentar-se-á mostrar na próxima seção, os estádios funcionariam como uma extensão do lar, potencializando esse processo tão nítido nos dias atuais.

3.2. OS ESTÁDIOS PORTENHOS COMO MATERIALIZAÇÃO DAS RIVALIDADES

O campo enquanto local evoca memórias e estimula expectativas [...]. Consequentemente, considera-se que os campos de futebol possuem seu próprio caráter sócio geográfico, representativo da comunidade dos torcedores (GIULIANOTTI, 2010, p. 97).

Hoje, em pleno século XXI, pode-se afirmar que nenhuma outra cidade latino-americana possua tantos estádios de futebol quanto Buenos Aires. Por todos os cantos da capital argentina há um estádio, de portes variados, que abrigam os jogos dos seus clubes. Essa difusão de estádios é tão latente que fez o geógrafo Christopher Thomas Gaffney (2008) apelidar a cidade de “*estadiolandia*”. E esta particularidade do futebol portenho, cabe ressaltar, foi sedimentada ainda na primeira metade do século XX.

Como fora mencionado na seção anterior, os estádios de futebol foram um dos equipamentos surgidos na esteira do processo de modernização de Buenos Aires e da popularização do futebol. Para confirmar a popularidade que o futebol conquistava, o número de sócios dos principais clubes da cidade dispararia após a profissionalização do esporte no país, em 1931²⁵. Desse modo,

²⁵ Boca Juniors, River Plate e San Lorenzo, neste período, ao lado de Racing e Independiente – clubes da região de Avellaneda, grande Buenos Aires, e que completam o grupo até hoje denominado como os “cinco grandes do futebol argentino” - computavam a marca de mais de

estes novos equipamentos serviriam para abrigar as novas demandas de utilização do espaço social numa cidade que crescia aceleradamente e de torcedores que cada vez mais se apaixonavam pelo jogo (ARCHETTI, 2003; GAFFNEY 2008).

Em cada quadrante da cidade, portanto, os clubes que sobreviveram à impiedosa procura por terrenos no início do século – ficando-se num bairro que a partir de então seria seu novo perímetro de atuação e atraindo cada vez mais os torcedores locais – poderiam sonhar com a edificação de um estádio de futebol. É assim que Atlanta (1922), San Lorenzo (1916 e depois em 1928), Chacarita Juniors (1932), River Plate (1938), Argentinos Juniors, Nueva Chicago e Boca Juniors (1940), Vélez Sarsfield (1943) e Huracán (1949) construíram seus estádios até 1950²⁶. Essa proliferação de estádios também resulta das exigências da Associação do Futebol Argentino (AFA) em aceitar em seus quadros oficiais apenas aqueles clubes que possuíssem seus próprios estádios (REIN, 2012).

O caso dos maiores rivais e maiores torcidas da cidade, River Plate e Boca Juniors, mostra com clareza as situações controversas pelas quais os clubes passaram para encontrar um espaço aonde pudessem construir seus estádios²⁷. Como já fora mostrado, o caso do River Plate é mais dramático do que o do Boca Juniors, visto que, depois de ser fundado em 1901, só conseguiu se estabelecer definitivamente em meados dos anos 1930, após a aquisição de um terreno no extremo oposto do seu local de fundação (*La Boca*). Seu estádio foi inaugurado, embora de maneira incompleta, em 1938, e é ainda hoje maior estádio do país: *Monumental de Nuñez*. Dois anos depois, em 1940, num dos raros casos em que um clube conseguiria construir seu estádio no mesmo local de fundação; o Boca Juniors, também fundado em La Boca, em 1905, ergueria o mais famoso estádio da cidade: *La Bombonera*.

cem mil sócios: River, em 1935, possuía quase 30.000 sócios, Boca contava com 22.450 sócios e San Lorenzo com cerca de 20.000 (ARCHETTI, 2003; REIN, 2012).

²⁶ Poucos exemplos podem ser citados no período pós-1950, como é o caso do clube All Boys, que inaugurou seu estádio – Islas Malvinas – no começo dos anos 1960.

²⁷ A única pesquisa com números que se referem exclusivamente à cidade de Buenos Aires foi encontrada no jornal Clarín, que aponta que mais de 56% dos torcedores da capital portenha torcem por River Plate ou Boca Juniors.

O surgimento destes estádios era fundamental para a absorção de um público que cada vez mais interessado pelo futebol. Em seu trabalho sobre a edificação do estádio do River Plate, Claudia Piantá Cabral (2010) apontou que, se pouco antes e mesmo no ano de 1920, o público nos estádios alcançava no máximo 5.000 pessoas, em 1931, ano da implantação do regime de profissionalismo do futebol, *“uma partida entre River e Boca chegaria a reunir 50.000 espectadores, portanto dez vezes mais que em 1920”* (CABRAL, 2010, p. 7). É nesse cenário de crescimento demográfico vertiginoso, expansão arquitetônica da cidade, transformação social de uma classe trabalhadora que poderia assistir aos jogos nos dias de folga e, como consequência, a popularização do futebol, que os estádios foram concebidos como importantes meios de participação no espaço público e, sobretudo, como materialização do movimento de diferenciação entre os bairros.

Após o estabelecimento dos estádios por toda a cidade, é possível afirmar que, ao longo das décadas seguintes, sua função ultrapassaria a de um mero receptor de jogos de futebol. Isto é, os estádios não seriam apenas reconhecidos pela sua funcionalidade de abrigar partidas e proporcionar entretenimento ao público. Numa cidade em que a busca por diferenciação entre os bairros era a tônica, não surpreenderia que os estádios operassem como mais um espaço impulsionador desse processo, funcionando comonexo entre torcedores locais e clubes.

Ademais, um importante ponto merece destaque. Buenos Aires concentra a maior parte de todos os elementos que compõem a vida de uma sociedade: cultural, econômico, político, demográfico (explicar melhor). E no futebol isso não seria diferente, visto que, ainda hoje, boa parte dos clubes que participam da primeira divisão do campeonato nacional está na capital. Portanto, sempre foi muito comum haver num mesmo campeonato, diversos enfrentamentos entre bairros vizinhos. É dessa forma que os estádios tornaram-se, ao longo dos anos, uma espécie de casa para seus torcedores locais – espaço topofílico, de segurança para aqueles que dominam os códigos do lugar – e um espaço inimigo para os torcedores rivais – espaço topofóbico, com a intenção de

instaurar o medo e a insegurança sobre aqueles que não dominam os códigos do lugar. É, portanto, essa constante e antiga lógica dialética do “mandante” *versus* “visitante” que, ao longo dos anos, vem se permeando no imaginário coletivo portenho.

Desta maneira, operando como espaços que criam laços sociais entre aqueles que compartilham um gosto em comum, permitindo o domínio de determinados códigos que outros torcedores não têm acesso, os estádios funcionam como lugares privilegiados de construção identitária numa relação de pertencimento e alteridade, uma relação que “só se produz em referência aos outros, em referência aos critérios de aceitabilidade, de admissibilidade, de credibilidade, e que se faz por meio de negociação direta com os outros” (POLLAK, 1989, p. 204). Essa argumentação pode ser transposta para o futebol e os estádios, pois, afinal de contas, a identidade do torcedor se refere não só a afirmação de uma auto-imagem, mas também em referência à imagem do Outro, da alteridade.

Nesse ponto, Archetti (2003), inspirado pelas ideias do antropólogo americano George Mosse acerca da construção de uma imagem moderna da masculinidade – do qual o futebol é um dos elementos potencializadores ao definir a natureza moral e o estado físico dos homens modernos num mundo em conflitos bélico e formação de nacionalismos – mostrou como a moldagem na construção de uma identidade estável dos homens necessita obrigatoriamente do seu avesso, a contraparte que seria a alteridade, “*el outro pertinente*”²⁸. Seguindo esse raciocínio, pode-se apontar que se eu torço por determinado clube, me identifico com suas cores, sua história, seus ídolos, é porque

²⁸ Archetti (2005) procurou demonstrar como, ainda nos anos 1910, após a ascensão do time Racing Club, formado por jogadores não-britânicos, houve uma “fundação *criolla*” do futebol portenho. A partir deste momento, passou-se a formulação de um estilo de jogo exclusivamente argentino, tendo como contraparte o papel preponderante do Outro, no caso o britânico. Por meio de figuras como o jornalista da revista *El Gráfico* Borocotó, procurou-se criar no imaginário um binarismo entre o estilo nacional – reconhecido pela habilidade e dribles dos jogadores portenhos, seu toque de bola preciso e curto – o estilo britânico – mecanizado, de marcação, sem criatividade, refletindo sua sociedade industrial. No entanto, Archetti deixa claro que esse processo não era somente uma construção via imprensa argentina, mas também tem seu reverso na imprensa britânica, que exalta a disciplina tática e o espírito coletivo de seus jogadores em relação aos movimentos desleixados e individualidade dos argentinos.

diametralmente não torço pelos meus rivais. Se meu time tem vínculo com este bairro, sei que os meus rivais também têm relações com outros bairros. Assim, nesse jogo dialético, “*se crea y recrea através del tiempo una compleja interacción de mascarar e espejos*”²⁹ (ARCHETTI, 2001, p. 42).

Nesse ponto, a partir da perspectiva construtivista de Michael Pollak (1989), isto é, aquela que não trata mais de lidar com os fatos sociais como coisas, é que tentar-se-á compreender de maneira mais teórica o papel do estádio como espaço construtor de identidade e memórias para seus torcedores, individual e coletivamente. O autor entende que as categorias identidade e memória não podem ser vistas como meras essências que nos são dadas de maneira natural, sem atritos, mas sim fenômenos que se atualizam por meio de um permanente trabalho que coloca em jogo conflito e harmonia. Dessa forma, os estádios podem ser compreendidos como aqueles espaços onde memória coletiva e identidades sociais passam por um permanente trabalho de atualização e disputa, onde diversas gerações de torcedores se encontram numa relação que funde, num mesmo ponto de referência, passado e futuro nos eventos experienciados naquele momento.

Os estádios, portanto, conseguem reunir, ao mesmo tempo e num único ponto, os três elementos – acontecimentos, personagens e lugares – que Pollak define como constituintes da memória e da identidade, tanto individuais quanto coletivas. Os acontecimentos, assim, seriam aqueles eventos que marcam a vida do indivíduo e da coletividade (por exemplo, um gol decisivo, um cântico marcante, a primeira vez num estádio); os personagens são aqueles atores que ajudam a construir o espetáculo, cada qual seu papel estabelecido (jogadores, árbitros, torcedores, etc); e os lugares são aqueles pontos de referência que se associam ao estádio e que de alguma forma marcam os torcedores (arquibancada, ou uma parte preferida dela, a geral, uma cadeira específica com numeração específica). Dessa forma, a reunião de todos estes elementos cria uma trama que amplifica a importância dos estádios de futebol na vida dos

²⁹ Tradução livre: “se cria e recree através do tempo uma complexa interação de máscaras e espelhos”.

bairros e dos torcedores locais, pois são espaços que operam como nexos desses laços afetivos com os clubes, ao mesmo tempo em que servem como fortalezas que intimidam os adversários. Utilizando uma expressão popular que se encaixa muito bem no cenário do futebol portenho, “o estádio é a casa do seu torcedor”.

Este investimento simbólico, com vistas a uma lógica de apropriação territorial em que os torcedores procuram reforçar suas bases identitárias e de pertencimento local, pode ser melhor compreendido à luz da categoria analítica cunhada pelo antropólogo brasileiro José Magnani (1996; 2012) como *pedaço*. Magnani entende que esta categoria se enquadra como aqueles pontos de referência demarcados e delimitados pelos grupos sociais com a clara intenção de distinção em relação a outros grupos, reafirmando o pertencimento a uma rede de relacionamentos em um espaço social. Por meio de um estudo sobre o circo-teatro nos bairros periféricos, o autor afirma que essa categoria pode se alargar para outros equipamentos e pode cumprir essa função de espaço onde os vínculos identitários são criados. Desse modo,

pertencer a essa rede implica o cumprimento de determinadas regras de lealdade que funcionam também como proteção, inclusive quando as pessoas aventuram-se para o desfrute do lazer “fora do pedaço”, como acontece em disputas de futebol em outros bairros, excursões, idas a salões de baile ou a outros equipamentos de lazer situados em pontos afastados do bairro (MAGNANI, 1996, p. 13).

Esse trecho é precioso por compreender como os laços de sociabilidade são construídos por aqueles grupos sociais que dominam os mesmos códigos num determinado espaço e que, por esse motivo, sentem-se seus proprietários exclusivos, criando uma distinção entre os que pertencem e não pertencem àquelas redes de sociabilidades vivenciadas no estádio e seu entorno. Essa categoria, de acordo com o autor, serviria como ponto nodal entre a casa (espaço da família) e a rua (espaço dos estranhos), termos damattianos que serão mais bem explorados na seção referente aos grafites e sua possível resignificação e inversão no espaço público. No que se refere ao proposto por

Magnani, o *pedaço*, assim, seria o espaço dos *chegados* (MAGNANI, 2012, p.89).

É importante ressaltar que Magnani procura não reificar esse termo remetendo-o a uma noção tradicional e fechada de comunidade (nos moldes de Toennies³⁰), onde todos se conhecem intimamente, mas aplica-o de maneira a entender como essas pessoas “se reconhecem enquanto portadores dos mesmos símbolos que remetem a gostos, orientações, valores, hábitos de consumo, modos de vida semelhante” (MAGNANI, 1996, p. 18). Portanto, e isso vale de maneira concreta para este estudo, os torcedores locais em Buenos Aires não necessariamente possuem uma relação primária, de conhecimento íntimo face a face, mas, por compartilharem a mesma paixão pelo clube sobre um determinado espaço, dividem um sentimento de pertencimento em comum. Dessa forma, os estádios e os equipamentos em seu entorno, tais como bares, lanchonetes, padarias, uma esquina próxima podem funcionar como esses espaços onde grupos estabelecem suas redes de relacionamentos e pertencimento ao clube e ao bairro³¹.

Por outro lado, Magnani afirma que aqueles que não fazem parte daquele pedaço, ou seja, os torcedores rivais que vem de outros espaços simbolizados, sentem-se desconfortáveis fora de seu próprio espaço por não serem “chegados” e não compartilham gostos comuns, embora suas atividades, em geral, sejam semelhantes. Mas, no caso do futebol, torcer por outro clube significa estar do

³⁰ Em 1887, Ferdinand Toennies publicou a obra intitulada *Comunidade e Sociedade*. Nesta obra, o autor acredita existirem dois mundos: o da comunidade, em que, por meio de relações de simpatia, as pessoas vivem enraizadas solidamente à terra, com suas tradições pré-industriais bem definidas; o outro mundo, que para Toennies estaria suprimindo o tipo de sociedade tradicional agrária, é a sociedade, que nada mais seria do que um mundo pautado por interesses econômicos e que, por isso, as relações se dariam exclusivamente por relações arbitrárias. As constantes mudanças deste mundo colocariam em risco a estabilidade da comunidade tradicional.

³¹ O trabalho de María Verónica Moreira (2005) sobre a relação de amizades entre as torcidas dos clubes Independiente, de Avellaneda, e Newell's Old Boys, de Rosário, é esclarecedor da importância dos ritos sociais envolvendo entre as torcidas por meio do churrasco. A autora aponta que esses eventos produzidos em dias de jogo e próximo dos estádios reforçam os laços de amizades entre os participantes, alianças grupais contra outras torcidas e a improvável socialização entre as torcidas rivais, mas ao mesmo tempo estabelece-se o direito de posse do anfitrião sobre aquele reduto (ou, nos termos aqui empregados, “pedaço”) em que é oferecido o churrasco.

outro lado do muro. Portanto, caracteriza-se, em campo e fora dele, o mosaico de fidelidades territoriais e sua simbolização que tanto alimentam as rivalidades entre os mandantes e visitantes, tendo o estádio como equipamento central.

Um bom exemplo dessa centralidade física e simbólica dos estádios na vida do bairro e dos torcedores locais pode ser apresentado pelo caso do clube Atlanta, do bairro Villa Crespo, na região central da cidade. O estudo de Raanan Rein (2012) demonstra a importância do clube Atlanta e seu estádio para o bairro e para a comunidade judia que ali se concentrou ao longo das décadas. Por meio de atividades sociais ligadas ao clube, sobretudo o futebol, a comunidade judaica pode encontrar um espaço social onde poderiam confraternizar e atualizar suas identidades comunitárias e étnicas. Segundo o autor,

una clara expresión de la centralidad de Atlanta em la vida de Villa Crespo y de la identidad colectiva de sus residentes pudo verse em marzo de 2009, con la grande fiesta por la reapertura del estadio que lleva el nombre del legendario presidente de Atlanta, León Kolbowski, luego de tres años de clausura³² (REIN, 2012, p. 13).

Aliás, vale ressaltar que os clubes, embora tenha no futebol sua principal atividade, possuem uma gama de atividades esportivas e sociais que ampliam o estreitamento vinculativo com o bairro e a população local, mais ainda numa cidade em que prevalece a heterogeneidade étnica, em que cada grupo procura reestabelecer antigos laços sociais nos novos espaços.

Dessa maneira, os bailes dançantes, sobretudo os tangos com suas orquestras que ganhavam força nos anos 1940, os campeonatos esportivos amadores, os bailes familiares e as festas comemorativas de aniversário dos clubes são mecanismos simbólicos importantes de reforço desses laços sociais e afetivos. Alguns desses eventos acontecem no próprio estádio, ou então na sede social do clube, que na grande maioria dos casos encontra-se próxima ao

³² Tradução livre: “uma clara expressão da centralidade do Atlanta na vida de Villa Crespo e da identidade coletiva de seus residentes pode ser vista em março de 2009, com a grande festa pela reabertura do estádio que carrega o nome do lendário presidente do Atlanta, León Kolbowski, depois de três anos fechado”.

estádio, geralmente no mesmo bairro.

No entanto, o caso mais marcante do futebol portenho remete-se exatamente ao supracitado Atlanta, numa operação que eleva a patamares extremos o significado do estádio como fator de ligação com o território e da construção de identidades locais.

Até os anos 1940, o clube dividia o bairro com seu rival Chacarita Juniors. Ambos os estádios ficavam muito próximos um do outro, despertando e dividindo as disputas entre os torcedores locais (os bairros vizinhos Villa Crespo e Chacarita concentravam os torcedores dos dois clubes). No entanto, por ser um terreno alugado e estar com pendências burocráticas e financeiras, o Chacarita viu-se numa situação difícil para manter seu estádio naquele local. Foi quando o Atlanta que, de acordo com Rannan Rein, estava incomodado com a situação de dois clubes dividirem o mesmo bairro, aproveitou a situação para fazer uma proposta ao proprietário daquele terreno e, assim, desalojar e obrigar que o rival de bairro se mudasse para uma zona distante – o Chacarita saiu da capital e foi para a região de San Martín, na Grande Buenos Aires.

Já nos anos 1950, após a mudança do rival, o Atlanta derrubou toda a construção que ali havia e que remetesse ao rival e construiu seu novo estádio, desencadeando, a partir desse evento, uma rivalidade pautada pela tensão e violência entre as duas torcidas. Embora o clube funebrero (como é conhecido o Chacarita por se localizar próximo a um cemitério) tenha mantido sua sede social no bairro, a perda do estádio liga-se diretamente ao pensamento de que houve uma “expulsão” do clube de seu bairro histórico, reforçando a importância do estádio como nexos que estreita os laços vinculativos do clube com seu bairro e sua gente.

Dito isto, é possível entender como esses eventos que envolvem os estádios na história do futebol portenho ajudam a compreender a relevância destes equipamentos na concretização da tríade torcida-território-clubes. Pela sua rotineira funcionalidade nos espaços públicos, os estádios portenhos atualizam cotidianamente estas relações de reforço da identidade e alteridade, tendo o “Outro” como um elemento constitutivo nesse processo. Além disso,

todos os simbolismos que operam no interior de um estádio funcionam como a perfeita metáfora da construção de identidades e diferenças – a separação das torcidas nas arquibancadas, a permanente defesa do seu território contra o ataque rival, os uniformes que seguem padrões de diferenciação em todos os seus itens (camisa, short e meias). Nesse constante jogo dialético, desse modo, a materialidade dos estádios se reveste de uma aura simbólica que, atravessando o tempo, determina sua posição privilegiada na vida dos torcedores portenhos.

Os estádios de futebol, como se tentou demonstrar até aqui, são lugares que criam laços sociais, produzem experiências, despertam memórias e constroem identidades e reafirmam diferenças. Em Buenos Aires, onde cada clube tradicionalmente possui seu estádio, esta relação se acentua de maneira peculiar: os clubes representam seus bairros.

Destarte, ressaltada a importância cultural dos estádios para o cenário do futebol na cidade de Buenos Aires, operando como um ponto nodal na relação torcida local, bairro e clube, cabem as indagações: como seria perder um estádio – ou seja, a própria casa? Quais as consequências desse evento numa cidade onde todos jogam em seus próprios estádios? Esse é o caso do Club Atlético San Lorenzo de Almagro, instituição centenária (fundado em 1908) originária do bairro Boedo, que, durante a ditadura militar, foi obrigado a ceder o terreno onde se localizava seu estádio, tornando-se por alguns anos um clube nômade, mas que renasceria pela força de sua torcida local.

3.3. SAN LORENZO E BOEDO: A FORÇA DO LUGAR COMO LAÇO SOCIAL

No dia 02 de dezembro de 1979, numa partida contra o rival da cidade Boca Juniors, os torcedores do clube San Lorenzo, fundado em 1908 por um sacerdote de nome Lorenzo Massa – presenciavam a última partida de seu time no estádio *Gasómetro*. O resultado final, refletindo a melancolia dos seus torcedores nesta fatídica data, foi o de um desanimado 0x0. Contudo, talvez este tenha sido o placar mais justo para este evento, pois seria um paradoxo cruel

comemorar um gol numa partida que encerrava décadas de relações afetivas e simbólicas entre estádio, bairro e seus torcedores. Diante do luto, não havia espaço para a celebração do gol.

Inaugurado em 1916, ainda que de forma incompleta, o estádio *Gasómetro* teve suas obras concluídas em 1928, com uma capacidade para até 75.000 torcedores. Foi, até a construção do *Monumental de Nuñez*, em 1938, estádio do rival River Plate, a casa da seleção argentina, abrigando até mesmo a Copa América de 1929, além de momentos inesquecíveis do clube com os títulos de 1946 e de 1968.

No entanto, nos anos 1970, com o país sob os cuidados de uma sanguinária ditadura militar, que duraria entre 1976 e 1983, o governo intencionou expropriar o terreno localizado na Av. Plata 1700, local do estádio, com o argumento de que ali seriam construídas novas vias e casas populares, o que de fato não se concretizou. Ao invés das casas e vias, o terreno que albergava o estádio foi cedido ao hipermercado *Carrefour*, que, após ter o terreno desocupado em 1982, terminou a construção do estabelecimento em 1985. O que chama atenção é que, por uma cruel ironia do destino, as cores do hipermercado são semelhantes às do clube: azul e vermelha (no caso do San Lorenzo, o vermelho é mais encarnado, escuro, próximo de uma tonalidade grená).

Ocorresse tal fato em outra cidade, talvez o impacto desta perda não fosse tão grande. Mas, como se tem discutido acerca da importância dos estádios no cenário portenho, em que as rivalidades entre os clubes são pautadas pelo aspecto localista, a ausência de um estádio como centro de referência torna-se problemática; perder um estádio significa enfraquecer-se material (pela perda do estádio em si) e simbolicamente (por uma espécie de ruptura dos laços locais) diante dos adversários, é como perder seu referencial e ancoragem identitários.

No livro de depoimentos dos torcedores do clube – *San Lorenzo Querido: 100 años de passion* –, muitos relatos colocam em primeiro plano o significado da perda do *Gasómetro*. Um dos depoentes é Fernando Niembro, jornalista da

Fox Sports. Torcedor declarado do clube de Boedo, Niembro recorre às suas memórias afetivas da sua juventude para relatar que

*tenia muchos amigos en el barrio (Boedo), el dolor que significó la desaparición del estadio. Para colmo le pusieron ese supermercado que, por supuesto, es respetable como unidad económica, pero para el sentimiento de la gente era un cachetazo*³³ (2007, p.165).

Para Carlos Poggi, diretor da revista *El Grafico*, maior revista de esporte do país (sobretudo futebol), “*custa todavía ver a San Lorenzo lejos de la Avenida La Plata*” (2007, p. 184).

A dor da perda dos torcedores do San Lorenzo, por outro lado, é explorada pelos rivais como forma de importunar os torcedores do clube de Boedo e, assim, fomentar a rivalidade por meio da perda do estádio vinculado ao bairro histórico e ao imaginário do torcedor, característica quase sempre comum aos clubes portenhos.

Os torcedores do clube Huracán, grande rival do San Lorenzo e vizinho territorial do bairro fronteiriço Parque de los Patricios, ressaltam a importância simbólica que o estádio tem para a vida dos clubes e de seus torcedores, funcionando comonexo entre ambos, ao exibir nas cercanias do seu estádio, chamado Tomás A. Ducó, um mural que destina-se exclusivamente a lembrar o drama do rival: “1908-2008, sempre no mesmo bairro”. Essa é a mensagem direcionada à torcida do San Lorenzo, que perdeu seu estádio ancorado outrora no bairro Boedo. O Huracán, ao contrário, nunca precisou trocar de estádio, desde sua inauguração, em 1949.

³³ Tradução livre: “tinha muitos amigos no bairro (Boedo), a dor que significou o desaparecimento do estádio. Para piorar colocaram esse supermercado que, é caro, é respeitável como unidade econômica, mas para o sentimento das pessoas era um golpe”.



Fig.1: *Provocação ao rival:* grafite em Parque Patricios ressaltando a localização do estádio do clube Huracán, rival histórico do San Lorenzo, sempre no mesmo bairro, numa clara alusão à mudança geográfica sofrida pela clube de Boedo

Após a perda do estádio, o San Lorenzo voltou àquela condição nômade da etapa inicial do futebol na cidade. Clube e torcedores vagaram por estádios vizinhos na cidade, como os estádios do Vélez Sarsfield, Boca Juniors, até se fixar, por empréstimo, no estádio do Ferro Carril Oeste, no bairro próximo de Caballito, onde ficou até 1993, ano da inauguração do seu novo estádio, *El Nuevo Gasómetro*. Apesar da edificação do novo estádio, os torcedores não se sentiam completos. O peso da separação com o bairro histórico – ainda mais numa cidade onde cada clube representa seu bairro – era um fardo que os torcedores passariam a carregar. De fato, havia um novo estádio – e isso era importante para o aspecto esportivo do clube –, mas o novo estádio não mais se localizava em *Boedo*, e sim em *Bajo Flores*, bairro próximo, porém sem carregar as conotações simbólicas e afetivas que haviam sido construídas pelas práticas sociais e esportivas no antigo estádio.

Silvio Aragón (2011), em seu trabalho sobre a manutenção da identidade sanlorencista em relação aos outros clubes da cidade por meio deste acontecimento negativo na sua história, ressalta a importância da relação vicinal e o fato de possuir um estádio em comunhão com o bairro, ao afirmar que

la distancia física puede parecer escasa, pero la distancia con la

historia de San Lorenzo es inmensa. Es un barrio extraño – Bajo Flores-, sin las características identitarias de Boedo, de hecho luego de los campeonatos ganados en este nuevo estadio, las columnas de fieles se trasladan a Boedo para festejar “en casa”. Es extraño ver a miles de personas descargar toda su alegría frente a las puertas de un Supermercado, en donde estaba el antiguo estadio, y siempre finalizan los festejos con la promesa: “¡Oh... vamos a volver... a volver... a volver... vamos a volver!”³⁴ (ARAGÓN, 2005, p 18.)

Como se percebe, é um traço tão forte para os torcedores do clube de Boedo que, a cada conquista pós-perda do *Viejo Gasómetro*, os torcedores não comemoravam no novo estádio ou nas ruas do bairro em que este se localizava. Todas as manifestações ligadas ao clube direcionam-se ao terreno que agora abriga o hipermercado francês, inclusive a de seus rivais mais próximos, mas desta vez como forma de deboche. Os torcedores do Huracán, ao lado dos jogadores, também já fizeram uma manifestação no local. No entanto, a motivação era apenas provocativa. Após conquistar o título da segunda divisão do Campeonato Argentino de 1990, garantindo o retorno à elite no ano seguinte, os torcedores do Huracán, liderados pelo jogador “Turquito” Mohamed, deram uma volta olímpica completa no estabelecimento da Av. La Plata. (VICENTE, 1994).

Desse modo, é possível compreender que, ao mesmo tempo em que o clube se desterritorializava fisicamente com a perda do estádio, seus torcedores procuravam estabelecer, concomitantemente, um processo de reterritorialização em Boedo, se ainda não física pela reconstrução do estádio, ao menos simbólica – como atestam os cânticos que remetem ao bairro, as comemorações e manifestações no antigo estádio onde se encontra o mercado e, de acordo com nosso foco, os grafites que se espalham pelo bairro de origem do clube como uma forma de reestabelecer esse laço afetivo que sofreu um golpe nos 1980.

³⁴ Tradução livre: “A distância física pode parecer escassa, mas a distância com a história do San Lorenzo é imensa. É um bairro estranho – *Bajo Flores* –, sem as características identitárias de Boedo. De fato, após cada campeonato conquistado no novo estádio, os torcedores se deslocam a Boedo para festejar “em casa”. É estranho ver milhares de pessoas descarregando toda sua alegria em frente às portas de um supermercado onde se localizava o antigo estádio, e sempre encerrando as comemorações com a promessa: “oh, vamos voltar... voltar... voltar... vamos voltar!”



Fig.2: San Lorenzo e o bairro histórico: com as cores do clube, vermelho e azul, os dizeres “isto é Boedo”, numa clara tentativa de vinculação entre clube San Lorenzo e bairro de sua origem

Portanto, como o estádio novo não estava mais materialmente no lugar em que seus torcedores estavam acostumados a atualizar suas identidades clubísticas e territoriais, ganharam espaço ações simbólicas dos grupos, tais como os grafites. Nesse sentido, é permitido apontar que o território é, como argumenta Rogério Haesbaert, *“muito mais do que uma coisa ou objeto, o território é um ato, uma ação, uma relação, um movimento que se repete e sobre o qual se exerce controle”*. (HAESBAERT, 2010, p. 127). E essas ações simbólicas chegariam ao ápice em 2012.

No fim da tarde do dia oito de março de 2012, uma manifestação organizada por torcedores do San Lorenzo levou aproximadamente cem mil *cuervos* (símbolo do clube e apelido dado aos torcedores do time) às ruas de Buenos Aires, de acordo com números da polícia portenha e dos organizadores do evento³⁵. Uma grande marcha saiu de Boedo e outros pontos da cidade até o centro portenho, região onde se encontram a Legislatura de Buenos Aires e a Praça de Maio – Meca das manifestações da cidade. Essa multidão infinita que ocupou Buenos Aires chamou a atenção de torcedores e não torcedores do clube. Além disso, seguindo uma tradição portenha, grafites exortativos, que funcionam como um tipo de panfletagem, conclamavam pelo retorno do clube ao bairro histórico.

Palavras de ordem como “volta ou morte”, *“Carrefour = cúmplice da ditadura”* e *“me verás volver”* ocuparam as paredes da legislatura portenha, no

³⁵ Olé. Sexta, 09 de março de 2012. *Lo salva la gente*. Site: http://www.ole.com.ar/san-lorenzo/Hace-fuerza_0_659934341.html

centro da cidade, dos muros do bairro Boedo e, em especial, dos muros do hipermercado, local do antigo estádio, na Avenida La Plata, 1700. Mesmo sem a presença física do *Viejo Gasómetro* e a construção do *Nuevo Gasómetro* em 1993, no bairro próximo de Flores, seus torcedores não se esquecem da importância simbólica do estádio para o bairro e para a formação de gerações de torcedores. A simbolização desse espaço é uma maneira de atualizar sua relevância e, ao mesmo tempo, reivindicar o retorno.



Fig.3: *Palavras de ordem:* Na mureta que cerca o supermercado em que se encontrava o *Viejo Gasómetro*, as palavras de ordem “volta ou morte”.



Fig.4: *Voltaremos:* essa é a mensagem, no canto direito da pintura, em ligação com a luta dos torcedores (sanlorencistas e argentinos, dando a dimensão de questão nacional para esta luta) pelo retorno a Boedo. No centro, um retângulo vermelho encimado por dois corvos, mascotes do clube, diz: “se se trata de luta, aí estaremos!!!”.

Esta manifestação ganhou força após um projeto de lei, que até então havia sido rechaçado pelos legisladores, ter sido entregue com milhares de assinaturas e finalmente aceito pela Legislatura Portenha. Como uma forma de reparação histórica diante da perda do terreno e de uma fratura nas relações de memória e espaço entre torcedores, bairro e clube, procurou-se recorrer de todas as formas para que os legisladores aprovassem o projeto de lei. Uma das

passagens do projeto ressalta a importância do clube na vida social do bairro ao longo dos tempos:

No sólo por su ubicación geográfica ni por la grandeza futbolística es que el Ciclón se forjó en el barrio de Boedo, sino también por su preponderancia social y los millares de asociados, San Lorenzo, el Gasómetro y Av. La Plata se convirtieron en un hito singular de Buenos Aires.³⁶ (PROJETO DE LEY, p.7)

Essa passagem define bem como ao longo das décadas as práticas sociais se sedimentam na memória coletiva dos torcedores, definindo um sentimento de pertencimento pelo lugar e um laço identitário ligado ao clube e ao bairro. Portanto, mudar de endereço, por mais próximo que esteja o estádio atual, é como mudar de vida, ritos, práticas e laços sociais.

Além disso, a luta desses torcedores pela volta ao bairro enquadra-se naquilo que Gilberto Velho tão bem denominou como *projeto*, ou seja, procura-se estabelecer uma coerência de episódios e fatos passados, assim garantindo uma continuidade nas relações entre o clube e o bairro no presente e no futuro. O projeto, dessa forma, “existe, fundamentalmente, como meio de comunicação, como maneira de expressar, articular interesses, objetivos, sentimentos, aspirações para o mundo” (VELHO, 1988, p. 103). Desse modo, a memória dos acontecimentos de outrora e as ações e motivações presentes que visam um futuro promissor se entrelaçam e reforçam o significado identitário desses torcedores. Sem esse projeto, as memórias continuam fragmentadas, sem consistência. E se não há consistência no projeto, as ações reivindicativas ficam fragilizadas.

No entanto, a grande comoção em torno desta questão, chancelada por um projeto de lei elucidativo e a movimentação histórica dos torcedores, ressonou de forma impactante. No dia 22 de novembro de 2012, uma nova manifestação aconteceria, desta vez com uma expectativa de mais manifestantes na passeata. Contudo, receosos de que a cidade passasse por

³⁶ Tradução livre: “Não apenas pela sua localização geográfica nem pela grandeza futebolística é que o Ciclón se compôs no bairro de Boedo, mas sim também por sua preponderância social e os milhares de associados, San Lorenzo, o Gasómetro e Av. La Plata se converteram em um rito singular de Buenos Aires”

transtornos intensos, os legisladores portenhos decidiram adiantar a votação. Por unanimidade, – 49 votos a 0, e uma abstenção – decidiu-se pelo retorno a Boedo. A partir de agora, o clube, que já tem uma campanha junto aos torcedores para a compra de metros quadrados do terreno do *Viejo Gasómetro* e atual *Carrefour*³⁷, tem um prazo de tempo ainda a ser estimado para negociar valores e a compra do espaço localizado na Av. La Plata, na altura do número 1700. Caso não haja consenso na negociação, a lei 4.384, aprovada no dia 15 de novembro de 2012, indica a expropriação do hipermercado francês do terreno³⁸.

Outro ponto de destaque nesse processo foi o papel determinante da internet³⁹. Ainda visto com muita desconfiança por alguns pensadores, que creditam a ela um papel desarticulador e individualista, nesse caso foi a antítese das afirmações pessimistas. A ferramenta virtual foi uma unificadora de corpos protestantes, de uma ação política fervorosa. Por isso, como argumenta Michel Maffesoli,

graças à internet, instala-se uma nova ordem da comunicação. Que favorece os encontros, o fenômeno dos flashmobs são testemunhas disso; em que, em relação a coisas fúteis, sérias ou políticas, mobilizações formam-se e se desfazem no espaço urbano e virtual. (MAFFESOLI, 2010, p.40).

Por seu papel conjuntivo de uma coletividade local, o *Viejo Gasómetro* traz no seu bojo o aspecto sagrado que está ligado aos ritos litúrgicos (nada mais comum para um clube fundado por um sacerdote). Dessa maneira, mesmo sem sua presença física, o estádio reveste-se, para seus torcedores, daquilo que Walter Benjamin chamou de aura, tornando-se assim “*aquela figura*

³⁷ De acordo com números da organização dos torcedores, dos 35.667 metros que cobrem todo o terreno, restam poucos metros a serem adquiridos pelos torcedores, chamados nesse processo de retorno de “sócios refundadores da Av. La Plata”.

³⁸ No dia 04 de abril de 2014, San Lorenzo e Carrefour enfim assinaram no Hotel Intercontinental um acordo definitivo de cessão do terreno de Boedo para o clube. De acordo com a matéria do Clarín, está previsto para 2015 a reconstrução de um estádio no terreno da Avenida La Plata, 1700. C.f. Clarín. San Lorenzo está cada vez más cerca de Boedo. 04 abr. 2014. <<http://www.clarin.com/deportes/San_Lorenzo-Vuelta_a_Boedo_0_1114088880.html>>

³⁹ Sites ligados aos torcedores do clube como Restituición Histórica: La vuelta a Boedo e Mundo Azulgrana foram de suma importância para aglutinar os torcedores em torno da questão envolvendo o clube e a volta para Boedo, considerado por eles sua *Terra Santa*.

singular, composta de elementos espaciais e temporais” que atravessa as gerações (BENJAMIN, 1994, p.170). Esses elementos especiais seriam tudo aquilo que envolve os rituais de uma partida: os encontros, as redes de relacionamento, o reforço de pertencimento ao bairro, etc. Foi nesse espaço de sociabilidade, portanto, que se cruzaram e se entrelaçaram os momentos que estão marcados profundamente na memória coletiva dos torcedores sanlorencistas. Desse modo, o Viejo Gasómetro não é apenas visível pela sua concretude material, mas pela força do imaginário e dos rituais de seus torcedores intra e extramuros. E é no bairro Boedo, mais precisamente na Av. La Plata 1700, onde estas manifestações ganham corpo e se atualizam.

3.4. GRAFITES COMO MANIFESTAÇÃO EXTRAMUROS DE IDENTIDADES LOCAIS

Conforme visto até este ponto do trabalho, a história do futebol em Buenos Aires está marcada pelas rivalidades clubísticas baseadas em aspectos territoriais que procuram estabelecer o espaço próprio e o espaço alheio.

Tentou-se mostrar como os estádios de futebol funcionaram e ainda funcionam como importantes equipamentos de concretização dessas diferenciações entre os clubes e os bairros da capital portenha, sendo vistos pelos torcedores como a própria casa, além de possibilitarem a manutenção de laços sociais e da influência sobre o território em que estão inseridos os grupos de torcedores. Os estádios, deste modo, seriam o ponto nodal entre os torcedores locais e seus bairros, entre os espaços público e privado, pois é por meio destes equipamentos que a relação “mandante” *versus* “visitante” é fortalecida e constantemente atualizada pela realização rotineira de partidas.

No entanto, nem só nos dias de jogos e nem especificamente no entorno dos estádios é que os torcedores se manifestam em prol de seus clubes e bairros. Os grafites com motivos clubísticos aparecem nesse cenário como importante ferramenta de expressão e de comunicação da identidade local e como ampliação do uso dos espaços sociais.

Esta seção, desta forma, tem como foco central compreender estes

instrumentos expressivos que permitem, pela sua dinâmica, tanto visualizar a disposição geográfica do futebol pela cidade, quanto a relacionar os clubes e seus torcedores com seus respectivos bairros. Os grafites, portanto, funcionam cotidianamente como uma forma de os grupos sociais expressarem sua identidade clubística e vínculo local e, ao mesmo tempo, estabelecer a diferença com o outro por meio de fronteiras simbólicas.

Estas segmentações espaciais por meio de práticas sociais foram abordadas por Pierre Bourdieu, em seu livro *O poder simbólico* (2007). O autor mostra a forma pela qual os grupos sociais estipulam, por meios simbólicos, a divisão de territórios através da fixação de traçados fronteiriços que busquem impor limites entre o que é interior e exterior; nós e eles; território próprio e território estrangeiro. Dessa maneira, Bourdieu aponta que aquilo que estaria em questão nestas lutas a respeito da identidade local⁴⁰

é o poder de impor uma visão do mundo social através dos princípios de divisão que, quando se impõem ao conjunto do grupo, realizam o sentido e o consenso sobre o sentido e, em particular, sobre a identidade e a unidade do grupo, que fazem a realidade da unidade e da identidade do grupo (BOURDIEU, 2007, p. 113).

Nesta lógica, em cada bairro onde há um clube e seu estádio, lá estão os grafites como forma de representá-los extramuros, não à toa, na maioria dos casos, os grafites encontram-se nas redondezas dos estádios. O objetivo destes grafites, assim como de outros espalhados pela cidade, é o de demarcar as fronteiras simbólicas entre os “de dentro” e os “de fora”, estabelecendo a influência simbólica do clube e dos torcedores naquele espaço social.

⁴⁰ Estas manifestações nem sempre restringem-se ao lado simbólico, uma vez que também são expressas através da violência física. Não por acaso a Argentina é um dos países campeões em violência dentro e fora dos estádios, haja vista que as brigas carregam consigo um componente histórico e particular do futebol local, que vai além das meras exhibições de masculinidade e virilidade: a defesa do território (da rua, das esquinas, da invasão do rival no próprio espaço social onde suas relações são cotidianamente construídas). Este fato foi muito bem demonstrado pelos sociólogos Santiago Ulliana, Sebastia Susta e Diego Murzi (2009) quando apontam em seu estudo que mais de 50% dos casos de violência e morte no futebol argentino acontecem nos estádios e no seu entorno, revelando o aspecto simbólico da defesa territorial diante do Outro. Por mais relevante que seja este debate para a compreensão do futebol argentino nos dias atuais, o objetivo deste trabalho é ressaltar os aspectos simbólicos desses conflitos.

Contudo, as imagens produzidas são resultantes de um processo de recorte que procura estabelecer uma imagem coesa e coerente daquilo que se pretende narrar, sem lacunas que possam criar um mal entendido e, como possível consequência de uma não manutenção apropriada, debilitar a identidade do grupo. Afinal, aquilo que se pretende exibir não se restringe apenas a um público daquele espaço limitado, mas, principalmente, são mensagens que se destinam sempre para o outro. Dessa forma, os motivos espalhados pelos muros dos bairros são variados: feitos históricos, ídolos inesquecíveis, referência aos torcedores (que cada vez mais se tornam personagens do espetáculo), cores e símbolos que remetem ao clube e, é claro, associação direta ao bairro, como nos exemplos envolvendo dois clubes tradicionais de Buenos Aires, All Boys e Ferro Carril Oeste, mas sem a grandeza de torcedores de outros rivais.

No caso do All Boys, clube localizado no bairro Floresta, símbolo e cores do clube (preto e branco) unem-se ao nome do bairro e à “paixão” e “loucura” dos torcedores. Como é muito comum em Buenos Aires, há uma discussão da localização precisa do estádio do clube, por localizar-se na divisa entre os bairros Monte Castro e Floresta. No entanto, seus torcedores identificam-se, e os grafites demonstram isto, com o bairro Floresta.

No segundo caso, seguindo a mesma lógica de associação pelo uso do nome do bairro e as cores marcantes do clube, os torcedores organizados (*la banda*) do Ferro Carril Oeste, do bairro Caballito, fizeram um mural que tem a intenção de ressaltar a relação total, visto pelo uso da expressão “100%”, com o bairro. Outro ponto relevante nessa imagem é o fato de a cor verde, marca característica do clube, predominar por toda a extensão da pintura, funcionando como um signo clubístico marcado pelo bairro.



Fig.5: *All Boys na Floresta*: representação imagética do clube All Boys, localizado no bairro Floresta, reduto de seus torcedores



Fig.6: *Caballito é verde*: grafite que tem como referente o clube Ferrocarril Oeste, localizado no bairro Caballito, e que tem como característica a cor verde no seu uniforme.

Pouco acima comentou-se o papel relevante da maciça imigração na cidade, quando várias nacionalidades, sobretudo europeias, aportaram na capital argentina num mesmo período – na virada dos séculos XIX para o XX. Esse fato liga-se diretamente com o futebol, visto que os clubes foram importantes locais de reativação de antigos laços sociais dessas comunidades estrangeiras que se veem distantes da terra natal. Um caso evidente refere-se ao clube mais popular do país – Boca Juniors. Seus torcedores tomam várias partes do bairro La Boca, historicamente ligado aos italianos genoveses que ali aportavam e chegaram inclusive a fazer um levante cujo objetivo era o de organizar uma pequena república dentro de cidade, com referências às cores do clube (amarela e azul), sua torcida e sua história.



Fig. 7: *Boca Juniors e sua república:* grafite no bairro La Boca, onde se encontra o clube Boca Juniors, mais popular da cidade e do país. Seus torcedores consideram este espaço uma república pela história dos italianos que ali tentaram formar uma comunidade autônoma no começo do século XX

República, nesse caso, faz referência à história dos genoveses (na pronúncia portenha “xeneizes”, apelido dos torcedores do clube) no bairro que, no começo do século XX, procuraram instaurar uma minirrepública naquele espaço, o que durou apenas alguns dias. Mas essa pequena anedota ajuda a compreender que a carga simbólica – e política – depositada sobre os territórios particulares marcam a história dos clubes de Buenos Aires.

Outra exemplificação eloquente do nexo entre bairro, clube e comunidades estrangeiras encontra-se no já mencionado anteriormente clube Atlanta, ligado umbilicalmente à comunidade judaica localizada no bairro de Villa Crespo, que até a década de 1930 teria aproximadamente 30 mil judeus vivendo ali. Neste mesmo período, Buenos Aires contaria com cerca de 120 mil, isto é, o bairro abrigaria a quarta parte da população judaica da capital portenha. Essa relação é percebida num grafite representando o judeu Jesus Cristo vestindo a camisa do clube, de modo a simbolizar a importância do Atlanta como ponto de referência para esta comunidade. Substituindo a cruz, o emblema do clube⁴¹.

⁴¹ Imagem retirada do site <http://gritosdesuburbia.blogspot.com.br/2013/08/pintadas-graffitis-y-murales-de-clubes.html>.



Fig.8: *Atlanta, Villa Crespo e os judeus:* no bairro Villa Crespo, histórico reduto da comunidade judaica na capital portenha, uma representação que liga o clube Atlanta com este grupo social muito presente em Buenos Aires

Ao tratar anteriormente da rivalidade entre Huracán e San Lorenzo, ressaltou-se a marca do nomadismo que caiu sobre o clube de Boedo e como, em tom provocativo, os torcedores rivais do Huracán procuraram ostentar num grafite o orgulho de nunca ter sido deslocado para outro ponto da cidade, destacando a imagem do estádio. Este é o clássico de bairro por excelência, e por isto não poderia deixar de ser disputado também fora dos estádios. Os torcedores de ambos os clubes criaram grupos organizados, sem o incentivo direto dos clubes, que visam espalhar por seus respectivos bairros representações imagéticas que ressaltem valores ligados aos seus clubes. O projeto dos torcedores do Huracán chama-se *Murales Luna Quemera*, nome de uma das ruas que dão acesso ao estádio, enquanto o projeto dos torcedores do San Lorenzo tem o nome de *Grupo Artístico de Boedo*, numa clara referência ao bairro. A seguir alguns exemplos das referências utilizadas pelos torcedores:



Fig.9: *Huracán e Parque Patricios:* grafite do grupo Luna Quemera, numa rua do bairro Parque

de los Patricios, que mostra o estádio e os símbolos do clube Huracán

Tendo como destaque a fachada do estádio do clube (à esquerda) e as suas cores (vermelha e branca), o grupo espalhou por toda esta rua símbolos e dizeres que se associam com o Huracán, vizinho e rival histórico do San Lorenzo. Mesmo com o time passando por sérias dificuldades financeiras e estar na segunda divisão do futebol nacional, essa rivalidade, se não possível de ser realizada no campo entre as duas equipes, acontece nos muros dos bairros.



Fig.10: *Tradição eclesiástica:* Lorenzo Massa, o fundador do clube de Boedo, era um padre. O atual Papa, Francisco, é um declarado e fervoroso torcedor do clube, mantendo sua tradição clerical

Próximo ao novo estádio, o *Nuevo Gasómetro*, este grafite do Grupo Artístico de Boedo faz referência ao fundador do clube, o padre Lorenzo Massa, e ao mascote mais popular – o corvo –, nas cores azul e vermelha. A figura do atual Papa, Francisco, torcedor declarado do San Lorenzo, atualiza essa tradição do clube – que já carrega o nome de um santo – com personagens clericais. Inclusive tem sido creditado ao Papa os grandes feitos recentes do clube de Boedo, como a conquista do Campeonato Nacional e da inédita Copa Libertadores da América.



Fig.11: *Festa e murga em Boedo:* la banda de Boedo, bairro famoso também pela murga, ritmo musical famoso na cidade, numa rua próxima ao Viejo Gasómetro.

Na rua de fundos do antigo estádio e da sede social, um grafite do grupo que traz o nome do bairro acompanhado por duas manifestações que moradores e torcedores orgulham-se de ostentar como marcas do bairro: o tango e a murga (uma apresentação característica do carnaval portenho, em que foliões vestem-se com roupas especiais e fazem contorcionismos). Uma das músicas cantada nas arquibancadas pelos torcedores do clube diz: *“Vengo del barrio de Boedo, barrio de murga y carnaval, siempre te voy a acompañar...”*⁴².

Diante desse quadro, é importante citar o trabalho da semióloga Leila Gandará que, sobre os grafites portenhos, apontou que

podemos observar que el graffiti de bandas de rock no suele desarrollar una competencia por el espacio, pero en cambio en el graffiti de futbol, donde a la expresión de la identidad se agrega la rivalidad, la apropiación del espacio cobra outro valor: hay que disputarle el espacio al otro (en una acción que podría concebirse como una metáfora de la disputa del espacio en la cancha)⁴³ (GANDARÁ, 2004, p. 109)

Portanto, observando o histórico de vínculo local dos torcedores com seus clubes e bairros, que existe pelo menos desde os anos 1910, percebe-se que o

⁴² Tradução livre: “Venho do bairro Boedo, bairro de murga e carnaval, sempre irei te acompanhar”.

⁴³ Tradução livre: “Podemos observar que o grafite de bandas de rock não pretende desenvolver uma competência pelo espaço, mas ao contrário disso o grafite de futebol, onde à expressão da identidade se agrega a rivalidade, a apropriação do espaço toma outro valor: tem que se disputar com o outro (em uma ação que poderia ser concebida como uma metáfora da disputa pelo espaço num campo de jogo)”.

uso dos espaços urbanos por meio dos grafites portenhos se configura, sob a perspectiva relacional de Rogério Haesbaert, numa forma de ligação com o território que se dá tanto por meio tanto da dominação (controle do espaço por meios concretos de exercer e expressar poder) quanto da apropriação (mais subjetivo, simbólico, relativo à cultura). Por este prisma, o autor aponta que

territorializar-se, desta forma, significa criar mediações espaciais que nos proporcionem efetivo “poder” sobre nossa reprodução enquanto grupos sociais [...] poder este que é sempre multiescalar e multidimensional, material e imaterial, de dominação e apropriação ao mesmo tempo” (HAESBAERT, 2012, p. 97).

A força dos laços territoriais no futebol portenho revela como as comunidades de torcedores investem uma carga simbólica e afetiva muito intensa sobre o espaço próprio, procurando criar uma imagem para si e para os outros de supremacia e autoridade sobre aquele território. Como resultado desse investimento, reforçam-se as identidades e rivalidades locais, delimita-se o espaço dos mandantes e dos visitantes. Por mais próxima que seja a distância física entre os rivais, o cenário criado tem a finalidade de criar nos torcedores rivais de bairros vizinhos um sentimento de que estão desempenhando sempre o papel de forasteiros, estrangeiros. Nas manifestações a seguir fica mais bem evidenciado o papel de liderança territorial que se procura assumir por meio das mensagens simbólicas.

No bairro Paternal, reduto dos torcedores do clube Argentinos Juniors, além da sigla do clube A.A.A.J. associada com o nome do bairro, nas cores vermelha, há uma expressão muito comum que é utilizada por torcedores de outros clubes – *capo* – que se remete a uma maneira de demonstrar a liderança no bairro. O termo “bicho”, nesse caso, é o apelido do clube que ficou famoso por lançar Maradona no futebol profissional.



Fig.12: Os donos do pedaço: em Paternal, inscrições (*bicho capo*) que reforçam o domínio sobre o território.



Fig.13: *Esquina ocupada*: paredes de um a esquina em Boedo tomada com escritos e desenhos nas cores do clube local.

Novamente em Boedo, uma das tantas esquinas do bairro é ocupada por várias palavras e cores em alusão ao clube San Lorenzo. Uma das frases diz: *Ciclón manda* (nas cores do clube, como todas as outras palavras e símbolos, e até mesmo o poste do bairro, no primeiro plano). *Ciclón* é o apelido do clube. Mais um exemplo do espaço apropriado por torcedores como forma de expressar controle sobre ele.

Esses casos, tão sintomáticos no futebol de Buenos Aires, ressaltam como estas práticas coletivas funcionam como atualização do direito de posse – e no futebol argentino, por meio dos eventos que cercam as partidas nos estádios e a produção constante de grafites, esses rituais são atualizados cotidianamente.

Na parte referente aos estádios, fora citado que os *pedaços* seriam aqueles equipamentos de referência que funcionariam como ligação entre o

espaço público e o espaço privado, ou seja, a casa e a rua. No entanto, estas duas categorias, numa visão damattiana, não seriam inteiramente excludentes. Acerca desta relação entre os universos público e privado, o antropólogo brasileiro Roberto Da Matta (1983) afirma que frequentemente existe um binarismo nas análises que opõem as categorias “casa” e “rua”: o primeiro termo estaria atrelado ao espaço particular e íntimo, onde existe uma hierarquia clara do espaço e dos papéis sociais de seus integrantes; ao passo que a rua seria o espaço do caos e dos imprevistos.

No entanto, Da Matta admite que essas categorias não são isoladas e que, em muitos casos, uma perpassa a outra, resultando disso que *“a própria rua pode ser vista e manipulada como se fosse um prolongamento ou parte da casa”* (DAMATTA, 1983, p. 74). Muitos objetos da esfera pública são, portanto, apropriados como se fizessem parte da própria casa, e a própria casa tem suas hierarquias de relações – a sala é o espaço mais público da casa, ao passo que o quarto é mais íntimo. Esse deslocamento de sentido, seguindo esse pensamento de Da Matta, pode ser aplicado na relação dos torcedores com os seus estádios e seu entorno, pois nesses espaços são experimentados códigos e investida uma carga simbólica somente vivenciados na intimidade e na segurança do próprio lar. Um determinado ponto da rua pode ser apropriado e simbolizado tal qual ocorre no próprio quarto, espaço de maior liberdade dentro da casa. Dessa forma, os grupos que se encontram, se divertem e, como foco aqui, grafitam esses espaços públicos como se estivessem fazendo naquele cômodo de maior intimidade e liberdade da casa.

Se os estádios, desse modo, funcionam como uma extensão orgânica do próprio lar, um ponto de referência para a população local que, mais do que assistir a uma partida, comparece ao estádio para atualizar seus rituais de torcer e compartilhar um sentimento de pertencimento com seu clube e seu bairro, os grafites clubísticos resultam naquele “prolongamento” extramuros. É a rua como a casa, espaço de intimidade entre os que compartilham gostos em comum e dominam os códigos do espaço apropriado.



Fig.14: A esquina como espaço identiário: grafite do clube Nueva Chicago, do bairro Mataderos, que exalta o pedaço em que seus torcedores consideram como ponto de sociabilidade

Na imagem acima, além do destaque dado às já mencionadas anteriormente cores do clube (verde e preto) e da vinculação imediata com o bairro (Mataderos), há uma clara referência a um ponto específico: a esquina. Isto indica, como já tratamos, o *pedaço*, aqueles espaços identitários onde seus torcedores dominam os códigos e sentem-se, por isso, “possuidores” daquele local: “o componente espacial do *pedaço*, quando inserido num equipamento ou espaço de mais amplo acesso, não comporta ambiguidades desde que esteja impregnado pelo aspecto simbólico que lhe empresta a forma de apropriação característica” (MAGNANI, 2013, p. 92)

Historicamente, se há um constante processo de vinculação da comunidade de torcedores com o espaço social em que está se inserido, estabelecendo suas bases identitárias – o seu *pedaço* – nada mais comum que esta ferramenta contemporânea de expressão de identidade também seja utilizada. E, ao contrário das manifestações nos estádios, que estão ligadas prioritariamente aos dias de jogos, os grafites podem ser comunicados diariamente, sem a necessidade de haver um jogo para tal manifestação.

Esses grupos de torcedores que compartilham um mesmo território em nome de um gosto em comum; que procuram defender e exercer influência no local ao qual se sentem unidos por laços sociais; que utilizam meios expressivos que fogem das formas clássicas de reivindicação podem ser entendidos pela noção das *tribos urbanas* de Michel Maffesoli. No caso do futebol portenho, pelo que fora mostrado até aqui, estas tribos que simbolizam o território, procuram

fazê-lo de uma maneira que sua defesa simbólica (por meio de ações como os, aqui tratados, grafites) e física (em casos de violência) pelo espaço torna-se uma questão visível. Portanto, percebendo o uso dos espaços urbanos por estes grupos juvenis, Maffesoli intui com precisão que

o bairro, o conjunto habitacional, as quatro ruas são como tantos outros territórios que partilhamos com a tribo, que nos dispomos a defender, às vezes mesmo violentamente, mas que são uma verdadeira matriz onde o viver junto encontra sua expressão natural (MAFFESOLI, 2012, p. 49).

Seria impossível, portanto, compreender os grafites sem mergulhar na formação histórica e morfológica da cidade e do futebol de Buenos Aires. Longe de serem instrumentos superficiais e passivos, eles têm a força de exprimir as particularidades do futebol na cidade. Não é um entendimento de mão única, mas uma dinâmica relacional intensa. Os grafites ajudam a explicar o futebol em Buenos Aires, mas ao mesmo tempo são explicados pela sua formação.

No caso portenho, essas manifestações grafiteiras procuram atualizar e expressar as identidades locais e delimitar simbolicamente o perímetro de influência de seus torcedores por meio de mensagens e imagens que se referem ao bairro, ao clube, aos torcedores, aos jogadores, aos momentos históricos e, sobretudo, destinam-se sempre ao outro, ao grupo rival, evitando quaisquer brechas que possam imputar uma imagem negativa na identidade social dos grupos. Ultrapassar estas fronteiras simbólicas desenhadas pelos grupos, por outro lado, significa invadir o território rival, da mesma forma como se um jogador furasse uma defesa e marcasse um gol. E o objetivo destas “transgressões” territoriais é o de macular e, portanto, desestabilizar a imagem do outro. Desta maneira, seguindo o raciocínio das disputas simbólicas por meio dos grafites, evidencia-se a afirmação do antropólogo argentino Nestor Canclini de que *“a reivindicação da identidade tem sempre algo de violento a respeito do outro”* (CANCLINI, 2010, p. 24).

O grafite exposto abaixo demonstra uma forma simbólica de “invasão” ao território alheio. Em 2009, torcedores do Vélez Sarsfield, do bairro Liniers,

escreveram o nome do clube, na cor que o caracteriza (azul), sobre um mural que representa a vida cotidiana dos 150 anos do bairro Floresta, ligado, como já mostrado, ao clube rival All Boys. Um dos ícones históricos do bairro plasmados neste mural, como esperado, refere-se ao estádio do clube. Ao produzirem essa transgressão, com a sobreposição do nome do clube numa imagem do bairro rival, os torcedores do Vélez, de maneira indireta, ajudam a reforçar o vínculo simbólico que há entre a vida cotidiana do bairro Floresta e o clube All Boys. No site Mundo Floresta, de onde foi retirada essa fotografia, seus torcedores e os moradores do bairro lamentavam esta atitude que se configurava numa “ferida em seu pertencimento”⁴⁴.



Fig.15: *Território invadido:* Num mural que retrata a vida cotidiana do bairro Floresta, do All Boys, torcedores do Vélez Sarsfield encontraram uma forma de imprimir simbolicamente uma invasão espacial.

Como pode-se perceber, os grafites com motivos futebolísticos em Buenos Aires cumprem muitas funções. Fica evidente, assim, compreender como as disputas intramuros entre as equipes de futebol e suas torcidas transpõem o espaço fechado dos estádios para se manifestarem numa batalha complexa também fora deles.

3.5. O FUTEBOL PORTENHO E A CONSTELAÇÃO DE COMUNIDADES AFETIVAS

Neste capítulo tentou-se mostrar como o território local – o bairro – é um

⁴⁴ Disponível em: www.mundofloresta.com/elbarrio/floresta.php?id=5358.

tema de destacada relevância para o entendimento do futebol e das práticas coletivas dos torcedores na capital portenha, com foco nos grafites. A reivindicação de uma posse territorial e a diferenciação com o outro são fenômenos que estão na gênese da expansão morfológica e demográfica da cidade e a popularização do futebol.

. A particularidade localista do futebol em Buenos Aires é resultado de uma interação entre os clubes e seus bairros que começou a se formar a partir dos anos 1920. Nesse período em que a cidade passava por intensas mudanças arquitetônicas e urbanísticas, os clubes procuravam estabelecer-se de maneira fixa em algum território (bairro) de uma capital que crescia num modelo homogêneo e geométrico. Desse modo, o desenho repetitivo da cidade favoreceu que instituições, dentre estas os clubes de futebol, operassem como um fator de diferenciação em relação ao território vizinho. Assim, ao contrário de várias cidades do mundo em que as rivalidades são regionais, a capital argentina concentra uma miríade de equipes que desde o início da solidificação do futebol na cidade se enfrentam em disputas numa mesma metrópole. Esse processo histórico, portanto, favoreceu a construção de identidades e rivalidades locais e reforçou a importância do bairro como espaço social no imaginário dos torcedores.

A compreensão desse processo está ligado ao aparecimento, por vários pontos da cidade, dos estádios particulares como equipamentos capazes de comportar o crescente público que passava a assistir. Ainda edificados na primeira metade do século XX, os estádios podem ser entendidos como a materialização dos vínculos afetivos e identitários dos torcedores com seus clubes e bairros, sedimentando uma relação entre “mandante” e “visitante” que permearia o imaginário coletivo dos portenhos. Dada a sua importância na paisagem local, sobretudo pelos eventos ocorridos no seu interior, muitas manifestações coletivas transpuseram os muros dos estádios, ganhando visibilidade em especial pelos grafites.

Essa forma expressiva de se comunicar consigo e, em especial, com os outros (rivais), serve tanto como instrumento de coesão, quanto de diferenciação,

por meio de mensagens coerentes que ressaltem aspectos positivos ligados a si, – como as cores do clube, símbolos, jogadores, associação com o bairro – e aspectos negativos do outro – provocações dirigidas ao rival. Neste ponto, é válido observar a fala do autor José Machado Pais sobre as sociabilidades juvenis, onde este afirma que a manifestação, mais do que mero deleite, tem importância por expressar um forte desejo “de registro de presença, de afirmação de identidade, de manifestação de sentimentos pessoais ou próprios dos grupos de pertencimento” (PAIS, 1990, p. 636).

Um ponto que cabe ressaltar, para finalizar esse capítulo, visto que essa será uma tônica de importante presença na próxima parte do trabalho, é a ausência de grafites referentes à seleção nacional argentina. Há, sim, alguns grafites que se ligam diretamente com Maradona, maior ídolo da história do futebol no país, contudo, não aos feitos da seleção alviceleste. Poderíamos entender essa ausência por dois fatores.

O primeiro, mais teórico, seguindo os pensamentos de Michel Maffesoli (2012), Stuart Hall (2011) e Pablo Alabarces (2002), seria resultado do fato de que a questão nacional, de uma identidade nacional ligada à harmonia de um sentimento de pertencimento comum por todo território nacional, não mais desperta interesse e exaltação por parte dos cidadãos portenhos. Esse fenômeno tem como consequência um processo de tribalização e acentuada valorização de identidades locais e particularistas em detrimento do nacional, um dos traços marcantes das sociedades contemporâneas. E em Buenos Aires, onde o futebol nasceu como elemento de diferenciação entre os espaços sociais sob a égide de um traçado homogeneizador, essa característica torna-se mais problemática.

O segundo fator, seguindo uma lógica menos teórica do que esportiva, pode-se ponderar que a seleção nacional não consegue mais despertar o interesse dos seus torcedores pelos resultados dentro de campo, assim havendo vazio nos muros sobre os feitos da seleção. A Argentina possui duas conquistas mundiais: as copas de 1978, disputada no próprio país, e de 1986, com atuações memoráveis de Maradona. Exceto em 1990, na Itália, quando perdeu a

final para a Alemanha, a seleção só fez papéis discretos e que não condizem com sua tradição no futebol mundial. Ademais, também não conquista um título da Copa América desde 1993. Em 2011, esta competição disputada na Argentina, mas a seleção foi eliminada precocemente pelo eterno rival Uruguai, frustrando os torcedores que esperavam comemorar o título no país.

Dessa forma, pensando por esses caminhos, podemos intuir que o esquecimento que se abate sobre a seleção nacional também quer dizer algo (POLLAK, 1992), revelando, portanto, tanto uma desmotivação de duas décadas dos torcedores com o selecionado nacional quanto a supervalorização das tradições localistas do futebol portenho ao longo de sua história. Buenos Aires, desse modo, pode ser visualizada como um mosaico de fidelidades locais.

4. RIO DE JANEIRO: A SÍNTESE DO FUTEBOL NUM GIGANTE DE CONCRETO

O futebol na cidade do Rio de Janeiro nasce oficialmente no ano de 1898, quando o estudante Oscar Cox traz de sua viagem à Europa (Suíça mais precisamente) materiais e a ideia de praticar esse esporte já popularizado no velho continente, sobretudo na Inglaterra. Portanto, é possível afirmar que o esporte chega com atraso de quase três décadas em relação a Buenos Aires (meados dos anos 1860). Contudo, a popularização em ambas as cidades se dá concomitantemente no início do século XX. No Rio de Janeiro, ao menos nas primeiras décadas de sua introdução, a característica deste esporte era de distinguir as classes sociais, reforçado pelo *ethos* amadorístico dos seus praticantes, na maioria estudantes das elites cariocas, já que a prática esportiva deveria refletir apenas um momento de deleite das classes abastadas, bem distante da conotação atual de competitividade, lucratividade e ascensão social. O futebol, assim como os outros esportes, funcionava como um instrumento de reforço a um estilo de vida característico das classes privilegiadas, já que eram elas as que mais tinham tempo disponível para as práticas de culto ao corpo e à saúde:

O estigma da escravidão e da superioridade social ainda eram muito acentuado neste período. A elite apresentava como um de seus pilares de justificativa um discurso extremamente primário. Defendia que aqueles que não fossem adeptos de uma boa educação física estariam fadados a uma posição de inferioridade. A discussão higienista relacionada à prática desportiva estava em grande evidência naquele início de século, tanto nos meios acadêmicos quanto no cotidiano da vida urbana (SANTOS, 2006, p.47)

O primeiro campeonato oficial de futebol na cidade acontece no ano de 1906. Neste momento, clubes como Fluminense Football Club, fundado por Oscar Cox em 1902, Botafogo e Bangu, fundados em 1904, participam do torneio inaugural da cidade. Esse torneio, assim como o esporte, não contava com o apelo popular que os caracterizam nos dias de hoje. De acordo com a pesquisa de dois jornalistas, Roberto Assaf e Clovis Martins (2010), pouco mais de 1000 pessoas assistiram à primeira partida oficial do futebol carioca:

Fluminense 7x1 Paysandu, realizada no dia 03 de maio de 1906, no campo das Laranjeiras. Ademais, reforçando o que fora dito anteriormente sobre a importância dada ao esporte como reforço de status social, os autores afirmam que *“a platéia era formada por moças de vestidos longos e sombrinhas transparentes, homens de terno e criancinhas de marinheira. Na realidade o futebol engatinhava no Brasil”* (ASSAF, 2010, p. 20).

O futebol carioca no período denominado amador viveria algumas mudanças e rupturas significativas. A escalação do primeiro jogador negro, Francisco Carregal, pelo Bangu, em 1905, provocando insatisfação dos clubes elitistas; a cisão, em 1911, entre sócios e atletas do Fluminense, dando origem ao futebol do Flamengo (o Clube de Regatas já existia desde 1895); a realização do campeonato Sul-Americano de futebol, em 1919, que, com o título inédito, deu visibilidade à seleção nacional no mapa do futebol mundial e despertou de vez a importância do esporte na vida dos torcedores comuns e o interesse dos políticos em entender como o futebol serviria de elemento para o de reforço de um sentimento de pertencimento e identidade nacional.

Este último acontecimento, ocorrido no estádio das Laranjeiras, – numa final emocionante com o Uruguai, que na década seguinte seria campeão olímpico em 1924 e 1928 e campeão do mundo em 1930, e com uma atuação de gala do negro de olhos claros Arthur Friedenreich – foi o ponto de partida para a gradativa popularização do futebol e seu destaque cada vez mais acentuado na imprensa, deixando para trás o remo e o turfe, que até naquele momento eram os esportes mais valorizados pelo público carioca⁴⁵.

No entanto, a ruptura mais significativa pela qual passaria o futebol carioca na primeira metade do século aconteceria nos anos 1920, mais precisamente em 1923, quando uma equipe formada em sua maioria por jogadores negros e pobres ascenderia e seria campeã de maneira avassaladora

⁴⁵ O remo e o turfe eram práticas esportivas que demandavam gastos econômicos muito elevados, pois seus equipamentos tinham custos muito altos (aquisição de cavalos, celas, barcos, remos, etc...). Dessa forma esses esportes, ao contrário da prática do futebol, eram basicamente inacessíveis a todos aqueles de classes menos abastadas. Ver mais em: SANDER, Roberto. *Sul-Americano de 1919: quando o Brasil descobriu o futebol*. Rio de Janeiro: Maquinário, 2009.

do campeonato carioca daquele ano: o Vasco da Gama. Embora como anteriormente citado o primeiro negro tenha sido escalado pelo Bangu, em 1905, foi por meio desta equipe do Vasco que o futebol carioca viveu seus momentos mais intensos. Esse momento foi marcado por brigas, idas e vindas entre os times que sentiam que aquele time vencedor formado por pobres e negros feria de uma maneira profunda e impactante o espírito amador, segregacionista e elitista que pautava o futebol carioca até aquele período, mesmo com o título da seleção nacional em 1919.

Como veremos mais adiante, o surgimento do Vasco da Gama e a construção de São Januário, em 1927 – naquele momento o maior estádio da América do Sul e palco das mais diversas manifestações cívicas, políticas, culturais – foram de fundamental importância para a revolução nas estruturas do futebol carioca e brasileiro, sendo a mais relevante a introdução do regime de profissionalismo no futebol brasileiro em 1933.

Contudo, a maior ruptura no futebol carioca aconteceria na virada da primeira para a segunda metade do século XX: a construção, em 1950, do Estádio Municipal Mendes de Moraes, posteriormente renomeado como Mario Filho e popularmente conhecido como Maracanã. Este acontecimento foi de grande impacto e causou uma profunda mudança no futebol carioca e no imaginário do torcedor. A construção do estádio para albergar os jogos da IV Copa do Mundo de futebol, o primeiro do período pós-Segunda Guerra, seria uma maneira de exibir materialmente ao mundo a grandeza do Brasil no cenário mundial e a concretização do projeto de identidade e unidade nacional que vinha sendo gestado desde os anos de 1930 com Getúlio Vargas, embora este não estivesse presente nem na construção e nem na inauguração do estádio.

Este acontecimento acabaria por alterar radicalmente a relação dicotômica entre *mandante* e *visitante* que até então existia na cidade – e esse fenômeno será mostrado pela explicação dos grafites do Rio de Janeiro. Dessa maneira, pode-se perceber que as questões ligadas à classe e à raça aqui parecem ter sobrepujado, ao longo dos anos, as questões territoriais tão latentes no futebol portenho. Esse processo parece ter sido potencializado pela

construção de um equipamento capaz de aglutinar os principais clubes e torcidas num único ponto de referência: o gigante Maracanã.

4.1. O FUTEBOL CARIOCA COMO ELEMENTO DE DISTINÇÃO SOCIAL

O desembarque do futebol na cidade do Rio de Janeiro aconteceu alguns anos após sua chegada a Buenos Aires. Como se mostrou no capítulo anterior, o papel exercido pelos clubes fundados na capital portenha funcionava como elementos de diferenciação numa cidade que se expandia por meio de um traçado geometricamente homogêneo e racional.

O Rio de Janeiro não se expandiu no formato homogêneo da quadrícula portenha, sobretudo pela sua peculiar formação geográfica resultante dos desnivelamentos provocados pela natureza. Montanhas, alagadiços, brejos, mar, todos esses fatores interferiram e limitaram o crescimento da cidade, criando uma morfologia urbana heterogênea.

Embora no começo do século XX o prefeito Pereira Passos tenha se inspirado nas obras parisienses de Haussmann para renovar a urbe carioca de modo racional, estas reformas ficaram restritas principalmente no Centro e em parte da Zona Sul da antiga capital federal, onde se pretendia colocar em prática a ideia de europeizar e higienizar a cidade de modo a demonstrar um exemplo de Brasil civilizado e antenado às tendências mundiais, distante da marca colonial, mesmo que para isso tenha sido necessário expulsar dessas áreas populações majoritariamente pobres e que foram removidas para partes mais distantes da cidade

De acordo com Nicolau Sevcenko (2010), a reforma Passos (1903-1906) dá nome a uma série de modificações espaciais postas em prática pelo prefeito Pereira Passos. Engenheiro de formação e tendo estudo em Paris, Passos via no espaço urbano central do até então Distrito Federal um lugar pestilento, apertado, colonial e que atrasava o progresso socioeconômico da cidade. Dessa forma, se valendo de amplos poderes dados pelo presidente da época Rodrigues Alves, Passos coloca em prática uma modificação urbana, tendo em

vista modernizar, embelezar e sanear o Centro – com o apoio do sanitarista Oswaldo Cruz e seu método radical de programar a vacinação obrigatória na população carioca contra doenças como varíola e febre amarela. O projeto de Passos visa abrir avenidas mais amplas, com clara influência europeia, sobretudo aquela de Haussmann. Para o historiador, dessa maneira,

não parece, pois, o fato de o engenheiro encarregado da reforma do Rio ter sido justamente o prefeito Pereira Passos, que esteve em Paris e acompanhou de perto a ampliação do novo projeto urbanístico da cidade. Pode-se deduzir, portanto, que a transformação do desenho urbano da capital obedeceu a uma diretriz claramente política, que consistia em deslocar aquela massa temível do Centro da cidade, eliminar os becos e vielas perigosos, abrir amplas avenidas e asfaltar as ruas (SEVCENKO, 2010, p. 91)

Para tal efeito, criam-se normas de postura; derrubam-se moradias coletivas; e etc. Nesse caso, a derrubada dessas moradias, chamados cortiços, foi crucial nesse processo de modificação do espaço central, que por sua vez se refletiu por toda a cidade – as populações mais abastadas concentrar-se-iam na Zona Sul da cidade, enquanto que os pobres expulsos iriam para outras partes da cidade, como a Zona Norte e favelas do Centro. Isso porque as medidas de Passos queriam “limpar” o centro da presença constante dos pobres, demarcando claramente que aquele local estava sendo reformado para atender as necessidades das elites. Dessa forma, as derrubadas dos cortiços expropriaram milhares de pessoas de suas moradias, que precisavam se realocar em locais mais próximos ao centro possíveis, uma vez que a maioria deles trabalhava e se sustentava naquelas ruas que agora se queriam civilizadas.

Contudo, como havia apontado Sérgio Buarque de Holanda (2006), embora a inspiração para a remodelação espacial da cidade carioca tenha sido semelhante àquela portenha e tenham sido operadas no mesmo período, o traçado retilíneo e o esforço de controle territorial herdado dos espanhóis não chegou até nós. Para Holanda, “o traçado geométrico jamais pode alcançar, entre nós, a importância que veio a ter em terras da Coroa de Castela”, ainda que o autor afirme que, quando não houve empecilhos da natureza, os

portugueses seguiram esse caminho de formação retilínea. (HOLANDA, 2006, p. 109). É nessa linha que Milton Santos (1984) afirmaria que o Rio de Janeiro estaria enquadrado naquelas cidades coloniais que tiveram seu centro inteiramente transformado, numa justaposição de elementos que procurariam criar “um centro monumental” (SANTOS, 1984, p.34), ou seja, um espaço que funcionaria como vitrine da cidade. Dessa forma, pode-se perceber que as questões ligadas à classe e à raça, sobretudo numa cidade que poucos anos antes vivia sob um regime escravista, havia aqui parecem ter sobrepujado, ao longo dos anos, as questões territoriais tão latentes no futebol portenho.

Ricardo Pinto dos Santos (2006) mostra como o futebol, no começo de sua trajetória de apropriação pelos cariocas, serviu como forma de barreira social criada pelas elites que procuravam importar elementos, sobretudo franceses e ingleses, que externassem um reforço do status social. Desta forma, o futebol e seus clubes bem frequentados seriam “como ponto de parada para negros e pobres da sociedade carioca” (SANTOS, 2006, p. 38).

Além disso, como bem demonstrou Leonardo Affonso de Miranda Pereira em seu livro *Footballmania* (2000), ao mesmo tempo em que o futebol no Brasil era apropriado pelas elites como manifestação de distanciamento entre elites e camadas mais pobres, na Inglaterra o jogo já fazia parte da vida cotidiana das camadas trabalhadoras, que lotavam os estádios para assistir às partidas e, portanto, participavam de maneira ativa da vida dos clubes com mais intensidade. O autor mostra como o acesso aos clubes cariocas, através de taxas elevadas impossíveis de serem pagas pelas camadas menos favorecidas, era propositalmente bem restrito. De acordo com Pereira, havia uma filtragem bem exclusivista para aqueles que desejavam tornar-se sócios de clubes como Fluminense e Botafogo, sobretudo no primeiro. Para se tornar sócio do Fluminense, o valor da joia a ser paga chegava “50\$000 – 15 vezes superior, por exemplo, à mensalidade paga pelos trabalhadores que quisessem associar-se à *União Caixeiral*” (PEREIRA, 2000, p. 62).

Esse cenário em que o futebol serviu não apenas pelos méritos da competição esportiva entre os clubes e dos atributos qualitativos de cada

jogador, mas muito mais como um intenso exercício de diferenciação entre aqueles que tinham acesso sem compromisso profissional com o jogo, por mero deleite no tempo livre das classes mais abastadas, sobreviveu até os anos 1920. Nesse momento, um clube de origem portuguesa, recém-chegado à primeira divisão do futebol carioca e imediatamente campeão, abalaria as estruturas do futebol carioca para sempre: o Clube de Regatas Vasco da Gama, agremiação esportiva fundada em 1898, por um grupo de portugueses comerciantes que tinha no remo seu esporte principal, o mais popular na época. O futebol surgiria no clube apenas em meados dos anos 1910, começando nas divisões inferiores do futebol carioca. Em 1922, após conquistar a segunda divisão do futebol na cidade, o clube, contando com jogadores negros e pobres em seus quadros, chegaria à primeira divisão do Rio de Janeiro. E 1923 seria um ano determinante na história do futebol da então capital federal. Nesse sentido, é interessante notar que

os primeiros 30 anos de existência do Clube de Regatas Vasco da Gama foram de relevante notoriedade e importância na reconfiguração de um novo futebol no Brasil. Muito mais que protestos, o clube efetivamente lutou contra valores e ideais que se pretendiam inabaláveis naquela sociedade; porém, como uma grande revolução, o futebol se transformou em verdadeira miscelânea de cores, raças e classes (SANTOS, 2006, p. 52)

Cabe salientar que o Vasco, desde o início, já era um clube que anexava em seus quadros desportistas das classes menos abastadas da Zona Norte da cidade, e, num caso ainda hoje inédito, elegeu, em 1904, o presidente negro Cândido José Araújo. Embora o papel de pioneirismo na aceitação de jogadores negros em seus quadros no elenco de futebol seja do Bangu, em 1905 com Francisco Carregal, o caso do Vasco extrapola a simples questão do pioneirismo na escalação de um jogador negro, tendo em vista que operou como elemento desafiador do espírito vigente do período – o amadorismo dos clubes elitistas⁴⁶ –

⁴⁶ Há uma discussão em torno da questão racial no futebol desse período. Enquanto autores como Antonio Jorge Soares (1998) consideram que esta questão não é primária nesse período do futebol, pois, de acordo com o autor, não há documentos que explicitem de forma direta a questão da cor da pele, sendo muito mais reflexo de uma tensão entre amadorismo e profissionalização do futebol. Por outro lado, e este trabalho tende a concordar com esta vertente,

ao levar às últimas consequências um projeto que não levava mais em consideração a questão racial, formando um time quase inteiramente com negros e mulatos. Como aponta o professor José Jairo Vieira (2001):

O Vasco foi o primeiro clube a aceitar a presença de mulatos e principalmente de negros no seu elenco de forma predominante. Isto causava grande confusão nos valores sociais da época, principalmente, porque o Vasco obtinha vitórias sobre os times de elite. O que colocava em xeque um dos maiores ideais tanto da ideologia do branqueamento quanto dos motivos que levaram a não-inclusão do negro como elemento que pudesse a vir constituir a nação brasileira, ou seja, a inferioridade dos negros perante os brancos, sua incapacidade de se adaptarem a um padrão civilizado de sociedade. Pois, se eles não podiam se adaptar ou evoluírem até uma sociedade civilizada, como podiam estar tendo tanto êxito numa modalidade esportiva que, por si só, tentava ser uma das maiores provas da superioridade branca sobre as demais raças (VIEIRA, 2001, p. 163)

Uma demonstração desse incômodo causado pelo clube de origem portuguesa se deu no dia 08 de junho de 1923, quando, nas Laranjeiras, Vasco e Flamengo fizeram até então o clássico mais aguardado e cercado de expectativas do futebol carioca. Jornais como O Imparcial e Jornal do Brasil apontavam que o público variava entre 35.000 e 40.000 pessoas, além da grande massa assistente fora do estádio. Embora muitas histórias não documentadas sejam reproduzidas até hoje acerca desta partida – tais como a de que uma briga pré-jogo envolvendo pás de remo e a arbitragem tendenciosa do juiz Carlito Rocha (futuro presidente do Botafogo) contra os vascaínos –, esse era um evento que de fato dividia a cidade entre aqueles que defendiam

alguns autores discordam dessa tese, por considerá-la simplista e/ou ingênua, colocando que a questão racista, se não aparece de maneira clara, aparece de maneira velada numa sociedade recém-saída de um regime escravocrata e que, portanto, procuraria de todas as formas manter uma diferenciação social e de classe por meio de questões como a raça, que entra em pauta nesse cenário de distinção. Desta forma, obviamente as pessoas negras e pobres seriam a maior parcela da população excluída da prática do jogo nos clubes repletos de burgueses bem nascidos. Essa visão parece estar de acordo com os acontecimentos da época, visto que a questão racista no Brasil, ao contrário do ocorrido nos Estados Unidos, não teve como pilar amparos legislativos que procurassem segregar de maneira clara e chancelada por meio de leis racistas brancos e negros. Portanto, as normas que regeram o futebol carioca nos seus primórdios procuravam caminhos indiretos e velados para criar as barreiras que impedissem o acesso de negros e pobres no futebol carioca. Para ver mais dessa discussão: SILVA, Carlos Leonardo Bahiense da. “Sobre o negro no futebol brasileiro, de Mário Filho”, In: SILVA, Francisco Carlos Teixeira da, SANTOS, Ricardo Pinto dos. (orgs) *Memória social dos esportes: futebol e política: a construção de uma identidade nacional*. Rio de Janeiro: Mauad Editora: FAPERJ, 2006.

um espírito amador e o Vasco, que começava a implementar uma espécie de semiprofissionalismo (ou “profissionalismo marrom”, popularmente conhecido). A partida terminou com o placar de 3x2 para o Flamengo, sendo derrubada então a invencibilidade dos cruzmaltinos. No entanto, o que chama atenção nesta partida é a festa pós-jogo. De acordo com o relato pós-jogo do jornal *O Paiz* de 10 de julho daquele ano,

os torcedores da partida de antehontem, depois da victoria do rubronegro, transformaram a nossa cidade em theatro de scenas bem desagradáveis. Formando grupos, os apinhados em automóveis vinham fazendo desatinos e menosprezando aquelles que foram derrotados. Proclamando em altas vozes a victoria do flamengo, não se cansavam de deprimir o digno club vencido numa peleja leal. [...]. Na Avenida Rio Branco chegaram ao ponto de formarem blocos carnavalescos, tendo à frente estandartes, etc. Se, porém, a alegria e o contentamento, não passassem dos limites, nada diríamos, pois seria natural. Entretanto, tal não se deu. Vimos passar em frente à nossa redacção, um grupo bem numeroso, levando em sua frente um estandarte, com ditos offensivos e com um tamanco dependurado! E logo atraz aquelle alluvião de torcedores cantando e provocando a laboriosa e grande colônia portugueza de nossa bella capital. Isso não é correcto, e antes de mais nada é incivil e grosseiro. Os portuguezes só honram o nosso paiz, à eles tudo devemos. Correctos e leaes, tem encontrado no nosso seio o melhor acolhimento, e não podem agora, por questões sportivas e somenos importância, serem alvo para criticas grosseiras. Aqui, pois, os nossos protestos (*O Paiz*, 10 de julho de 1923, p. 9)⁴⁷

A despeito do tom moralista do jornal diante da festa e da algazarra pela vitória, apontando como irresponsáveis as atitudes dos torcedores flamenguistas, chama atenção o enfoque dado pelo jornal à grande comoção da vitória do Flamengo sobre o Vasco. E, cabe a ressalva, uma vitória que pouco valeu para o campeonato, dada a situação confortável do time cruzmaltino na tabela de classificação, tendo sido campeão com folga naquele ano, 6 (seis) pontos à frente do Flamengo. Além do antilusitanismo⁴⁸ clarificado nas comemorações – o

⁴⁷ Cf. A incivilidade de nossos torcedores. *O Paiz*; Rio de Janeiro, 10 de julho de 1923, p.9.

⁴⁸ Na Primeira República havia uma linha de pensamento, com muitos seguidores, denominada jacobinos, em alusão aos franceses da revolução de 1789. Os partidários desse pensamento, sobretudo através da imprensa, se baseavam numa clara retaliação a tudo aquilo que estivesse associado aos portugueses, vistos por este grupo como exploradores, representantes da monarquia e, assim, um enclave para o desenvolvimento nacional. Nas palavras de João Júlio Gomes dos Santos Júnior (2011), “os jacobinos, portanto, tinham o antilusitanismo como pilar básico de construção de uma identidade nacional brasileira. [...] Nesse sentido, ao mesmo

que não deixava de ser uma marca do período, tendo em vista que os valores portugueses eram vistos como inimigos da nação e, portanto, maléficos para o Brasil, enquanto os valores franceses e ingleses eram mais bem valorizados e quistos na sociedade carioca em sua *Belle Époque* –, vale ressaltar que o jogo colocava frente à frente duas visões de futebol do período: o Flamengo que, ao lado dos outros grandes clubes da cidade, representavam o espírito amador e elitista de futebol, e o Vasco, com uma proposta de futebol que visava prioritariamente o bom desempenho técnico dentro de campo, nem que para isso fosse necessário estimular materialmente seus jogadores.

Dessa forma, o fato de o clube não ser o primeiro a ter aceitado negros em seus quadros não diminui em nada os feitos que produziu no cenário do futebol da cidade. O papel do clube merece mais destaque e visibilidade do que o propalado, pois o Vasco foi de fato o primeiro clube que escalou jogadores apenas pelos seus atributos técnicos dentro de campo, pelas suas qualidades na prática do esporte, e não por posição social privilegiada ou raça, como ainda ocorria nos clubes da Zona Sul da cidade.

Deve-se salientar agora a importância do ano de 1923, citado acima como um ano chave para o entendimento do futebol carioca, isto porque, o Vasco, repleto de jogadores negros e pobres conseguiu vencer de forma avassaladora os adversários elitistas e tornou-se campeão carioca. O título só não veio de maneira invicta, pois o time perde o controverso jogo supracitado contra o Flamengo, o clube foi derrotado por 3x2, para a alegria dos torcedores rivais que viam no Vasco uma ameaça ao seu *status quo*. Contudo, nem mesmo essa derrota foi capaz de apagar o feito do clube nesse ano em especial. Incomodados com esse novo personagem no futebol carioca, os clubes da elite

tempo em que identificam o 'inimigo externo', automaticamente o jacobinismo reserva para si a identificação patriótica. Ou seja, todo jacobino se considerava um patriota, um defensor das instituições republicanas" (SANTOS JÚNIOR, 2011, p. 118). Ainda nesse tocante, Ricardo Luiz de Souza (2005) demonstrará como esse sentimento lusófono do período se estendeu a outras esferas que não a política – incluindo nisso o futebol. No entanto, embora o uso das piadas envolvendo os portugueses seja uma marca do período ainda muito forte em nosso imaginário, o autor afirma que esse sentimento “desapareceu como fator político com a aceleração do desenvolvimento capitalista, a partir dos anos 30” (SOUZA, 2005, p. 147).

procuraram de todas as formas impedir a ascensão do cruzmaltino.

Em 1924, a AMEA (Associação Metropolitana de Esportes Atléticos), criada com o intuito de manter o controle do futebol nas mãos dos clubes elitistas da cidade, procurou criar barreiras para a aceitação do Vasco em seus quadros de filiação. Os argumentos principais seriam o de que 12 jogadores do clube cruzmaltino estariam descumprindo as leis do amadorismo, uma vez que exerceriam trabalhos braçais – indo na contramão das exigências vigentes do esporte até então onde os praticantes deveriam exercer profissões que privilegiassem o intelecto – e seriam analfabetos – estando impossibilitados a assinarem seus nomes nas súmulas dos jogos. Coincidentemente, esses jogadores eram negros e pobres, aqueles que haviam levado o clube a seu título inédito de 1923. Além disso, a AMEA afirmava que o clube não possuía um estádio que pudesse comportar a importância dos jogos da primeira divisão. Diante dessas alegações, o Vasco se recusaria a aceitar as propostas de desligamento de seus atletas e, com isso, não se filiaria a essa nova instituição. Dessa forma, de acordo com Carlos Bahiense (2006).

no tocante à dissidência vascaína da AMEA, notamos que a perseguição aos jogadores cruz-maltinos apresenta um significativo teor racial – como vimos, racismo aqui entendido no sentido mais amplo, como mecanismo de manutenção da diferença social e de legitimação da superioridade branca (DA SILVA, 2006, p. 311).

Após a resolução dos imbróglios que impediram o Vasco de jogar o campeonato da AMEA de 1924, jogando, então, o campeonato organizado pela LTMD (Liga Metropolitana de Desportos Terrestres), a popularidade do Vasco, por sua proximidade com a população distante da realidade elitista dos outros clubes da cidade, era tão grande naquele momento que a AMEA cederia e aceitaria o clube em seus quadros. Mesmo assim, o Vasco não deixaria de levar a cabo uma das recomendações da instituição e, em 1927, inauguraria o então maior estádio da América do Sul: São Januário. Esse evento seria de suma importância para o futebol carioca, pois o estádio passaria a concentrar os grandes acontecimentos do futebol da cidade; do selecionado nacional; e outros eventos, como as festas cívicas, os discursos de políticos como Getúlio Vargas e

grandes shows como o de Villa Lobos, por exemplo. Desse modo, o estádio passaria a ocupar o lugar central que outrora havia sido do estádio das Laranjeiras, do Fluminense.

Essa mudança reflete de maneira límpida as mudanças pelas quais atravessavam o futebol carioca, sobretudo após a ascensão do Vasco como grande rival dos clubes da Zona Sul da capital federal: passava-se, aos poucos, de um *ethos* amador – com o Fluminense e seu estádio das Laranjeiras como lugar privilegiado dos mecanismos de diferenciação das elites das camadas mais pobres – para um semiprofissionalismo que tinha no Vasco o seu grande representante – que incentivando financeiramente seus atletas para que pudessem ser vitoriosos em campo, e São Januário seria agora o lugar ideal para o crescimento do futebol e sua popularização entre todas as camadas sociais que passariam a comparecer com maior intensidade ao estádio localizado na Zona Norte da cidade.

É importante ressaltar que essa fase de transição do futebol carioca funciona como espelho da situação vivida no país. Após 1930, o Brasil saía de um regime clientelista e amistoso entre as elites paulista e mineira, que se revezavam na presidência do país, para um regime nacionalista e trabalhista centrado na figura de Getúlio Vargas, que colocava o trabalhador como grupo social privilegiado em seus discursos e ações. Não por acaso foi com Vargas que o futebol tornou-se oficialmente profissional, regulamentado e cada vez mais popular. E São Januário seria usado por este político em vários eventos nacionalistas, tais como: as festividades do dia do trabalhador no primeiro de maio, data que ganha enorme valor no regime trabalhista de Vargas; o discurso pré-partida para a Segunda Guerra Mundial; entre outros.

A construção do estádio de São Januário em 1927 e, ainda nos 1930, a edificação definitiva do estádio do Flamengo, na Gávea, criariam um cenário semelhante àquele encontrado em cidades como Londres e Buenos Aires: cada clube possuiria seu próprio estádio de maneira definitiva.

De acordo com o trabalho de levantamento da história e dos jogos realizados pelos campeões de cada ano dos Campeonatos Cariocas realizado

por Roberto Assaf e Clovis Martins (2010), é possível perceber que existia no futebol carioca certa regularidade nas partidas realizadas no próprio estádio e no estádio rival nas partidas relativas ao principal campeonato da cidade. Por exemplo, Botafogo, Fluminense e Flamengo jogavam em São Januário contra o Vasco, ao passo que este enfrentava os primeiros em suas respectivas casas.

Antes do Maracanã, a configuração do futebol carioca era estruturada na relação entre “mandante” e “visitante”, isto é, os clubes mais importantes da cidade utilizavam seus próprios estádios para a realização das partidas. Por exemplo, o Fluminense mandava seus jogos no estádio das Laranjeiras desde o primeiro Campeonato Carioca, em 1906; o América, clube que até a inauguração do Maracanã era considerado grande, usava seu estádio na rua Campos Salles, na Tijuca, desde 1911; o Botafogo passou a receber seus jogos em General Severiano, no bairro homônimo ao clube, a partir de 1913; o Flamengo jogava no campo da rua Paysandu e, a partir dos anos 1930, na Gávea; e o Vasco, a partir de 1927, possuiria o maior estádio da cidade, sendo superado somente após a construção do Maracanã (ASSAF, 2010). Dessa maneira, como acontecera com Buenos Aires, os clubes e seus estádios funcionavam como centros referenciais no mando de seus jogos e no cotidiano das pessoas ainda na primeira metade do século XX⁴⁹.

Os números da tabela abaixo mostram como, no período pré-Maracanã, as partidas realizadas nos estádios particulares tinham uma certa regularidade em detrimento das partidas jogadas em estádios que operavam pela lógica da neutralidade, embora sem seguir a lógica do futuro Maracanã:

⁴⁹ É importante destacar que, à época, os deslocamentos entre a Zona Norte e a Zona Sul do Rio de Janeiro não eram simples, posto que para essa locomoção eram necessários meios transportes como o bonde, o que exigia certa logística (como horários e disponibilidade do transporte). Ademais, a característica geográfica da cidade, com seus maciços e alagadiços, não facilitava tais deslocamentos. Ir aos jogos em Bangu, por exemplo, demandava longo tempo de viagem. Portanto, a presença nos estádios ficava muito restrita à população do entorno dos mesmos.

Clássicos cariocas na Era Pré-Maracanã (até junho de 1950)			
Clássico	Total de jogos pré-Maracanã	Jogos em estádios neutros	Porcentagem de jogos em estádios neutros
Botafogo x Fluminense	111 jogos	22 jogos	20%
Vasco x Flamengo	80 jogos	25 jogos	31%
Vasco x Botafogo	84 jogos	24 jogos	28%
Vasco x Fluminense	88 jogos	18 jogos	20%
Botafogo x Flamengo	99 jogos	31 jogos	31%
Flamengo x Fluminense	132 jogos	32 jogos	24%

Tabela1: Clássicos pré-Maracanã. Fontes: Blog Jornalheiros; Flapedia; Netvasco; livro *História dos Campeonatos Cariocas de futebol 1906/2010*, de Roberto Assaf e Clóvis Martins.

Um ponto que merece ser destacado é que muitos jogos ditos neutros desse período pré-Maracanã são resultado das partidas realizadas pelo Torneio Início, Relâmpago e Municipal⁵⁰, campeonatos que serviam apenas como

⁵⁰ Estes torneios funcionavam como uma prévia para o Campeonato Carioca, o principal torneio para os clubes do Rio de Janeiro na época. Nestes três torneios, na grande maioria dos casos, os clubes não jogavam os clássicos em casa, mas num campo neutro. O Torneio Municipal teve apenas 8 edições entre os anos de 1938 e 1951; o Torneio Relâmpago, disputado pelos

preparativo para o grande acontecimento futebolístico da cidade: o Campeonato Carioca. Dessa forma, esses jogos, embora tivessem sua relevância, não tinham o peso de outros clássicos disputados no mesmo período. Por outro lado, mesmo que as partidas nos campos neutros resultassem numa minoria, já é possível vislumbrar que as rivalidades não tinham como pano de fundo a relação entre *mandante* e *visitante* tão latente em Buenos Aires.

No entanto, esse cenário em que os clubes cariocas jogariam em seus respectivos estádios com certa regularidade sofreu o maior de seus impactos e rupturas na virada da primeira para a segunda metade do século XX. Se na época do amadorismo Laranjeiras havia sido o ponto de referência do futebol carioca; se na fase seguinte, a de popularização e passagem para o profissionalismo, esse lugar privilegiado havia sido São Januário; agora, com o futebol profissionalizado já como manifestação capaz de parar o país e arrastar multidões aos estádios, surgiria um novo lugar privilegiado: o Maracanã. Este oficialmente chamado Estádio Municipal Mendes de Moraes, depois rebatizado como Estádio Mario Filho, em homenagem ao jornalista e entusiasta da construção do estádio naquela região da cidade, que por sua vez daria seu nome popular, Maracanã, construído e inaugurado para a IV Copa do Mundo de futebol, em 1950.

Contudo, como se verá a seguir, ainda que Laranjeiras e São Januário tenham sido pontos de referência de outrora no futebol carioca, nenhum dos dois provocou uma ruptura espacial tão grande quanto o Maracanã, pois, se até 1950, os clubes se enfrentavam com certa regularidade nos seus próprios estádios, esse novo equipamento provocaria dois movimentos simultâneos: a desterritorialização dos clubes de seus estádios e bairros, e sua imediata

principais clubes da cidade em um tiro curto de rodadas únicas, foi apenas disputado nos anos de 1943, 1944, 1945 e 1946, enquanto que o Torneio Início foi aquele de maior longevidade. Este torneio, iniciado mais precisamente em 1916 e organizado pela imprensa esportiva carioca, durou décadas e teve seu encerramento oficial em 1977. No entanto, este não foi disputado ininterruptamente. Entre 1967 e 1977, ano de seu encerramento de maneira oficial e definitiva, não houve nenhuma disputa. Para esse desfecho contribuíram algumas questões relativas ao futebol cada vez mais mercantilizado e profissionalizado, tais como o calendário nacional mais inchado em relação ao passado e os campeonatos ganhando mais importância e, assim, sendo disputados de maneira mais intensa.

reterritorialização no gigante de concreto do Maracanã.

Seria impossível afirmar o que teria acontecido com o futebol carioca caso não houvesse o Maracanã. Essa é uma questão muito especulativa. No entanto, aquilo que é passível de compreensão é a força aglutinadora do estádio após sua construção. O Maracanã, de fato, concentrou todos os momentos e sensações experienciados por todos os atores envolvidos nos acontecimentos desenrolados ali.

4.2. O MAIOR PALCO DO MUNDO CENTRALIZA O FUTEBOL CARIOCA

Em 1950, um novo marco mudaria definitivamente a história do futebol brasileiro, sobretudo o futebol carioca. A construção do então maior estádio do mundo para a realização da IV Copa do Mundo de futebol fazia parte de um amplo projeto de integração e unidade nacional que, por meio do discurso da miscigenação e da brasilidade, vinha sendo arquitetado desde a época varguista, nos anos 1930:

A ideia de construção de um estádio de proporções monumentais começou a ganhar corpo nos anos 30, quando o Brasil lutava para sediar a Copa de 1942. Em setembro de 1938, o presidente Getúlio Vargas chegou a receber, no Palácio do Catete, uma comissão que estudava a construção de um Estádio Nacional, que seria localizado na capital federal. Com a guerra, qualquer plano nesse sentido foi arquivado (SANDER, 2004, pp. 233-34)

Era importante, naqueles anos pós-guerra, concretizar a imagem de um Brasil forte no cenário mundial e, dessa forma, o Maracanã, pela sua imponência, seria a materialização das pretensões desse projeto de nacionalidade que visava mostrar a força e a pujança da nação brasileira, tendo no futebol um dos elementos principais desse processo. Além disso, o título tão esperado nesse torneio mundial apenas confirmaria o sucesso desse projeto nacionalista e exibiria de vez as qualidades do novo país que era forjado desde os tempos varguista.

Mais do que qualquer outro esporte, o futebol carrega consigo grande capital simbólico de representação da nação. E é justamente este caráter simbólico do esporte que permite despertar tamanha comoção entre os movimentos nacionalistas [...]. As vitórias no campo esportivo, especialmente no âmbito internacional, são encaradas como triunfos da nação. (DRUMOND, 2008, p. 12).

Após a aceitação de jogadores negros e de origem humilde nos clubes, sobretudo após o surgimento do Vasco nos anos 1920, o futebol brasileiro começou a ganhar uma personalidade própria, um estilo, chancelado por intelectuais da época que procuravam pensar e criar uma identidade nacional, caso destacado de Gilberto Freyre. O autor via no futebol brasileiro a marca indelével da miscigenação racial tão marcante no país, gerando assim nos mais variados campos espalhados brasileiros um estilo único de jogo, recheado de gingas e dribles, de uma individualidade sem igual, caracterizado pelo autor como dionisíaco, em contraponto apolíneo do europeu, mais racional e mecânico (construção dualística contemporânea e semelhante àquela do futebol argentino em relação ao europeu, sobretudo inglês).

A Copa do Mundo de 1938 – momento em que a participação do selecionado nacional chamou atenção pelo seu bom desempenho e pelo futebol envolvente de habilidade dos seus jogadores – seria o momento crucial para a difusão do futebol por todo território nacional, chamando atenção também das autoridades para sua força mobilizadora. No entender de Freyre, esse cenário serviria de base para a formação de uma “instituição considerável que o futebol tornou-se em nosso país” (2003, p. 24).

A partir de então, o futebol, ao lado de outras manifestações como o samba e as belezas naturais, passaria a figurar no imaginário coletivo como um produto tipicamente brasileiro, a despeito de sua origem britânica. A poucos metros do estádio, o CAPS (Centro de Atenção Psicossocial) Mané Garrincha, localizado nas cercanias do Maracanã, traz na sua fachada um mural que dispõem dos elementos mais representativos da imagem que se procurou construir e promover do Rio de Janeiro ao longo das décadas. Encontram-se juntos e misturados: o Cristo Redentor sobre o Corcovado, ressaltando as belezas naturais da “cidade maravilhosa”; o samba e seus instrumentos

característicos, exaltando a ginga e a boemia do malandro carioca; e o Maracanã, representando a grandeza e força do futebol brasileiro.



Fig.16: *Marcas registradas da cidade:* no CAPS (Centro de Atenção Psicossocial) Mané Garrincha, próximo ao estádio, alguns dos elementos que se permearam no imaginário coletivo ao longo dos anos: futebol (representado pelo Maracanã), samba e o Cristo Redentor.

A edificação do estádio para a Copa do Mundo – não só para a Copa, mas para outros eventos que tivessem efeitos positivos na imagem do país e da cidade – seria então resultado desse esforço de anos na constituição de uma identidade nacional. Ademais, como já fora falado, a constituição de identidade está sempre baseada na produção de uma imagem não só para si, mas também para o Outro. Portanto, sua construção grandiosa nesse momento

era a grande oportunidade para que o mundo conhecesse o país que julgávamos promissor e de cujo futebol muito nos orgulhávamos. O Rio de Janeiro, capital da República, “cidade maravilhosa” que encantava os estrangeiros por sua exuberância natural, seria o principal palco do evento. O campeonato mundial não se restringiria apenas a um confronto entre as melhores seleções do mundo e à disputa de uma taça de ouro. Poderia ser a ocasião para difundirmos a imagem do país que desejávamos (MOURA, 1998, p.23).

No entanto, essa construção não saiu do papel de maneira tão harmônica. O trabalho de Renato Soares Coutinho (2011) expõe os discursos conflitivos utilizados tanto a favor quanto contra o projeto do Maracanã. De um lado, o *Jornal dos Sports* na figura de Mário Filho que via na construção do estádio seria o resultado de um projeto modernizador do Brasil e um espaço de exercício da cultura nacional, de outro, a Tribuna da Imprensa, na figura de Carlos Lacerda,

que não aceitava que o futebol se tornasse um assunto de Estado e que, portanto, criticava duramente a construção de um estado gigante que apenas provocaria gastos públicos. A Nação, na visão do jornal, não poderia se confundir com uma partida de futebol. No final das contas, a linha seguida por Mário Filho saiu vitoriosa, pois o estádio foi construído no antigo Derby Clube, a região do bairro homônimo, e tornou-se um equipamento central na vida do brasileiro e do carioca.



Fig.17 e 18: *Presença e ausência:* mural, que antes mostrava os símbolos mais representativos do estádio Maracanã, fora durante a Copa do Mundo.

Na estação Maracanã que traz símbolos representativos da Copa do Mundo realizada no estádio em 1950. Da esquerda para a direita, estão justapostos a ave que dá nome ao bairro (Maracanã); Mario Filho, o grande entusiasta da construção do estádio neste ponto da cidade e do caráter pedagógico e de ascensão social do futebol; ao lado, a imagem do estádio e o logotipo da Copa de 1950, uma perna que, dominando uma bola, tem distribuído pelas meias as bandeiras de todos os países participantes. Esse grafite faz parte de um concurso organizado pelo Metrô Rio, chamado Copa Graffiti, e se baseia numa disputa entre grafites que tragam elementos representativos de cada estação da linha 2 do metrô carioca⁵¹. Na figura 18, o mesmo lugar onde

⁵¹ Para mais informações: *O Globo*. Grupos concorrem a prêmio de melhor grafite nos muros do metrô. Rio de Janeiro, 30 de out. 2012. Editorial Rio. <<<http://oglobo.globo.com/rio/grupos-concorrem-premio-de-melhor-grafite-nos-muros-do-metro-6595228>>> Acesso em 19/10/ 2013. Vale ressaltar, ainda, que a matéria, fazendo distinção entre pichação e grafite, chama atenção para o aspecto estético e colorido dos murais elaborados pelos grafiteiros. Desse modo, corrobora e reafirma a visão preconceituosa com os rabiscos e palavras que, seguindo essa

encontrava-se o mural está agora totalmente desprovido de qualquer representação. Para a realização da Copa do Mundo, o grande grafite foi apagado e em seu lugar aparece uma grande placa de anúncio da marca Sony. A ausência desse mural representativo da primeira Copa do Mundo no Brasil é contraditória neste período de realização de uma nova copa no país. Esse acontecimento deixa evidente que, mesmo os grafites institucionalizados e de grande impacto visual por suas dimensões e clareza de ideias, são instáveis e entram no jogo dialético da presença e ausência.

Este novo equipamento, fincado no coração da capital federal, funcionaria como uma metonímia da nação, onde todos os grupos sociais poderiam se encontrar e experimentar as mesmas sensações num único espaço em que se desenrolariam os grandes acontecimentos do futebol nacional e internacional.

Portanto, quando a cidade ainda era a capital federal, o estádio passou a ser visto por vários segmentos sociais como um equipamento de afirmação de uma identidade nacional através do futebol, demonstrando a capacidade do povo brasileiro em realizar grandes eventos mundiais. E o primeiro desses eventos desenrolados no Maracanã seria exatamente aquele de maior impacto trágico que já se abateu sobre os torcedores brasileiros: a derrota na final da Copa do Mundo de 1950 diante dos uruguaios, até este momento já bicampeões mundiais e olímpicos. Neste contexto, as palavras do geógrafo Christopher Gaffney resumem este início ambíguo da relação do estádio com o torcedor brasileiro, posto que saía da euforia da inauguração à tristeza da derrota marcante para o selecionado uruguaio, numa final que era dada como certa pela imensa maioria dos torcedores e especialistas naquela tarde de 16 julho de 1950:

The construction of the Maracanã for the 1950 World Cup consolidated the stadium as a powerful locus of Brazilian national achievement, social integration, and discourses of industrial democracy. More than 830.000 people attended soccer games in Rio de Janeiro in less than a month. The popular conflation of the Maracanã with the space of the city and nation augmented the significance of the 1950 World Cup – losing to the uruguayans in that space signified a defeat of the nation that continues to figure heavily in Brazilian national consciousness⁵²

lógica, estariam desprovidos de beleza.

⁵² Tradução livre: “A construção do Maracanã para a Copa do Mundo de 1950 consolidou o

(GAFFNEY, 2008, p. 75).

Por meio dessa sentença de Gaffney é possível retornar de maneira clarividente àquela expressão de Michael Pollak (1992) acerca das memórias e acontecimentos “vividos por tabela”, ou seja, viver aqueles fatos marcantes fora do espaço e tempo de suas gerações, mas que é sentida como se todos estivessem de corpo presente. E, de fato, diante da imensidão que naquela tarde vivenciou esse trauma, a impressão que se tem é a de que todos os brasileiros nascidos e não nascidos carregariam para sempre essa derrota inesquecível.

Todavia, apesar da derrota para o Uruguai na final do torneio mundial, o estádio começou a se transformar em um forte elemento agregador no imaginário coletivo do torcedor carioca. Ainda em 1950, após a campeonato mundial, os grandes clubes da cidade já passariam imediatamente a atuar com grande frequência no estádio, especialmente nos clássicos; e este processo foi se intensificado com o passar dos anos. Os clubes grandes da cidade mandavam seus jogos em casa somente contra os times citadinos de menor apelo público. Por outro lado, todos os clássicos passaram a se concentrar no Maracanã, que se localiza numa área mais central da cidade, ponto estratégico que facilitaria o deslocamento dos clubes e seus torcedores pela cidade. Desse modo, a importância dos estádios próprios foi arrefecendo.

Com o passar do tempo, Botafogo, Fluminense e Flamengo já quase não utilizavam seus respectivos estádios – somente o Vasco, em jogos não envolvendo os rivais da cidade, continuaria atuando com frequência em São Januário. Desse modo, a partir de 1950 esses três clubes adotam o Maracanã de fato como a própria casa, utilizando-o para todas as partidas em que fossem visitantes, independente do visitante – somente a partir de 2007, o Botafogo “readquire” um estádio próprio, uma vez que arrenda o estádio olímpico João

estádio como um lugar poderoso de realização nacional, integração social e discursos de democracia industrial. Mais de 830.000 pessoas assistiram aos jogos no Rio de Janeiro em menos de um mês. A fusão popular do Maracanã com espaços da cidade e nação aumentou a significância da Copa do Mundo de 1950 – perdendo para os uruguaios naquele espaço significou uma derrota da nação que continua a figurar pesadamente na consciência nacional”.

Havelange, popularmente conhecido como Engenhão, construído para os jogos Pan-Americanos daquele ano, mas mesmo após esse evento o Botafogo ainda mandou muitos dos clássicos no Maracanã, até seu fechamento total para as obras em 2010, o que reafirma a importância do estádio no cenário do futebol carioca⁵³.

Portanto, ao longo de todas essas décadas pós-Maracanã, dos grandes clubes cariocas, somente São Januário, do Vasco da Gama, ainda preservou sua funcionalidade como estádio de futebol. Mesmo que tenha recebido poucos clássicos da cidade, como atestam os números apresentados acima, já que os estádios dos outros clubes cariocas basicamente tornaram-se lugares simbólicos e/ou de treinos dos clubes, São Januário é rotineiramente utilizado pelo clube e, assim, mantém uma relação física e simbólica com seu entorno.

O papel centralizador do Maracanã como ponto de convergência do imaginário dos torcedores dos clubes cariocas é também expresso em representações imagéticas por pontos da cidade, como no caso da Mangueira, bairro próximo ao estádio. Um grande mural que traz a representação dos quatro grandes clubes da cidade dispostos lado a lado, divididos em dois lados. As duas imagens abaixo fazem parte de um mesmo grande mural, em que cada lado traz os símbolos dos clubes. No centro, dividindo os dois enquadramentos clubísticos, o símbolo da Estação Primeira de Mangueira, escola de samba do bairro em questão, associando a imagem do carnaval com a do futebol, sem distinção entre os clubes.

Sobre este ponto, cabe mencionar o artigo de Ronald Clay dos Santos Ericeira – *Escolas de samba: território e processos de identificação social* (2009). O autor demonstra como as escolas de samba desencadeiam identificações sociais por meio de processos simbólicos ligados ao território em que estão inseridas. As disputas com as escolas vizinhas e as formas de sociabilidades

⁵³ Esse fenômeno pode ser observado principalmente nos jogos finais dos Campeonatos Cariocas de 2008, 2009 e 2010, que foram disputados entre Flamengo e Botafogo no Maracanã, e não no Engenhão, mesmo em jogos cujo mando era do Botafogo. Esse panorama só se inverte entre 2011 e 2013, onde as finais se dão no estádio João Havelange, uma vez que o Maracanã estava em obras para adequação do mesmo à Copa do Mundo que se realizará no Brasil em 2014.

que estreitam os laços entre os torcedores promovem demarcações específicas no bairro. O autor cita a emblemática rivalidade entre os torcedores e sambistas da Portela e do Império Serrano, ambas localizadas no bairro de Madureira. Na região da Grande Tijuca, por exemplo, há inúmeras escolas que estão ligadas ao bairro (tanto à favela quanto ao asfalto): casos de Vila Isabel (bairro homônimo e ligado aos moradores do bairro em que se localiza o morro dos Macacos, Unidos da Tijuca, no bairro da Tijuca e vinculada aos moradores do morro do Borel; Salgueiro, também do bairro da Tijuca e ligado ao morro homônimo; Império da Tijuca, mais próximo ao morro da Formiga; Estácio de Sá, ligado ao morro do São Carlos e ao bairro do Estácio, próximo à Tijuca. Sobre essa última, citando o Nei Lopes, Ericeira aponta que as cores vermelha e branca desta escola teriam sido escolhidas por causa do clube de futebol vizinho América, ressaltando a relação entre futebol e carnaval.

Dessa forma, pode-se concluir que existe uma relação na lógica de territorialidade do carnaval carioca com o futebol portenho, tendo em vista que em ambos os casos o espaço social (o bairro) é apropriado pelos grupos sociais como forma de estabelecer rivalidades e sociabilidades, apresentando representações simbólicas (tais como os grafites) que reforçam esses laços de pertencimento. Portanto, “as dimensões simbólicas, como o uso de cores, e a ligação afetiva com determinados espaços urbanos onde estão localizadas as quadras de suas agremiações carnavalescas são elementos centrais na construção das identidades sociais dos torcedores das escolas de samba”. (ERICEIRA, 2009, p. 11-12).



Fig.19 e 20: *Clubes justapostos:* na Mangueira, um grande mural que traz a representação dos

quatro grandes clubes da cidade dispostos lado a lado, junto ao símbolo da agremiação carnavalesca.

Ao contrário dos números entre os rivais da cidade mostrados no período pré-construção do Maracanã – que mostravam a utilização dos estádios particulares como uma característica comum – os números pós-1950 mostraram-se diametralmente opostos. Em todos os grandes clássicos promovidos na cidade após a construção do estádio, a percentagem de jogos realizados no Maracanã ultrapassa os 80%. Senão vejamos:

Clássicos cariocas na Era pós-Maracanã (1950 até os dias atuais)			
Clássico	Total de jogos pós-Maracanã	Jogos no Maracanã	Porcentagem de jogos realizados no Maracanã
Botafogo x Fluminense	239 jogos	192 jogos	80%
Vasco x Flamengo ⁵⁴	279 jogos	238 jogos	85%
	287 jogos	246 jogos	86%
Vasco x Botafogo	239 jogos	193 jogos	81%

⁵⁴ Números pesquisados em locais diferentes e que apresentam pequena margem de diferença, sem, contudo, interferirem de modo a prejudicar o interesse do trabalho. Os números de cima foram recolhidos e contabilizados no site Netvasco, enquanto que os números de baixo no site Flapedia. Embora os números não coincidam com precisão, o que cabe de relevante para o trabalho é mostrar a grande presença de jogos no Maracanã, e isto ambas as fontes mostram com limpidez.

Vasco x Fluminense ⁵⁵	260 jogos	223 jogos	86%
	266 jogos	230 jogos	86%
Botafogo x Flamengo	253 jogos	225 jogos	89%
Flamengo x Fluminense	256 jogos	222 jogos	87%

Tabela 2: Clássicos na era pós-Maracanã. Fontes: Blog Jornalheiros; Flapedia; Netvasco; livro *História dos Campeonatos Cariocas de futebol 1906/2010*, de Roberto Assaf e Clóvis Martins.

Percebe-se, aqui, como os clássicos disputados entre os principais clubes da cidade acontecem num único ponto. Raras foram as vezes em que isso não ocorreu; e, quando ocorreu, os motivos principais foram: ou os clubes faziam amistosos fora do Rio de Janeiro, já que possuem uma grande massa torcedora fora da cidade, ou o Maracanã encontrava-se fechado naquele período, como ocorreu em 1992, após o rompimento da mureta na final do Campeonato Brasileiro entre Botafogo e Flamengo, e o fechamento para as obras do Pan-Americano de 2007 e, mais recentemente, para as grandes obras visando a Copa do Mundo de 2014 e as Olimpíadas de 2016. Nesse período, vale dizer, os estádios substitutos continuaram a funcionar pela lógica da neutralidade do Maracanã, sobretudo no caso do Engenhão e do estádio Raulino de Oliveira em Volta Redonda.

Como foi mostrado, cada clube já possuía seu estádio próprio ainda na metade do século XX, tal qual ocorrera em Buenos Aires, portanto, ficaram estabelecidos os campos de atuação dos principais clubes cariocas, onde de alguma maneira havia a possibilidade do mando de campo diante de um rival que viria de outro ponto da cidade. A construção do Maracanã, no entanto, alterou esse perfil, ao concentrar todos os grandes acontecimentos envolvendo

⁵⁵ Mesmo caso da nota acima, com a diferença de que, ao invés do site Flapedia, os números de baixo desta vez foram extraídos do blog Jornalheiros.

os grandes clubes da cidade num único espaço, sob a idéia da igualdade de possibilidades tanto para os torcedores que acessariam aquele espaço quanto para os times, que passariam a jogar num estádio público, e não mais particular.

Vale apontar, seguindo esse raciocínio, que o entendimento de estádio neutro é bem diferente entre os dois períodos, uma vez que, mesmo quando uma partida era jogada sem possuir formalmente um mandante e um visitante, os estádios utilizados invariavelmente pertenciam a algum clube: os estádios estariam sempre ligados a algum rival local. O termo “neutro” do período pós-Maracanã, por outro lado, releva o caráter igualitarista tanto na disposição dos torcedores no estádio quanto na própria natureza do equipamento, qual seja, o de não-pertencimento exclusivo a nenhum clube da cidade – o estádio sempre pertenceu ao poder público, primeiro à prefeitura, depois ao governo do estado. Nos clássicos, dessa forma, todos são mandantes e visitantes ao mesmo tempo, sem uma delimitação precisa do papel de cada um dos agentes envolvidos.

Mesmo após perder o status de capital política para Brasília, em 1960, o estádio continuou funcionando como um equipamento para os grandes eventos esportivos nacionais e internacionais, como os recentes Jogos Pan-americanos de 2007. Hospedando não apenas os jogos emblemáticos da seleção brasileira – como a final da Copa do Mundo de 1950; a despedida da seleção contra o Paraguai em 1969, naquele que seria considerado documentalmente o maior público da história do estádio⁵⁶; o título, depois de 40 anos, da Copa América de 1989 contra o Uruguai, reeditando a traumática final de 1950; o show do Romário contra o mesmo Uruguai pelas eliminatórias de 1993, quando a seleção classificou-se para a vitoriosa Copa de 1994 –, o Maracanã foi palco de eventos envolvendo clubes de outros estados, por exemplo, caso da invasão corintiana, na semifinal do Campeonato Brasileiro de 1976.

Os grafites a seguir reforçam os acontecimentos grandiloquentes que se associam à seleção nacional em Copas do Mundo. Da esquerda para a direita, o primeiro, localizado em Vila Isabel, bairro próximo ao Maracanã, mostra a

⁵⁶ Números oficiais apontam que o público presente foi de 183.341 pagantes, sem contar o número de gratuidades, o que, sem dúvida, aumenta o número total de presentes.

conquista da Copa de 1994, nos Estados Unidos. Esse título só foi possível graças à memorável atuação de Romário no Maracanã, contra o Uruguai, que deu a vaga nas eliminatórias para a seleção. O segundo grafite representa a Copa de 2002. O fato curioso neste grafite é que ele se encontra em Laranjeiras, muito próximo ao estádio e à sede do Fluminense. No entanto, pelo menos nas pesquisas de campo feitas para esse trabalho, não foi encontrado nenhum grafite que remeta ao clube das Laranjeiras. Outro ponto a ser ressaltado é que esses dois grafites fazem parte de uma iniciativa de uma marca cerveja e de uma de tintas cujos temas deveriam ser todas as Copas do Mundo, tendo o Brasil vencedor ou não. Nomeado de “Rua Gente Boa”, o concurso foi realizado em 2010, ano em que copa foi realizada na África do Sul, e teve grafites espalhados por toda a cidade. Nem todos ainda estão visíveis ou são encontráveis, posto que já foram cobertos ou removidos.



Fig: 21-22: *Conquistas mundiais:* dois grafites que representam conquistas da seleção nacional em Copas do Mundo. O primeiro, localizado em Vila Isabel, bairro próximo ao Maracanã, mostra a conquista da Copa de 1994, nos Estados Unidos. O segundo grafite representa a Copa de 2002, em Laranjeiras.

De todos os eventos ligados ao Maracanã citados anteriormente, um em especial chama atenção por não estar relacionado a nenhum time da cidade e nem mesmo à seleção: a recepção no estádio dos jogos do Santos de Pelé, onde realizou suas partidas decisivas do Campeonato Mundial de Clubes de 1963, contra o Milan. Após perder na Itália, o Santos conseguiu vencer o segundo jogo de volta no Maracanã, levando a um terceiro jogo, de desempate, no dia seguinte. Pelé, machucado, não atuou nesta partida, mas, ainda assim, o

time sagrar-se-ia campeão após mais uma vitória no estádio. Além disso, Pelé fez seu milésimo gol, em 1969, contra o Vasco, no Maracanã, apesar das dúvidas que pairam sobre a legitimidade desse evento. Vale ressaltar que o Santos possui seu estádio (Vila Belmiro, em Santos), embora este fosse pequeno demais para comportar a expectativa de público em torno da equipe; contudo já haviam sido construídos em São Paulo os estádios do Pacaembu, em 1940, e do Morumbi, 1960, com maior capacidade de público – estádios também utilizados pela equipe santista ao longo dos anos. Como não poderia deixar de acontecer, o rei do futebol brasileiro também tem sua representação marcada nos muros da cidade em que se localiza o Maracanã. Reforçando os feitos de Pelé no estádio, nota-se que ele não usa a camisa da seleção nacional, mas sim a do Santos. Garrincha é outro jogador que não veste a camisa de seleção, mas sim a do Botafogo. Contudo, além de ser um time da cidade, Garrincha e Botafogo são duas marcas indissociáveis quando se trata de Maracanã. Sua figura carismática coloca-se acima das rivalidades mais ásperas que acontecem no futebol carioca. Desta forma, sua imagem com a camisa do clube alvinegro de General Severiano não foi maculada por torcedores de outros clubes. Esse longo mural conta ainda com nomes como Romário, Taffarel, Didi, Nilton Santos e outros jogadores que marcaram a história do futebol brasileiro e foi organizado por um grupo de grafiteiros que resolveu dar ao projeto o nome de *Grafite Futebol Arte*.



Fig.23: *Pelé santista*: grafite de Pelé, com a camisa do Santos, localizado na sede da Associação de Basquetebol de Veteranos do RJ, na Praça da Bandeira.

É interessante observar que mesmo com esses outros equipamentos mais próximos, a escolha do Maracanã para abrigar tais eventos se dava tanto pela sua importância simbólica quanto pelo seu tamanho e capacidade. Desse modo, é possível afirmar que a construção do Maracanã alterou a disposição territorial do futebol carioca, ao concentrar para si todos os grandes acontecimentos dos principais clubes da cidade, e como consequência, o imaginário do torcedor, que passa a ver no estádio não somente a sua casa, mas a casa do futebol carioca e, também, do futebol nacional.

Portanto, nada mais sintomático do que a centralização aglutinadora ser encontrada num equipamento de dimensões colossais, capaz de abrigar verdadeiras multidões, localizado no centro geográfico da cidade. O Maracanã, assim, operou como um nexo simbólico do futebol numa cidade que se vê esvaziada de elementos localistas e pouco ou nenhum uso dos estádios próprios nos jogos entre os rivais da cidade. É assim que, como no título do livro de Gisella de Araújo Moura (1998), “o Rio corre para o Maracanã”.

Esse fenômeno de centralização do Maracanã poderia imediatamente levar ao pensamento de que o estádio funcionou como um elemento desterritorializador dos torcedores da cidade, que ver-se-iam assim desprovidos de uma territorialidade, um pedaço, nos termos já analisados no capítulo portenho. No entanto, e aqui corroborando com Rogério Haesbaert, a unilateralidade desse processo opera mais como mito do que como realidade:

o mito da desterritorialização é o mito dos que imaginam que o homem pode viver sem território, que a sociedade pode existir sem territorialidade, como se o movimento de destruição de territórios não fosse sempre, de algum modo, sua reconstrução em novas bases (HAESBAERT, 2012, p. 16)

O Maracanã, nessa perspectiva, operou as duas funções: a de desterritorialização, retirando a funcionalidade dos estádios próprios; e sua imediata territorialização em um novo contexto, acolhendo os grandes jogos locais, nacionais e mundiais. É verdade que no Rio o papel territorial, como se tentou mostrar, não tem a mesma relevância percebida em Buenos Aires, – onde o território é indissociável dos clubes e da comunidade de torcedores – mas

ainda assim seria arriscado apontar que o futebol carioca é desterritorializado, ou seja, vazio de espaços, sem sentido. Seria injusto incorrer nesse erro. Há, sim, um processo de territorialização, mas numa lógica diversa daquela apresentada em Buenos Aires. A vida do futebol carioca encontra-se concentrada e, portanto, territorializada, num único ponto de referência: o estádio Mário Filho. Desde 1950 é impossível pensar nos grandes acontecimentos futebolísticos do Rio de Janeiro e do Brasil sem ter o Maracanã como referência principal. Contudo, com as últimas obras realizadas para uma nova Copa Mundo no estádio, desta vez a de 2014, novos questionamentos ficam no ar sobre o papel a ser desempenhado pelo Maracanã nesse novo modelo de equipamento – denominado por boa parte dos especialistas no assunto como “arenas”. É o que tentarei explicar a seguir.

4.3. UM NOVO MARACANÃ?



Fig.24-25: *Discursos opostos:* essa sequência mostra dois grafites, um próximo ao outro, em que as representações discursivas são conflitantes: o primeiro exibe elementos que exaltam o futebol, a Copa do Mundo e o seu mascote, fuleco; no segundo caso, o mesmo fuleco aparece em clara sugestão de que está se apropriando do Maracanã de modo duvidoso, ao lado de um personagem com rosto de porco (capitalista).

Início esta seção com esses dois murais acima para ressaltar o aspecto conflitante que os discursos grafiteiros também tomam em torno do futebol. O primeiro (figura 24, à esquerda) é parte do mesmo projeto de exaltação do futebol e da Copa Mundo na cidade e encontra-se no mesmo local (estação Maracanã da linha 2 do metrô) que aquele que abriu esse subcapítulo, com os

elementos ligados ao Maracanã. Nessa parte do mural, encontram-se unidos num mesmo enquadramento os jogadores que representariam os grandes clubes da cidade. Da esquerda para a direita: Garrincha, representante do Botafogo; Fred, do Fluminense; Roberto Dinamite, Vasco; Zico, Flamengo. Ao lado dos jogadores, o tatu como mascote oficial da Copa do Mundo de 2014. A poucos metros do primeiro mural, no mesmo paredão que atravessa a Avenida Radial Oeste, o mesmo mascote aparece um outro (figura 25, à direita), desta vez sob um outra lógica; não para exaltar, mas para criticar a Copa no Brasil e a intervenção brusca no Maracanã. Na imagem, o tatu e uma figura que se assemelha ao ex-jogador e polêmico defensor da copa Ronaldo travestem um terno e, acima, uma frase com os dizeres *O maraca é nosso*, numa clara reapropriação da canção entoada pelos torcedores nas arquibancadas.

As últimas obras no estádio para a Copa de 2014 e as Olimpíadas de 2016 alteraram radicalmente a morfologia do estádio, implicando na perda de sua monumentalidade e gigantismo de outrora, além de interferir na maneira de torcer e agir no seu interior. Esta foi a obra de maior porte realizada no monumento até hoje, depois de sua inauguração. Uma obra que alterou não só detalhes ou fez melhorias pontuais relativas ao conforto e à segurança do torcedor, mas que alterou radicalmente suas características originais, como atesta a modificação da tradicional marquise, por exemplo. Hoje, a capacidade máxima do estádio, que já comportou um contingente humano de mais de 180 mil pessoas, não ultrapassa mais a capacidade de 80 mil espectadores. O que acontece atualmente com o Maracanã e seu entorno⁵⁷, contudo, faz parte de um

⁵⁷ As obras de adequação do Maracanã para a Copa do Mundo de 2014 atingiram não só o monumento, mas também o seu entorno, que passou também por grandes alterações. Assim, não só o estádio foi remodelado para abrigar novos tipos de torcer, como também algumas áreas de seu entorno passaram por um processo semelhante de exclusão de vários agentes sociais que ali viviam e de seus modos de viver, uma vez que uma remoção faz com que se percam alianças comunitárias ou identitárias construídas naquele espaço. É o caso, por exemplo, da Favela do Metrô que se apresentava como um entrave nas obras de acessibilidade ao Maracanã e, por isso, começou a ser desmontada em 2010, deixando mais de 600 famílias a mercê da realocação providenciada pela prefeitura – que nem sempre abrange a todos os envolvidos nessas remoções, gerando revolta de moradores atingidos. Para mais informações: *O Globo*. Moradores de favela voltam a fechar a Radial Oeste em protesto contra derrubada de casas. Rio de Janeiro, 07 de jan. 2014. Editorial Rio <<<http://oglobo.globo.com/rio/moradores-de-favela-voltam-fechar-radial-oeste-em-protesto-contraderrubada-de-casas-11238663#ixzz2pr5ZrXgC>>>

projeto mais amplo de reestruturação dos estádios por todo mundo, projeto este que, como não poderia ser diferente, começou pela Inglaterra nos anos 1980.

Nas últimas décadas, sobretudo nos polos mais ricos do futebol (como Inglaterra, Alemanha, Espanha), há um desenfreado remodelamento de antigos estádios. Estas novas arenas, termo que acompanha esta mudança, são espaços mais reduzidos, individualizados e com um aparato de segurança equivalente àqueles encontrados nas grandes instituições. No interior dos estádios existe um total controle e rigidez por parte dos seguranças e suas tecnologias. Cada movimento dos torcedores dentro e fora dos estádios é monitorado e disciplinado, tal controle não é mais feito tão somente com os seguranças *in loco*, mas por meio de câmeras.

Se, ao longo da história do futebol, eram os jogadores que se autocontrolavam por saberem ser observados pelo público presente ao estádio, agora são os torcedores que, por meio de uma vigilância disseminada (eletrônica e humana), controlam suas ações mais exaltadas na hora de torcer – tais como agressões no interior dos estádios, violência contra o patrimônio etc, o que remonta às novas formas de panoptismo⁵⁸:

O Panóptico funciona como uma espécie de laboratório de poder. Graças a seus mecanismos de observação, ganha em eficácia e em capacidade de penetração no comportamento dos homens; um aumento de saber vem se implantar em todas as frentes do poder, descobrindo objetos que devem ser conhecidos em todas as superfícies onde este se exerça (FOUCAULT, 1999, p. 228).

Podemos materializar todas essas elucidações no atual Maracanã. Externamente, sua monumentalidade arquitetônica, que se enquadrava com a

⁵⁸ Atualmente, esse fenômeno é mais bem presenciado nos estádios ingleses, especialmente após as tragédias de Heysel, em 1985, e Hillsborough, em 1989, quando a arquitetura dos estádios passou por mudanças que são vistas hoje. Durante o governo de Margareth Thatcher (1979-1990), o hooliganismo foi encarado como uma patologia social que deveria ser extinta a qualquer custo da sociedade. Por muitos anos a torcida do Liverpool foi responsabilizada por esse acontecimento, no entanto, em 2012, foi comprovada a manipulação no relatório Taylor, que determinou essas mudanças pelo governo neoliberal de Thatcher, acompanhado de um histórico pedido de desculpas do primeiro ministro David Cameron. Essa manipulação foi a maneira imediata de condenar os torcedores, inclusive os mortos, e acelerar uma espécie de higienização nos estádios de futebol. A partir de então, disseminou-se pelo mundo essa nova política de estádios estruturados como arenas.

formação topográfica da cidade, ficou comprometida pelas várias reformas e pelo desrespeito às leis de preservação patrimonial do IPHAN⁵⁹. Internamente, seu impacto visual é ainda mais intenso. Sua disposição de outrora – com geral, cadeiras, tribunas e arquibancada – foi radicalmente alterada. Em outras palavras, o estádio, esteticamente, tornou-se mais um entre tantos estádios (ou, de acordo com a nova denominação, arenas). Sua morfologia que privilegia a individualidade, consagrada pela imposição das cadeiras numeradas por todo o estádio, pode trazer consequências mais amplas no que tange à memória e identidade social dos torcedores no Rio de Janeiro, tendo em vista que tanto o patrimônio material (a arquitetura do estádio) quanto o imaterial (as novas formas de se comportar e torcer nessas novas configurações alteram as antigas formas dos torcedores se expressarem) são modificados, resvalando diametralmente na, se assim podemos denominar, pedagogia do torcer. A arquitetura atual reflete o novo público-alvo, isto é: o de consumidor de entretenimento, e não mais o de um torcedor que vai ao estádio para renovar os ritos coletivos que faziam parte de sua existência. Além disso, a individualização sob esta forma arquitetônica permite que os torcedores sejam inseridos de maneira mais evidente no espetáculo construído em torno das partidas. Evidenciado diante das imagens televisas, os torcedores promovem maneiras de torcer que chamam a atenção pela estética, como o atestam os mosaicos tão

⁵⁹ Em matéria investigativa do canal de esportes ESPN Brasil, encabeçada pelos jornalistas Gabriela Moreira e Lúcio de Castro, ficou comprovado o desrespeito à lei de tombamento do IPHAN. De acordo com a matéria, a marquise do estádio não poderia ser descaracterizada por estar protegida pelo art. 17 do Decreto-Lei 25/1937. A investigação aponta, ainda, que o responsável pela assinatura que permitiu a desconfiguração da marquise do estádio é Carlos Fernando de Souza Leão Andrade, ex-superintendente do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) e funcionário público do Estado do Rio de Janeiro. Esse evento escancara um verdadeiro desrespeito por um dos mais reconhecidos e funcionais patrimônios públicos da cidade do Rio de Janeiro. O Maracanã é um equipamento que está mergulhado nas lembranças dos torcedores e funcionava como um importante espaço de sociabilidades na cidade. Essa descaracterização na sua arquitetura, no futuro, poderá alterar profundamente essas relações até então construídas, pois o novo espaço é menos inclusivo, pela elevação no valor dos ingressos, e menos espontâneo, pelo aspecto atomizado das cadeiras numeradas. Para mais informações sobre o assunto, ver: Dossiê Maracanã: superintendente do IPHAN que autorizou bota-abaxo é funcionário do Governo do Estado. *ESPN Brasil*, Rio de Janeiro, 21 de maio de 2013. <<http://www.espn.com.br/noticia/330860_dossie-maracana-superintendente-do-iphan-que-autorizou-bota-abaxo-do-maracana-e-funcionario-do-governo-do-estado>>

disseminados pelas arquibancadas do mundo.

Embora sua estrutura tenha sido radicalmente alterada, num acontecimento que atingiu proporções escandalosas e produziu intensas manifestações nas ruas contra as obras que desrespeitaram leis patrimoniais e renderam custos exorbitantes, ainda é cedo para afirmar que esse novo projeto resultaria, irremediavelmente, na total exclusão dos torcedores com menor poder aquisitivo. Contudo, não seria equivocado afirmar que o modelo proposto se configura no avesso de seu projeto original; ou seja, em vez de ser um espaço capaz de agregar todas as camadas sociais sob o signo da igualdade democrática e popular, tornando-se um ponto de referência para todos os cariocas e brasileiros, o estádio se converteria num espaço mais individualizado (com suas cadeiras individuais em todos os pontos) e de um público-alvo diferenciado por meio dos preços mais elevados⁶⁰.



Fig.26: *Revolta e vazão:* grafite na região da Mangueira que reproduz a capa do Jornal da Tarde de 1982, após a derrota traumática da seleção. Esta construção foi uma das tantas outras demolidas e não se encontra mais no local.

⁶⁰ Segundo recente pesquisa da PLURI consultorias, nos últimos 10 anos o valor dos ingressos sofreu um salto de 300%, onde o mais barato passou de R\$ 9,50 para R\$ 38. No mesmo período, de acordo com a pesquisa, a cesta básica subiu 84% e o salário mínimo aumentou 183%. De acordo com uma matéria do site UOL do dia 12/09/2013, a média dos preços dos ingressos no atual Maracanã é 30% maior do que nos outros estádios do Brasil – R\$ 46,86, valor 30% maior do que a média da entrada em todos os outros estádios do Campeonato Brasileiro, que custa R\$ 35,91. Quando a comparação é feita apenas com os estádios não reformados para a Copa do Mundo, a diferença ultrapassa os 90%. A entrada nesses estádios mais antigos custa em média R\$ 23,68. Ou seja, os preços no Maracanã dificultam o acesso dos torcedores economicamente desfavorecidos. Para informações detalhadas: Brasil, País do ingresso mais caro do mundo! *PLURI especial*, 13 de maio 2013. <<<http://www.pluriconsultoria.com.br/uploads/relatorios/PLURI%20eSPECIAL%20-%20ingresso%20mais%20caro%20do%20mundo.pdf>>> Acesso em 20/11/2013.

O grafite acima está localizado na região da Mangueira, numa parte conhecida como Favela do Metrô, próxima ao estádio do Maracanã. Aqui, casas estão sendo demolidas como argumento das melhorias para a Copa de 2014. O curioso nesta imagem é que o elemento principal foi retirado de um momento de dor e frustração para a torcida brasileira: a derrota na Copa de 1982, naquela que é considerada a melhor geração brasileira pós-Pelé e Garrincha. Essa imagem do menino chorando é real e foi a capa premiada do Jornal da Tarde do dia seguinte à derrota para a seleção italiana, no episódio que ficou conhecido popularmente como “a tragédia de Sarriá”. Portanto, pode-se concluir que essa representação imagética se inspirou num momento de dor esportiva com a seleção nacional na Copa de 82 para expressar o sofrimento de uma população local em decorrência de uma outra Copa de 2014. Hoje, essa casa e, conseqüentemente, esse grafite não existem mais, derrubada pelo poder público.

4.4. O FUTEBOL CARIOCA E A SÍNTESE MARACANÃ

O rito da transgressão, tão percebido no futebol portenho, não se faz presente de maneira visível no futebol carioca. A natureza institucional – ou quase institucional – dos grafites reforçam a maneira pela qual o futebol se dispôs no Rio de Janeiro após a construção do Maracanã como projeto englobante das representações referentes ao futebol na cidade e no país. O confronto entre grupos de torcedores na defesa e exaltação do território cede espaço a um espírito pretensamente harmônico, embora os conflitos sempre estejam presentes⁶¹.

A preocupação com o aspecto estético e nacional, ao contrário da

⁶¹ Para mais sobre o tema das rivalidades e conflitos – físicos e simbólicos – entre os membros das torcidas organizadas no Brasil, com especial destaque para as torcidas cariocas, ver os trabalhos de Maurício Murad (2007), que segue um viés sociológico da violência no futebol e faz uma demonstração estatisticamente desse fenômeno; de Bernardo Buarque de Hollanda (2009), que faz uma genealogia histórica dessas formações organizadas no Rio de Janeiro; e de Luiz Henrique de Toledo (1996), que faz um percurso antropológico das torcidas organizadas em São Paulo, com suas formas de sociabilidade e disputas, sobretudo após o violento conflito, mostrado ao vivo, entre Palmeiras e São Paulo pela Copa São Paulo de juniores.

primazia territorial e clubística de Buenos Aires, torna-se mais bem compreendida no exemplo do artista de rua vascaíno Marcelo Eco. Convidado para fazer um grafite com referência ao futebol em Paris, o grafiteiro não titubeou em fazer um que representasse o clube do coração. No entanto, ao declarar o porquê de não fazer um trabalho semelhante no Rio de Janeiro, Eco salienta que “pela rivalidade, fica difícil fazer um trabalho desse aqui no Brasil. As pessoas acabam estragando. Sei que lá minha arte ficará bem exposta”⁶². As palavras de Eco deixam entrever que o grafite como uma forma de marcação territorial, ação sujeita a reações rivais que colocam em risco a integridade da obra, não é uma marca latente no futebol carioca. Vale ressaltar de que o foco deste trabalho não está centrado naquelas marcações relativas às torcidas organizadas, com seus códigos e ações muito específicas, aos quais só são compreendidos por aqueles que os dominam, mas ao futebol de uma maneira palatável, inteligível e acessível a todos cotidianamente.

Há, evidentemente, grafites que ressaltam os grandes feitos clubísticos nos bairros de origem dos clubes, como é o caso do mural dos ídolos do Botafogo em frente à sede do clube em General Severiano. Este mural consiste num trabalho de integrantes da torcida organizada *Loucos pelo Botafogo* – torcida esta fortemente inspirada na maneira de torcer dos argentinos – que tem como foco principal exaltar os ídolos e o clube⁶³. Desse modo, a iniciativa desse grafite clubístico no bairro de

⁶² Cf. *Globo.com*. Artista brasileiro grafita camisa do Vasco em muro de Paris. 17 jun. 2011. Esportes, Seção Vasco da Gama. <<<http://globoesporte.globo.com/futebol/times/vasco/noticia/2011/07/artista-brasileiro-grafita-camisa-do-vasco-em-muro-de-paris.html>>> Acesso em 15/11/2013.

⁶³ Nos últimos anos assiste-se à ascensão de novos movimentos de torcedores organizados no Rio de Janeiro. Assim como acontece com a *Loucos pelo Botafogo*, os outros clubes da cidade também veem surgir torcidas que seguem a lógica do torcer argentino: no Vasco, a *Guerreiros do Almirante*; no Flamengo, a *Urubuzada*; no Fluminense, *Legião Tricolor*. Estas torcidas diferenciam-se das organizações mais antigas e tradicionais, pois seguem um padrão linear e compassado nos cânticos, assim como acontece na Argentina e em outros países latino-americanos, e pregam a não-violência (indo na contramão inclusive das atitudes de muitas barrabravas argentinas). Assim, até mesmo as iniciativas de exaltação do clube nos muros da cidade, como é o caso daquele feito pela *Loucos*, também se distanciam das formas mais tradicionais de marcação nas paredes feitas pelas torcidas organizadas mais antigas da cidade (as torcidas jovens surgidas sobretudo no final dos anos 1960 e começo dos 1970), que se notabilizaram historicamente pelas grafias e assinaturas muito específicas de seus códigos de

origem, característica notadamente do futebol portenho, reforça as diferenças entre as duas cidades, configurando-se numa exceção que confirma a regra.



Fig.27-28: *Inspiração portenha:* mural em frente à sede do clube Botafogo, no bairro homônimo, feito por uma torcida organizada inspirada no modelo portenho de torcer e se manifestar.

Por essas demonstrações feitas aqui é que se percebe a força desse projeto de constituição de uma identidade nacional por meio do futebol. Iniciado nos anos 1930 e concretizado pela construção do Maracanã, este projeto permeia o imaginário do torcedor carioca, que vê neste monumento gigantesco um espaço capaz de representar suas práticas de torcedor.

Após a construção do estádio, como vimos, as rivalidades no futebol carioca viram sua relação dialética entre mandante e visitante esvaziarem-se, concentrando-se a partir de então num único equipamento, de natureza mais imparcial: as duas torcidas, *a priori*, tem possibilidades igualitárias de preenchimento do seu espaço no estádio, sendo irrelevante a disparidade quantitativa das torcidas cariocas⁶⁴. Além disso, foi no estádio que os grandes acontecimentos do futebol brasileiro e mundial se desenrolaram diante de

batalha (marcações que ressaltam “famílias”, “pelotões”, “canis”, etc.).

⁶⁴ Pesquisas recentes mostram que a torcida do Flamengo possui entre 45-55% da preferência dos torcedores cariocas, seguido pelas torcidas de Vasco (15-20%), Fluminense (10-15%) e Botafogo (10-15%). Esses números apenas dão ênfase ao projeto de igualdade na maneira de abrigar os torcedores da cidade, dificultando a apropriação simbólica de uma torcida específica em relação ao estádio. Embora a torcida do Flamengo demonstre maior apego afetivo pelo estádio, por ser uma torcida mais numerosa e por não ter estádio apropriado para abrigar quaisquer jogos de outros campeonatos, suas manifestações simbólicas não alcançaram os grafites como meio de expressar esse sentimento. Para informações mais precisas, ver o site RSSF Brasil, um site que recolhe estatísticas e dados de várias pesquisas relacionadas ao futebol, incluindo um histórico de pesquisas realizadas por vários meios acerca do número de torcedores por todo o Estado do Rio de Janeiro – na parte III somente com números referentes à cidade). Disponível em: <<http://www.rssfbrasil.com/miscellaneous/torcidasrj.htm>>

grandes públicos, com pessoas de todas as camadas sociais.

A despeito de todas as mudanças, com especial destaque para esta última visando a Copa do Mundo de 2014 e as Olimpíadas de 2016, o estádio continuará como palco dos grandes eventos do futebol local, nacional e global. É ainda, portanto, o *locus* privilegiado quando se trata de exibir uma imagem positiva do Brasil, sobretudo do Rio de Janeiro. No entanto, a presença *in loco* é cada vez mais restrita àquele público tradicional que ajudou a construir a mística do estádio, uma presença que se baseava mais na busca da exaltação do seu clube e, ao mesmo tempo, se experimentar enquanto coletividade do que contemplar passivamente o espetáculo numa arquitetura atomizada pelas cadeiras numeradas por todo o estádio.

Dessa forma, podemos sintetizar neste equipamento histórico as mudanças globais das últimas décadas: o estádio, que já serviu aos propósitos de um reforço dos laços de pertencimento comum do Estado-nação brasileiro, naquilo que Benedict Anderson (1993) denominou como uma *comunidade política imaginada*, agora é o lugar que se vê inserido no centro das forças globalizantes e de mercado, recebendo também um público que, sem substituir completamente aqueles torcedores tradicionais, vai ao estádio sequeioso por receber os melhores serviços e desfrutar do evento sob uma ótica espetacularizada e midiática.

Contudo, apesar de todas estas modificações e alterações nos modos de torcer, o Maracanã continuará sendo o palco principal dos grandes acontecimentos carioca e brasileiro e, em 2014, novamente mundial. Ou seja, o Rio – parafraseando mais uma vez Gisella de Araújo Moura (2000) - continuará correndo para o Maracanã.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS: A SÍNTESE E OS FRAGMENTOS

Esse trabalho foi uma tentativa de mostrar como o grafite torna-se o produto visual e simbólico pelo qual é possível compreender as particularidades da construção histórica do futebol nas cidades do Rio de Janeiro e de Buenos Aires. Funcionando como instrumento analítico que guiou este trabalho, os grafites serviram para o entendimento de aspectos particulares tanto da formação histórica e territorial do quanto do imaginário dos torcedores cariocas e portenhos. Sob este prisma, vale apontar para aquilo que Michel Maffesoli intui sobre a relação entre imagem e imaginário, qual seja, o de que “não é a imagem que produz o imaginário, mas o contrário. A existência de um imaginário determina a existência de conjuntos de imagens. A imagem não é o suporte, mas o resultado” (MAFFESOLI, 2001, p. 76).

Disputas intergrupais, reforço de pertencimento local, projeto nacionalista; institucionalizado ou espontâneo; individual ou grupal; transgressor ou agregador; valorizando ou não o aspecto estético, o grafite, com seus pontos de convergência e divergências nas cidades estudadas, cumpre sua tarefa de, por meio de palavras misturadas com imagens, desvelar as várias facetas referentes ao futebol inserido na sociedade em Buenos Aires e Rio de Janeiro. Ademais, os grafites expressam o campo de embates discursivos que encontram ressonância nas formas de expressar as identidades dos grupos e suas memórias.

Nos casos aqui estudados, é importante notar alguns pontos: primeiro, a estrutura usada pelos torcedores é a mesma, isto é, a pintura de imagens e palavras sobre os muros da cidade. O segundo ponto se refere à funcionalidade (ou seja, o propósito do uso) dos grafites com motivos futebolísticos nas duas cidades: no caso do Rio de Janeiro, os grafites com motivos referentes ao futebol encontram prevalência nas imagens que se referem às representações de símbolos nacionais ou a justaposição dos clubes da cidade num mesmo enquadramento. Portanto, ainda que haja uma disputa discursiva que vai de encontro ao caráter consensual mais institucionalizado, como no caso das críticas em relação à Copa do Mundo na cidade, a função prevalecente se

remete mais a valorizar uma busca por harmonia entre os símbolos futebolísticos, reflexo de uma pretensa imparcialidade que estaria intimamente ligado a um projeto de construção de uma identidade nacional e, como resultado, a materialização de um patrimônio brasileiro e, em particular, carioca: o Estádio Jornalista Mário Filho, popularmente conhecido como Maracanã. São raros os casos em que se percebe a imagem de algum clube carioca tomado de forma isolada, preferindo-se quase sempre a imagem conjugada dos quatro clubes que, tradicionalmente, disputam a primeira divisão do campeonato nacional, com a ocasional representação de um quinto clube com residual presença local, como Bangu, América, ou alguma outra instituição representativa da cidade que não esteja necessariamente ligada ao futebol, como o caso dos grafites na escola de samba Mangueira.

A formação arquitetônica do Rio de Janeiro, ao contrário de Buenos Aires e sua planície opticamente infinita, não se comprometeu em conceber territórios racionalmente bem delimitados, sobretudo por fatores de natureza geográfica; desse modo, no que se refere ao futebol, não é uma cidade dividida em centros de referências localistas. Assim, nada mais sintomático do que a centralização aglutinadora ser encontrada num equipamento de dimensões colossais, capaz de abrigar verdadeiras multidões de indivíduos que se dividem em cores e paixões clubísticas. O Maracanã, apesar das obras radicais perpetradas nos últimos anos de modo a transformar sua configuração original, funciona ainda como umnexo simbólico, localizado no centro geográfico de uma cidade que se vê esvaziada de referências espaciais no futebol: músicas, bandeiras e grafites fazem pouca ou nenhuma referência aos locais geográficos em que estão inseridos.

No caso portenho, por outro lado, os grafites reforçam identidades territoriais dos grupos de torcedores que se construíram ao longo de décadas numa relação afetiva concretizada por todos os eventos acontecidos nos estádios da cidade, reforçando a histórica relação dialética entre *mandantes* e *visitantes*. A capital portenha, de fato, se configura naquilo que podemos vislumbrar como um território fragmentado por estádios e seus perímetros de

influência. Os grafites, ao mesmo tempo em que refletem essa fragmentação em microterritórios (os bairros), afirmam essa luta histórica pela defesa do território e pela afirmação de uma identidade local. Até os dias atuais, cada clube possui o seu próprio estádio, desenhando um verdadeiro mosaico que reflete as intensas rivalidades territoriais. Portanto, o sentimento de pertencimento dos torcedores em Buenos Aires aponta prioritariamente para a questão localista, diferentemente do caso visto no Rio de Janeiro. No imaginário coletivo dos torcedores, jogar *em casa* carrega um peso histórico que extrapola os acontecimentos restritos a uma partida de futebol; são as manifestações simbólicas de apropriação do território, tais como o grafite, que reforçam uma espécie de soberania sobre aquele espaço. Aqueles que não fazem parte do grupo estabelecido naquele território são vistos como “invasores”.

É possível compreender como a configuração localista é a força motora na construção histórica do futebol no imaginário dos torcedores portenhos. Os grafites, no caso de Buenos Aires, são expressões latentes de simbolização e apropriação do espaço que expressam as identidades territoriais em torno do futebol. Espalhados em uma cidade morfologicamente homogênea e social e etnicamente fragmentada, os grafites exibem como o futebol em Buenos Aires, ao contrário do Rio de Janeiro, é prevalentemente bairrista (ou localista). Desse modo, sua função é a de estabelecer a demarcação do espaço como forma de mostrar a influência do clube e seus torcedores naquele “pedaço” (espaço de identidade e de práticas coletivas que precisam ser visualizadas por si e pelo outro) e, ao mesmo tempo, reforçar sua existência por meio de conflitos simbólicos com o “outro”.

A racionalização característica na construção da cidade portenha facilitou sua divisão em microterritórios, com suas identidades localistas mais arraigadas, enquanto no Rio de Janeiro, a complexa e sinuosa formação topográfica dificultou toda e qualquer divisão simétrica e uniforme. No futebol, pelo que foi exposto, a unidade tão almejada nas cidades espanholas resultou numa atomização de identidades localistas que se conflitam em manifestações como o grafite, ao passo que o “desleixo” português, palavra de Hollanda, por outro lado,

não culminou em divisões territoriais bem delimitadas e simétricas, o que serve como um dos componentes para explicar como aqui as formas de identidades são menos localistas do que aquelas de classe e/ou étnicas, por exemplo.

Como corolário destas características supracitadas, o outro ponto que merece ser destacado é a diferença quanto aos atores que realizam os grafites: em Buenos Aires os grafites são produzidos em sua maioria por grupos de torcedores – *tribos urbanas*, na expressão de Maffesoli – que, sem intervenções institucionais, procuram espontaneamente celebrar os feitos do clube, defender o próprio território e, quando há brechas, macular o território rival, relevando que essas manifestações, na capital portenha, são mais livres e não se pautam prioritariamente pela legalidade; os grafites cariocas, por outro lado, estão mais ligados a instituições que os chancelam; desse modo, sua realização é feita mediante permissões previamente estabelecidas e acordadas entre instituições e pessoas contratadas e que não estão ligadas a nenhum clube, reforçando o caráter holístico e pretensamente menos parcial das representações imagéticas, com base na seleção nacional e nos clubes cariocas num plano indiferenciado que, nunca é demais repetir, reflete o processo (des)reterritorializador que tem como marco zero a aparição de um gigante de concreto capaz de aglutinar num único espaço todas as cores da cidade, do país e do mundo.

Contudo, se a história mostra que, no caso portenho, a relação com o território local é mais arraigada do que no caso carioca, onde o papel centralizador do Maracanã em torno dos clubes e como casa oficial da seleção nacional se sobrepôs às formas mais localistas de identidade, não se pretende aqui uma visão reducionista que coloque o futebol portenho como exclusivamente bairrista e o carioca como espaço desprovido deste elemento, privilegiando somente aspectos como classe e raça – que, por sua vez, de maneira alguma estão ausentes do primeiro. No futebol argentino também houve um trabalho na constituição de elementos étnicos que definissem um “ser argentino”⁶⁵ dentro e fora de campo: dentro, como vimos através dos estudos de

⁶⁵ Ver mais em: ALABARCES, Pablo. Tropicalismo y europeísmos: la narración de la diferencia entre Argentina y Brasil a través del fútbol. In: GASTALDO, Édison; GUEDES, Simoni Lahud.

Eduardo Archetti, uma fundação *criolla* que seria marca do estilo argentino de jogar, em contraponto ao estilo mecanicista dos britânicos; fora de campo, percebe-se relações estreitas entre clubes e comunidades étnicas – como a ligação dos judeus com torcedores do Atlanta e dos italianos (em especial genoveses) com o Boca Juniors – e clubes com a questão de classe – como a antinomia entre os abastados torcedores ligados ao River Plate (apelidados de *millionarios*, pela localização do clube num bairro nobre da cidade) e os mais humildes torcedores do Boca Juniors (apelidados de *bosteros*, devido à situação precária das residências em La Boca). Contudo, a questão territorial apresenta-se de maneira mais intensa, seja nos cânticos, nas bandeiras e, claro, nos grafites.

Da mesma forma, no caso carioca, há exemplos importantes de relação localista, como é o caso do Bangu, no distante bairro homônimo, onde ainda hoje são realizadas partidas do clube e seus torcedores orgulham-se de gritar tanto pelo clube quanto pelo bairro⁶⁶. No entanto, o caso do Rio de Janeiro, ao contrário do portenho, não apresenta representações simbólicas tão latentes como aquelas apresentadas em Buenos Aires.

Robert Park, em seu trabalho seminal sobre as cidades como uma espécie de organismo social, afirmara que “a cidade é um estado de espírito, um corpo de costumes e tradição e dos sentimentos e atitudes organizados, inerentes a esses costumes e transmitidos por essa tradição” (PARK, 1967, p. 29). Portanto, se cada cidade tem sua cultura própria, o futebol – embora praticado de maneira padronizada e global pelas suas regras e alcance – deve ser visto como um produto cultural capaz de exprimir essas diferenciações e particularidades de cada sociedade e seus grupos em relação com o seu território. E, como tentou-se mostrar neste trabalho, poderíamos afirmar isto pela

Nações em campo: Copa do Mundo e identidade nacional. Niterói: Intertexto, 2006. Neste texto, Alabarces mostra as narrativas relativas a uma construção de uma narrativa que privilegiasse características europeias (brancas e elitistas), em contraposição à mestiçagem brasileira. No entanto, Alabarces aponta que estas narrativas europeístas deram uma guinada para uma que colocasse a criollização no primeiro plano no momento que a imigração maciça tornava-se uma ameaça à homogeneidade das elites nacionais.

⁶⁶ Cf. Alegoria do gigante mostra sua nova face. *O Globo*, Rio de Janeiro, 15 abr. 2012. Caderno de esportes, p.4.

forma fidedigna com que os grafites exibem esse espírito cultural do futebol em cada uma das cidades aqui estudadas: a síntese carioca na imagem do gigante de concreto do Maracanã e a constelação portenha com seus clubes e estádios espalhados pelos bairros da cidade.

6. REFERÊNCIAS:

ADORNO, Theodor. *Indústria cultural e sociedade*. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

ALABARCES, Pablo. El silencio In: El silencio “deportivo” de las ciencias sociales. *Cuadernos del mundial*. Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales - CLACSO, n. 1, junho 2014.

ALTHUSSER, Louis. *Ideologia e aparelhos ideológicos do Estado*. 3. ed. Lisboa: Presença, 1980.

ANDERSON, BENEDICT. *Comunidades imaginadas: Reflexiones sobre el origen y la difusión del nacionalismo*. México: Fondo de Cultura Económica, 1993.

ARAGÓN, Silvio. *La construcción de identidades y rivalidades futbolísticas, en Buenos Aires*. *Esporte e Sociedade*, ano 6, nº17, mar/ago. 2011.

ARCHETTI, Eduardo. *Masculinidades: fútbol, tango y polo en la Argentina*. Buenos Aires: Antropofagia, 2003.

_____. *El Potrero, la pista y el ring: las patrias del deporte argentino*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2001.

ASSAF, Roberto; MARTINS, Clóvis. *História dos campeonatos cariocas de futebol – 1906-2010*. Rio de Janeiro: Maquinária, 2010.

BAUMAN, Zygmunt. *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

BOURDIEU, Pierre. *A Distinção: crítica social do julgamento*. São Paulo: Edusp; Porto Alegre, RS: Zouk, 2008.

_____. *Questões de sociologia*. Lisboa: Fim de século, 2003.

_____. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

CABRAL, Cláudia Piantá C. *Uma máquina para jogar em Buenos Aires 1938-1978*. Rio Grande do Sul. *Arqtexto* 17, 2010.

CANCLINI, Nestor Garcia. *Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2010.

_____. *Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo: EDUSP, 2013.

COUTINHO, Renato Soares. *Aos esportes do Brasil, o colosso da cidade: no*

maior estádio do mundo cabe uma Nação. In: FERREIRA, Jorge (org.). *O Rio de Janeiro nos jornais: ideologias, culturas políticas e conflitos sociais (1946-1964)*. Rio de Janeiro: 7letras, 2011.

DAMATTA, Roberto. *Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.

_____. *A bola corre mais que o homem*. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.

_____. Esporte na sociedade: futebol como drama nacional. In: Revista Concilium: sociologia da religião. Petrópolis, RJ: Vozes, n.225, 1989.

DÉAN, Alberto. *San Lorenzo querido: 100 años de pasión*. Buenos Aires: Dos Tintas, 2007.

DRUMOND, Maurício da Silva. *Nações em jogo: esporte e propaganda política em Vargas e Perón*. Rio de Janeiro: Apicuri, 2008.

DUNNING, Eric & ELIAS, Norbert. *A busca da excitação*. Lisboa: Difel, 1992.

ERICEIRA, Ronaldo Clay dos Santos. Escolas de samba: território e processos de identificação social. Revista Pós Ciências Sociais. v. 1 n. 11 São Luis/MA, 2009.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir*. Petrópolis: Vozes, 1999.

FREYRE, Gilberto. Prefácio. In: FILHO, Mario. *O negro no futebol brasileiro*. Rio de Janeiro: MAUAD, 2003.

FRYDENBERG, Julio David. *Espacio urbano y practica del futbol: Buenos Aires 1900-1915*. Lecturas Educación Física y Deportes, año 4. nº 13. Buenos Aires, Marzo, 1999.

GAFFNEY, Christopher Thomas. *Temples of the earthbound gods: stadiums in the cultural landscapes of Rio de Janeiro and Buenos Aires*. University of Texas Press. Austin, 2008.

GÁNDARA, Leila. *Graffiti*. Buenos Aires: Editorial Universitaria de Buenos Aires, 2004.

GANZ, Nicholas. *O mundo do grafite: arte urbana dos cinco continentes*. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

GASTALDO, Édison; GUEDES, Simoni Lahud. *Nações em campo: Copa do Mundo e identidade nacional*. Niterói: Intertexto, 2006.

GIDDENS, Anthony. *As conseqüências da modernidade*. São Paulo: UNESP, 1991.

_____. *Mundo em descontrole: o que a globalização está fazendo de nós*. 8ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2011.

GITAHY, Celso. *O que é graffiti*. São Paulo: Brasiliense, 1999.

GORELIK, Adrian. *La grilla y el parque: espacio público y cultura urbana em Buenos Aires, 1887-1936*. Bernal: Universidad Nacional de Quilmes, 1998.

_____. *El color del barrio: mitología barrial y conflicto cultural en la Buenos Aires de los años veinte*. Variaciones Borges 8, 1999.

_____. *Miradas sobre Buenos Aires: Historia cultural y crítica urbana*. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2013.

HAESBAERT, Rogério. *O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

HOBSBWAN, Eric. *Nações e nacionalismo desde 1780*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

HOBSBAWN, Eric; Ranger, Terence. *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

HOLLANDA, Bernardo Buarque de. *Os clubes de futebol como vontade e representação*. Rio de Janeiro: 7letras, 2009.

JOULY, Martine. *Introdução à análise da imagem*. Campinas, SP: Papirus, 2012.

LIPOVETSKY, Gilles. *A cultura-mundo: resposta a uma sociedade desorientada*. São Paulo, Companhia das letras, 2011.

LOVISOLO, Hugo. Introdução. In: HELAL, Ronaldo. *A invenção do país do futebol: mídia, raça e idolatria*. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.

LYOTARD, Jean-François. *A condição pós-moderna*. 14ª ed. Rio de Janeiro:

José Olympio, 2011.

MAFFESOLI, Michel. *O tempo retorna: formas elementares da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

_____. *O imaginário é uma realidade*. Revista FAMECOS. Porto Alegre, nº 15, agosto 2001. Entrevista concedida a Juremir Machado da Silva, em Paris, em 20/03/2001.

_____. *O instante eterno*. São Paulo: Zouk, 2003.

_____. *O tempo das tribos*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Forense universitária, 2010.

MAGNANI, José Guilherme C. *Da periferia ao centro: trajetórias de pesquisa em Antropologia Urbana*. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2012.

_____. Quando o campo é a cidade: fazendo antropologia na metropole. In: MAGNANI, José Guilherme C.; TORRES, Lilian de Lucca (Orgs). *Na metrópole: textos de antropologia urbana*. EDUSP, São Paulo, 1996.

MASSEY, Dorren. Um sentido global do lugar. In: ARANTES, A. A. (org.). *O espaço da diferença*. Campinas: Papius, 2000. p. 176 – 185.

MOREIRA, Maria Veronica. *El Rojo y Newell's Old Boys, un sólo corazón: reciprocidad, amistad y rito de comensalidad entre las hinchadas de fútbol em Argentina*. In: ALABARCES, HInchadas. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2005, pp. 91-101.

MORIN, Edgar. *Cultura e barbárie européias*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.

MOURA, Gisella de Araujo. *O Rio corre para o Maracanã*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998.

MURAD, Maurício. *A violência e o futebol: dos estudos clássicos aos dias de hoje*. Rio de Janeiro: FGV, 2007.

PAIS, José Machado. *Lazeres e sociabilidades juvenis – um ensaio de análise etnográfica*. In: *Análise Social*, vol. XXV nº 108 e 109, Lisboa: 1990.

Park, Robert. A cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano. In Velho, Octávio Guilherme (org.). *O fenômeno urbano*. Guanabara: Rio de Janeiro, 1967.

PEIXOTO, Nelson Brissac. *Paisagens urbanas*. 3ª ed. São Paulo: Editora Senac

São Paulo, 2004.

PEREIRA, Leonardo Affonso. *Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro – 1902-1938*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

POLLAK, Michael. *Memória, esquecimento, silêncio*. In: Estudos Históricos, Rio de Janeiro: vol. 2, nº 3. Rio de Janeiro: CPDOC, 1989.

_____. *Memória e identidade social*. In: Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 5, nº 10, 1992.

REIN, Raanan. *Los bohemios de Villa Crespo: judíos y fútbol en la Argentina*. Buenos Aires: Sudamericana, 2012.

SANDER, Roberto. *Anos 40: viagem à década sem Copa*. Rio de Janeiro: Bom Texto, 2004.

_____. *Sul-Americano de 1919: quando o Brasil descobriu o futebol*. Rio de Janeiro: Maquinário, 2009.

SANTOS, Milton. *Ensaio sobre a organização latino-americana*. São Paulo: HUCITEC, 1982.

SANTOS, Ricardo Pinto dos. Uma breve história social do esporte no Rio de Janeiro. In: SILVA, Francisco Carlos Teixeira da, SANTOS, Ricardo Pinto dos. (orgs). *Memória social dos esportes: futebol e política: a construção de uma identidade nacional*. Rio de Janeiro: Mauad Editora: FAPERJ, 2006.

RODRIGUES, Nelson. *À sombra das chuteiras imortais*. São Paulo: Companhia das letras, 1993.

SANTOS JÚNIOR, João Júlio Gomes dos. *Jacobinismo, antilusitanismo e identidade nacional na República Velha*. *Historiæ*, Rio Grande, v.2, n.2: 89-106, 2011, p.122.

SARLO, Beatriz. *Modernidade periférica: Buenos Aires 1920 e 1930*. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

SEVCENKO, Nicolau. *A Revolta da Vacina: mentes insanas em corpos rebeldes*. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

SCHUTZ, Alfred. *Sobre fenomenologia e relações sociais*. Petrópolis: Vozes, 2012.

SILVA, Carlos Leonardo Bahiense da. Sobre o negro no futebol brasileiro, de Mário Filho. In: SILVA, Francisco Carlos Teixeira da, SANTOS, Ricardo Pinto dos.

(orgs) *Memória social dos esportes: futebol e política: a construção de uma identidade nacional*. Rio de Janeiro: Mauad Editora: FAPERJ, 2006.

SOUZA, Ricardo Luiz de. *O Antilusitanismo e a afirmação da nacionalidade*. Revista Politeia: História e Sociedade, Vol. 5, Nº 1, 2005.

TOLEDO, Luiz Henrique. *Torcidas organizadas de futebol*. Campinas, SP: Autores Associados/ANPOCS, 1996.

ULLIANA, Santiago; MURZI, Diego; SUSTAS, Sebastian. Violencia y muerte en el fútbol argentino: una aproximación estadística. Revista Digital Ef Deportes – Buenos Aires – Año 14 – Nº 132 – Mayo de 2009.

VATTIMO, Gianni. *A sociedade transparente*. Lisboa: Relógio D'água, 1992.

VELHO, Gilberto. *Mudança, crise e violência: política cultural no Brasil contemporâneo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

VIEIRA, José Jairo. *Paixão Nacional e mito social: a participação do negro no futebol, profissionalização e ascensão social*. Instituto Universitário de Pesquisa do Rio de Janeiro – IUPERJ Doutorado em sociologia, 2001.

WEBER, Max. *Ciência e política: duas vocações*. 23ª ed. São Paulo: Cultrix.

6.1 SITES CONSULTADOS:

CLARÍN. San Lorenzo está cada vez más cerca de Boedo. Deportes, 04 abr. 2014. Disponível em: <<[http://www.clarin.com/deportes/San Lorenzo-Vuelta a Boedo 0 1114088880.html](http://www.clarin.com/deportes/San_Lorenzo-Vuelta_a_Boedo_0_1114088880.html)>> Acesso em: 12/05/2014.

ESPN BRASIL. Dossiê Maracanã: Superintendente do IPHAN que autorizou bota-abaixo do Maracanã é funcionário do governo do Estado. Disponível em: <<http://www.espn.com.br/noticia/330860_dossie-maracana-superintendente-do-iphan-que-autorizou-bota-abaixo-do-maracana-e-funcionario-do-governo-do-estado>> Acesso em: 03/09/2013

FLAPEDIA. Disponível em: <<<http://www.flamengo.com.br/flapedia>>> Acesso em: 10/09/2013.

JORNALHEIROS. Disponível em: <<<http://www.jornalheiros.blogspot.com.br>>> Acesso em: 10/09/2013.

LA GAZZETTA DELLO SPORT. Inter-Lazio: profuma di dollari. 07 ago. 2009. Disponível em: <<<http://www.gazzetta.it/Calcio/07-08-2009/inter-lazio-profuma->

[dollari 50978734117.shtml](#)>> Acesso em: 10/12/2012.

MUNDO FLORESTA. Floresta herida en su pertinência. Disponível em: <<<http://www.mundofloresta.com/elbarrio/floresta.php?id=5358>>> Acesso em: 05/05/2013.

NETVASCO. Disponível em: <<<http://www.netvasco.com.br>>> Acesso em: 10/09/2013

GLOBO ESPORTE. Artista brasileiro grafita camisa do Vasco em muro de Paris. Disponível: <<http://globoesporte.globo.com/futebol/times/vasco/noticia/2011/07/artista-brasileiro-grafita-camisa-do-vasco-em-muro-de-paris.html>>. Acesso em: 15/06/2013

GRITOS DE SUBURBIA. Pintadas, graffitis y murales de clubes de fútbol [parte 1] – argentinas y europeas]. Disponível em: <<<http://gritosdesuburbia.blogspot.com.br/2013/08/pintadas-graffitis-y-murales-de-clubes.html>>> Acesso em: 16/10/2013.

O DIA. Impasse na Favela do Metrô. Disponível em: <<<http://odia.ig.com.br/portal/rio/impasse-na-favela-do-metr%C3%B4-1.572870>>> Acesso em: 20/02/2014

O ESTADO DE SÃO PAULO. Moradores de Gaza protestam por visita de israelense ao Barcelona. Geral, 07 out. 2012. Disponível em: <<<http://www.estadao.com.br/noticias/geral,moradores-de-gaza-protestam-por-visita-de-israelense-ao-barcelona,941947,0.htm>>> Acesso em: 09/04/2013.

O GLOBO. Grupos concorrem a prêmio de melhor grafite nos muros do metrô. <<<http://oglobo.globo.com/rio/grupos-concorrem-premio-de-melhor-grafite-nos-muros-do-metro-6595228>>> Acesso em: 15/06/2013.

O GLOBO. Seleção não terá torcida de 45% dos entrevistados em pesquisa no Rio. Esportes, 09 mai. 2014. Disponível em: <<<http://oglobo.globo.com/esportes/selecao-nao-tera-torcida-de-45-dos-entrevistados-em-pesquisa-no-rio-12425856#ixzz379iQTIJE>>> Acesso em 08/06/2014.

O GLOBO. Moradores de favela voltam a fechar Radial Oeste em protesto contra derrubada de casas. Disponível em: <<<http://oglobo.globo.com/rio/moradores-de-favela-voltam-fechar-radial-oeste-em-protesto-contraderrubada-de-casas-11238663#ixzz2pr5ZrXgC>>> Acesso em: 19/02/2014.

OLE. Lo salva la gente. Disponível em: <<http://www.ole.com.ar/san-lorenzo/Hace-fuerza_0_659934341.html>> Acesso em: 13/05/2012.

PLURI CONSULTORIA. Brasil, País do ingresso mais caro do mundo! Disponível em:

<<<http://www.pluriconsultoria.com.br/uploads/relatorios/PLURI%20eSPECIAL%20-%20ingresso%20mais%20caro%20do%20mundo.pdf>>> Acesso em: 17/01/2014

PROYECTO DE LEY. Disponível em:

<<<http://schcasla.com.ar/libreria/pdf/1289511641.pdf>>> Acesso em 08/05/2013.

RSSSF. Disponível em: <<<http://www.rsssfbrasil.com>>> Acesso em: 10/09/2013

THE GUARDIAN. Tottenham fans plan match-day protest against Olympic Stadium move. 14 jan. 2011. Disponível em:

<<<http://www.theguardian.com/football/2011/jan/14/tottenham-hotspur-olympic-stadium>>> Acesso em: 09/04/2013

UOL. Maracanã excede custos projetados e tem ingresso 30% mais caro.

Disponível em: <<http://esporte.uol.com.br/futebol/campeonatos/brasileiro/serie-a/ultimas_noticias/2013/09/12/maracana-gasta-mais-do-que-planejado-e-tem-ingresso-30-mais-caro.htm>> Acesso em: 19/02/2014

6.2 JORNAIS IMPRESSOS:

O PAIZ; Rio de Janeiro, 10 de julho de 1923, p.9.

O GLOBO; Rio de Janeiro, 15 abr. 2012. Caderno de esportes, p.4.

JORNAL DO BRASIL; Rio de Janeiro, 16 de março de 1948, p.10

JORNAL DO BRASIL; Rio de Janeiro, 28 de agosto de 1998, Esportes, p.38.